

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TIAGO RÉGIO GIACOMASSI

“PARA INSTRUIR O ENTENDIMENTO E FORMAR O CORAÇÃO”: CULTURA
IMPRESSA PROTESTANTE NO ROMANCE “A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN” NO
IMPrensa EVANGÉLICA (1864-1867)

CURITIBA

2019

TIAGO RÉGIO GIACOMASSI

“PARA INSTRUIR O ENTENDIMENTO E FORMAR O CORAÇÃO”: CULTURA
IMPRESSA PROTESTANTE NO ROMANCE “A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN” NO
IMPrensa EVANGELICA (1864-1867)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em
História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre
em História.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Giacomassi, Tiago Régio

“Para instruir o entendimento e formar o coração” : cultura impressa protestante no romance “ A história de André Dunn” no Imprensa Evangelica (1864 – 1867) . / Tiago Régio Giacomassi. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Profª. Drª. Karina Kosicki Bellotti

1. Missões – História - Brasil. 2. Cultura popular – História – Sec. XIX.
3. Missões norte-americanas. 4. Jornal Imprensa Evangelica. 5. Imprensa protestante. I. Título.

CDD – 266.00981




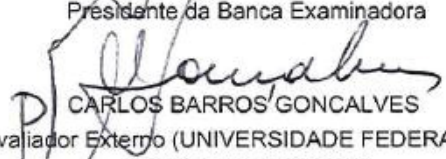
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0


TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **TIAGO REGIO GIACOMASSI**, intitulada: **PARA INSTRUIR O ENTENDIMENTO E FORMAR O CORAÇÃO: CULTURA IMPRESSA PROTESTANTE NO ROMANCE A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN NO IMPRENSA EVANGELICA (1864-1867)**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.
A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 21 de Agosto de 2019.


MARCOS GONÇALVES
Presidente da Banca Examinadora


CARLOS BARROS GONÇALVES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS)


EUCIDES MARCHI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



"a vida é a espera do que pode ser vivido"

Mia Couto.

Em memória de minha avó, Maria José Asinelli Régio
(1931-2018)

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela concessão de bolsa desde a graduação, bolsas que me permitiram realizar o trabalho no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e a presente pesquisa.

À professora doutora Karina Kosicki Bellotti, pela orientação, conhecimento compartilhado e paciência.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa, professor doutor Euclides Mariachi e professor doutor Carlos Barros Gonçalves, pelas análises e sugestões. Ao professor Euclides, gostaria de deixar um agradecimento especial pela enriquecedora aula ministrada na disciplina de Seminário de Intersubjetividade e Pluralidade II.

Aos professores do curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Aos meus pais e avós, pelo suporte.

Ao meu irmão e melhor amigo Diego, pelo encorajamento e pelos debates.

À Thais, exemplo de força, pelo amor, pelo companheirismo, pelos debates e cafunés.

Ao Valdemir, pela amizade, por me ouvir e pela companhia nos almoços no Agrárias.

Ao Franklin, pela amizade e confiança.

Aos demais professores, colegas e funcionários da Universidade Federal do Paraná.

À Daniele, amiga que desde a graduação esteve ao meu lado.

À Angela, pela ajuda no início dessa caminhada, pelo incentivo e exemplo.

Ao reverendo Eliezer, pela atenção e tratamento durante minha visita ao Arquivo Histórico Presbiteriano.

RESUMO

Nesta dissertação buscamos compreender de que maneira uma cultura impressa de massa norte-americana pode ser percebida no jornal *Imprensa Evangelica* e a que elementos constitutivos do movimento missionário ele obedeceu. Tendo como principal objeto de pesquisa *A História de André Dunn*, um romance-folhetim traduzido para o português e publicado nos números de 1866, analisamos também de que maneira os editores visavam atingir o público brasileiro com uma publicação como essa. Resultado da atuação das missões protestantes norte-americanas no Brasil, o *Imprensa Evangelica* atuou por cerca de vinte e oito anos em território brasileiro tendo como principal objetivo promover a conversão e evangelização da população local ao protestantismo. Na presente pesquisa, trabalhamos com o período que corresponde aos primeiros anos de atuação do jornal quando este foi liderado por seu principal fundador, o missionário Ashbel Green Simonton de 1864 a 1867. Antes de chegar ao Brasil em 1859, Simonton testemunhou o nascimento de uma cultura impressa de massa em sua terra natal e, com isso, foi um dos responsáveis por trazer ao país uma série de conteúdos e estratégias utilizadas pelo setor religioso protestante resultantes desse evento. Dentre essas contribuições, podemos citar a apropriação do gênero literário romance e a utilização de imagens impressas. De maneira geral, esses conteúdos visavam por sugestão ou influência proporcionar conteúdo devocional e evangelizador e serviram como ferramentas missionárias nos mais variados campos de missão. Entretanto, ao contrário do que por muito tempo se pensou a respeito das missões protestantes oitocentista, consideradas ora como uma ferramenta imperialista motivada exclusivamente por questões políticas e econômicas ora como mero ato de benevolência com relação ao próximo, buscamos pensá-las partindo do pressuposto de que as mensagens e intenções missionárias não se deram exclusivamente através da dominação cultural, mas que localmente elas foram apropriadas, transformadas e resistidas. Assim, para a análise do supramencionado romance-folhetim, contamos com a contribuição do historiador cultural Roger Chartier para a História da Leitura levando em conta suas noções acerca do conceito de representação e dos procedimentos de produção de textos e livros. Visando cumprir com nossa proposta, elencamos ainda os principais pontos presentes no jornal em sua primeira gestão e colocamos em paralelo com os principais assuntos que circundavam a atividade missionária no Brasil da época. Com isso, pudemos perceber que a apropriação e veiculação desse gênero literário pelo jornal deixou importantes indícios dos traços constitutivos do missionarismo protestante oitocentista como: o emocionalismo pietista, o voluntarismo arminiano conversionista e o anticatolicismo.

Palavras-chave: *Imprensa Evangelica*; Missões protestantes; Cultura impressa de massa norte-americana; *A História de André Dunn*.

ABSTRACT

In this dissertation we seek to understand how a North-American mass printed culture can be perceived in the newspaper *Imprensa Evangelica* and to what constitutive elements of the missionary movement this newspaper obeyed. Having as main research object *The Story of André Dunn*, a novel translated into Portuguese and published in the editions of 1866, we also analyzed how publishers aimed to reach the Brazilian public with such publication. As a result of the work of North-American Protestant missions in Brazil, the *Imprensa Evangelica* worked for about twenty-eight years in Brazil, with the main objective of promoting the conversion and evangelization of the local population to Protestantism. In the present research, we work with the period that corresponds to the first years of the paper's activity when it was led by its main founder, the missionary Ashbel Green Simonton from 1864 to 1867. Before arriving in Brazil in 1859, Simonton witnessed the birth of a mass printed culture in his homeland and, as a result of this, he was the responsible for bringing to the country a series of contents and strategies used by the Protestant religious sector resulting from this event. Among these contributions, we can mention the appropriation of the novel literary genre and the use of printed images. In general, these contents aimed by suggestion or influence to provide devotional and evangelizing content serving as a missionary tool in the most varied fields of mission. However, contrary to what has been thought for a long time about the nineteenth-century missionary movement, considering it as an imperialist tool motivated exclusively by political and economic issues, or as a mere act of benevolence toward others, we seek to consider them by the assumption which assumes that missionary messages and intentions were not exclusively given through cultural domination, but locally they were appropriated, transformed, and resisted. Thus, for the analysis of the above-mentioned novel, we count on the contribution of the cultural historian Roger Chartier for the history of reading, taking into account his notions about the concept of representation and the procedures of production of texts and of the books. Aiming to comply with our proposal, we also list the main points present in the newspaper in its first management and put in parallel with the main issues surrounding the missionary activity in Brazil at the time. With this, we could perceive that the appropriation and circulation of this literary genre by the newspaper left important indications of the constitutive traits of the Protestant missionarism of the nineteenth century, such as: Pietist emotionalism, Arminian voluntarism of conversion and anticatholicism.

Keywords: *Imprensa Evangelica*; Protestant missions; American mass print culture; *The History of Andrew Dunn*.

LISTA DE ABREVIATURAS

SAT – Sociedade Americana de Tratados

SBA – Sociedade Bíblica Americana

SMB – Sociedade Missionária Batista

SML – Sociedade Missionária de Londres

UCAME – União Cristã Americana de Missões Estrangeiras

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ESTATÍSTICAS DAS MISSÕES NO JAPÃO.....	36
FIGURA 2 - CAPA PRIMEIRA EDIÇÃO DO IMPRENSA EVANGELICA.....	48
FIGURA 3 - ESPAÇO RESERVADO AO AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES 5/1/1867.....	49
FIGURA 4 - A INSANIA DA IDOLATRIA.....	68
FIGURA 5 - THE HEATHEN MOTHER.....	80
FIGURA 6 - A MÃI INDIANA.....	80
FIGURA 7 - EXEMPLO DA DIVISÃO DE A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN DENTRO DO JORNAL IMPRENSA EVANGELICA.....	85
FIGURA 8 - CAPA DO LIVRO A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN DE 1827 VEICULADA NOS EUA.....	93
FIGURA 9 - CAPA DA VERSÃO CATÓLICA DE ANDRÉ DUNN DE 1837 ESCRITA PELO PADRE IRLANDÊS JOHN HUGHES.....	96
FIGURA 10 - CATÁLOGO PARCIAL DAS PUBLICAÇÕES EM PORTUGUÊS DA SOCIEDADE AMERICANA DE TRATADOS.....	97

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL E PARA OS ESTADOS UNIDOS EM NÚMERO DE PESSOAS 1860–1889.....	41
TABELA 2 - RESULTADO DA BUSCA DE PALAVRAS – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
------------------	---

CAPÍTULO 1

“A MENSAGEM É UNIVERSAL, O CONVITE PARA TODOS, E A PROMESSA PESSOAL”: MISSÃO, COMUNICAÇÃO E INFLUÊNCIA DA CULTURA IMPRESSA DE MASSA NORTE-AMERICANA NO PRIMEIRO JORNAL PROTESTANTE DA AMÉRICA LATINA (1864-1867)	12
1.1 POR UMA COMPREENSÃO DE MISSÃO	14
1.2 O DESPERTAR MISSIONÁRIO	24
1.3 RELIGIÃO, MISSÃO E COMUNICAÇÃO	32
1.4 “ELES SÃO NOMINALMENTE CRISTÃOS, MAS SABEM MUITO POUCO DO PODER OU EXCELÊNCIA DO EVANGELHO”	39
1.5 “PELA PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO, PELA VIVIFICAÇÃO DA DEVOÇÃO DOMÉSTICA”: O PRIMEIRO JORNAL PROTESTANTE DA AMÉRICA LATINA	46

CAPÍTULO 2

O IMPRENSA EVANGELICA DA PRIMEIRA GESTÃO (1864-1867)	54
2.1 DO JORNAL LAICO À IMPRENSA RELIGIOSA (1808–1848)	54
2.2 A PRÁTICA PROSELITISTA NA PRIMEIRA FASE DO IMPRENSA EVANGELICA	65
2.3 DO ROMANCE FOLHETIM PROSELITISTA	75

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN: CONVERSÃO E PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO NO IMPRENSA EVANGELICA DA PRIMEIRA GESTÃO (1864-1867)	84
3.1 SOBRE A TRAMA	84
3.2 ASPECTOS DA AUTORIA E OBRA	87
3.2.1 Um retrato da Irlanda de Thomas Kelly: <i>A História de André Dunn</i> e sua circulação (1792-1841)	89
3.2.2 André Dunn no Imprensa Evangelica	97

3.3 ANDRÉ E A CONVERSÃO INDIVIDUAL COMO EXEMPLO	100
3.3.1 Padre Domingos como representação do catolicismo brasileiro	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
FONTES.....	121
REFERÊNCIAS.....	126

INTRODUÇÃO

O Brasil do século XIX testemunhou a vinda de missionários norte-americanos que visavam introduzir e consolidar a religião protestante nessas terras. De maneira geral, esses empreendimentos nasceram de associações religiosas voluntárias oriundas da Europa e dos Estados Unidos que pregavam uma noção universal de religião, entendida pela maioria dos missionários como sinônimo do cristianismo propagado por eles.

Outrossim, as missões protestantes do século XIX cresceram principalmente durante o contexto relacionado ao colonialismo e imperialismo da época e, embora as missões tenham feito parte da expansão ocidental ocorrida principalmente nos territórios da África e Ásia, a América Latina também foi palco de práticas missionárias como a pregação, distribuição e venda de Bíblias na língua local e instrução da população alvo de missão (SILVA, 2014, p.211).

Isto posto, nosso primeiro contato com esse objeto de estudo ocorreu durante a graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, quando tomamos conhecimento do projeto de pesquisa liderado pelo professor doutor Wilson Maske cuja temática envolvia as missões protestantes oitocentistas em território brasileiro. Entre os anos de 2014 e 2015, desenvolvemos um Projeto de Iniciação Científica no campo da História das Relações Internacionais entre Brasil e Estados Unidos intitulado: *Missões Protestantes e as relações Brasil e Estados Unidos (1871-1918)*. Nessa pesquisa analisamos a edição de 1941 do livro *Brasil e os brasileiros* (1867), mediante o qual conhecemos a trajetória do missionário norte-americano James Cooley Fletcher (1823 - 1901), um importante negociador e estrategista no que se refere à aproximação comercial entre os dois países.

Após essa experiência, produzimos o Trabalho de Conclusão de Curso denominado: *Missões protestantes e as relações Brasil e Estados Unidos no século XIX* e conhecemos as trajetórias de outros missionários, como Daniel Parish Kidder (1815–1891) e Ashbel Green Simonton (1833 - 1867). Desde este momento, dedicamo-nos a aprofundar os estudos relacionados ao tema e no ano de 2016, elaboramos um projeto de pesquisa para participar do processo de seleção do mestrado em História da Universidade Federal do Paraná, a proposta mantinha-se no campo da História das Relações Internacionais e pretendia trabalhar a atuação de James Cooley Fletcher no Brasil entre os anos de 1850 e 1865.

Entretanto, ao longo do curso de mestrado, entendemos a necessidade de readequar a pesquisa, o que envolveu uma nova abordagem teórica e metodológica fora do campo das Relações Internacionais e um novo objeto de estudos. Sob a orientação da professora doutora Karina Kosicki Bellotti, aproximamo-nos aos referenciais teóricos da História Cultural das Religiões e buscamos novas fontes documentais.

Ainda na graduação, desde as primeiras investigações sobre as missões protestantes, Simonton parecia-nos um interessante personagem: introdutor do presbiterianismo no Brasil, fundador da primeira Igreja Presbiteriana, hábil pregador e fundador do jornal *Imprensa Evangelica*. À vista disso, tomamos sua trajetória como o ponto de partida para a reformulação da pesquisa. Ao fazê-lo, deparamo-nos com trabalhos acadêmicos que referenciavam números do *Imprensa Evangelica* que estão disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional, este acervo e o do Arquivo Histórico Presbiteriano foram fundamentais para nossa investigação.

Em função da variedade dos conteúdos oferecidos pelo jornal - traduções, opiniões do corpo editorial, noticiário, romances-folhetim - estabelecemos que ele fosse a principal fonte da pesquisa e desde o primeiro momento, chamaram-nos atenção os romances-folhetim. Conforme o jornal, eles eram apenas traduções e incluímos a busca por sua autoria nas pesquisas que realizávamos nos arquivos digitais estrangeiros naquele momento, foi durante essa busca que encontramos no Archive.org documentos relacionados às principais sociedades de tratados norte-americanas como a Sociedade Americana de Tratados (1825).

Compreendemos então a dimensão do alcance dessas publicações e sua utilização pelo mundo, além da capacidade técnica do meio editorial do século XIX, mais precisamente durante o período que antecedeu a Guerra Civil norte-americana (1861 - 1865) que resultou no surgimento da cultura impressa de massa nos Estados Unidos (MORGAN, 2014, p.235).

Para David Morgan (1999), esse fenômeno envolveu a circulação, produção, venda e distribuição de bens impressos para o consumo e possibilitou que os evangélicos, em meio ao cenário de otimismo e benevolência a favor da evangelização mundial, utilizassem a imprensa como um “meio visual e textual conveniente e de baixo custo para tal” (MORGAN, 2014, p.251). Isso significou no surgimento de uma grande quantidade de impressos evangélicos, os quais foram vendidos, distribuídos, apropriados e veiculados nos mais diversos lugares do mundo.

Parte desses conteúdos como imagens devocionais, tratados e romances estiveram presentes no jornal *Imprensa Evangelica*.

Apesar da presença protestante no Brasil datar do século XVI com os huguenotes franceses no Rio de Janeiro (1555 - 1560) e holandeses reformados na região onde hoje é o Nordeste (1630 - 1654), para Antonio Gouvêa Mendonça (1990) o protestantismo se inseriu no país somente a partir de 1810 com a chegada de comunidades anglicanas e luteranas. Este movimento do início do século XIX foi um projeto voltado à imigração, pensado para atender essas comunidades e suprir suas necessidades religiosas, sem o interesse de propagação religiosa pelo país. Foi a partir da década de 1830 que se iniciou uma ação de cunho evangelizador envolvendo a religião protestante no Brasil, representada pela investida das juntas de missão independentes e das sociedades de tratados.¹

A princípio, missionários patrocinados por essas sociedades, como Daniel Parish Kidder e Justin R. Spaulding, atuaram por meio da pregação e da venda e distribuição de Bíblias e folhetos, somente a partir da segunda metade do século XIX, em função de ações das juntas de missão norte-americanas denominacionais, deu-se a fixação e consolidação do protestantismo no país com a fundação de igrejas, jornais e escolas.

Os primeiros a construir igrejas no Brasil foram os batistas (1859), os presbiterianos (1862) e logo depois os metodistas (1878), para além de pregarem e distribuírem pequenos excertos do Evangelho, tais denominações fundaram seus próprios jornais com a perspectiva de ampliar o poder de propagação do Evangelho² mediante o uso desse meio de comunicação.

Como resultado desses empreendimentos nasceu o primeiro jornal protestante do Brasil e da América Latina: o *Imprensa Evangelica*, em 1864, que foi aprovado e financiado pela Companhia de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (SANTOS, 2009, p.63). Esta realização foi liderada pelo missionário norte-americano Ashbel Green Simonton que, como outros missionários protestantes, encontrou no Brasil um território muito diferente daqueles de matriz cultural anglo-saxã.

¹ Sociedade Bíblica Americana e Sociedade de Tratados Religiosos de Londres.

² Aqui o termo é entendido como “Boa nova”, anúncio da salvação, extrapolando o significado que se restringe aos textos que compõem o Novo Testamento.

O país caracterizava-se pela miscigenação de raças e riquezas naturais, e foi entendido pela maioria dos missionários como um território atrasado em relação aos Estados Unidos. Contudo, antes mesmo dos aspectos raciais, eles consideraram que a presença do catolicismo na região era um dos maiores entraves para o desenvolvimento brasileiro, o que pode ser observado nas mais variadas representações missionárias sobre o Brasil do século XIX, incluindo livros de viagens, diários, manuais e depoimentos em jornais e revistas missionárias.

A título de exemplo, James Cooley Fletcher, considerado moderado no que diz respeito aos seus comentários acerca das diferenças entre os países conforme apontou a historiadora Débora Villela de Oliveira (2013), considera em seu livro que em matéria de religião o país estava marcado pela ignorância e superstição:

Não podemos dedicar mais espaço à religião no Brasil - interessante mas penoso assunto -, penoso para todo verdadeiro cristão, amigo do povo brasileiro. Se nós considerarmos o Brasil do ponto de vista religioso, ficaremos admirados da soma de ignorância e superstição que aí domina. Que se leiam os "Sketches" do Sr. Ewbank e ver-se-á, arqueologicamente considerado, como são estreitas as relações entre a Roma pagã e a Roma cristã (KIDDER; FLETCHER, 1941, p.176-177, v.1).

Narrativas como as de Fletcher, entendidas como uma espécie de relato de suas atividades missionárias, foram fonte para que outros missionários e companhias de missão pautassem suas atuações no Brasil. Outrossim, os relatos também funcionaram como meios de informação para que imigrantes desejosos de construir uma nova vida nas províncias brasileiras pudessem obter informações úteis a respeito do país. Foi este o caso dos imigrantes confederados norte-americanos, que vieram ao Brasil quando a guerra entre Norte e Sul ganhou contornos desfavoráveis à exploração do trabalho escravo em suas regiões.

Ademais, esses documentos permitiram-nos observar algumas permanências das revistas missionárias e manuais de missão que circulavam nos EUA nos conteúdos do *Imprensa Evangelica*, como o sentimento de anticatolicismo que, segundo Mendonça (2008), começa a ser notado nos Estados Unidos principalmente após o aumento da presença católica no país na segunda metade do século XIX.

Como religião oficial do Brasil até 1889, o catolicismo foi o principal inimigo do protestantismo missionário da época, pois a Igreja Católica contava com a proteção das leis para manter seus privilégios, a própria Constituição brasileira de 1824 garantia que fossem mantidos. A título de exemplo, a Constituição previa que os cultos que

não fossem da Igreja oficial poderiam ser realizados apenas no âmbito doméstico e em edificações que não se parecessem com templos, além de determinar a proibição da nomeação como deputado daqueles cidadãos que não professassem a religião oficial do Estado.

Consoante Emília Viotti da Costa (1999, p. 158), na política brasileira do início do século XIX os liberais assemelhavam-se muito aos conservadores, no entanto, a partir da década de 1850, houve um movimento de tendência modernizadora que pretendia leis de caráter mais liberais e republicanas:

Nas últimas décadas do Império a competição política adquiriu novo significado. O desenvolvimento econômico e as mudanças sociais que ocorreram no país a partir dos anos 50 trouxeram para a arena política novos grupos de interesse, tornando impossível manter a aliança entre os dois partidos. A Conciliação rompeu-se. Enquanto na primeira metade do século XIX os liberais tinham se tornado cada vez mais conservadores, na segunda metade, o movimento foi em direção oposta (COSTA, 1999, p.162).

Ainda que não nos dediquemos a uma análise dos conceitos de “liberal” e “liberalismo” no Brasil do século XIX, nesta dissertação partimos de uma definição de David Gueiros Vieira para compreendê-los:

“Liberalismo”, como ideologia, cobre um sem-número de conceitos. Sob essa expressão genérica aparecem vários grupos defensores do livre-arbítrio em todas as esferas, unidos ao redor do conceito de “progresso” e emancipação do homem. O termo “liberal” significava uma crença difusa no valor do indivíduo, e na convicção de que a base de todo o progresso era a liberdade individual. Mais ainda, que o indivíduo deveria ter o direito de exercer sua liberdade ao máximo, conquanto não viesse a infringir a liberdade dos outros. O liberalismo também aceitava a utilização dos poderes do Estado com o propósito de criar condições através das quais o indivíduo pudesse, livremente, crescer e se expressar (VIEIRA, 1987, p. 195).

Para o historiador, missionários como Fletcher foram um canal de comunicação liberal dentro do país, atuando com o fornecimento de livros e artigos a respeito da temática (VIEIRA 1987, p. 196). O liberalismo também esteve presente no jornal *Imprensa Evangelica*, que por vezes se pronunciou e deu espaço para discussões a respeito do debate acerca das garantias às liberdades individuais e religiosas no território brasileiro.

O aumento do número de missionários protestantes e a circulação de ideologias contrárias aos interesses hegemônicos do catolicismo no Brasil foram elementos que, entre outros, provocaram o nascimento da imprensa religiosa brasileira através da fundação de jornais católicos que se opunham ao protestantismo

e ao liberalismo, ou seja, embora o *Imprensa* tenha sido o primeiro jornal protestante no Brasil, ele não foi seu primeiro jornal religioso.

Como principal fonte documental desta pesquisa, buscamos compreender de que maneira uma cultura impressa de massa norte-americana pode ser percebida neste jornal. A que elementos constitutivos do movimento missionário o *Imprensa* obedeceu? Tendo como principal objeto de pesquisa *A História de André Dunn*, um romance-folhetim traduzido ao português e publicado nos números de 1866, analisamos também de que maneira os editores visavam atingir o público brasileiro com uma publicação como essa.

Vale lembrar que o romance foi um gênero literário que, até pouco antes da metade do século XIX, ainda era contestado por parte do setor religioso protestante. Segundo Candy Gunther Brown (2004), apesar da oposição de alguns membros do setor, a partir de 1850 muitos evangélicos viram o romance como meio de “santificar” o mundo dos impressos. Sob uma perspectiva utilitária, o romance foi visto como uma ferramenta utilizada para fins evangelísticos e moralizantes da sociedade.

No Brasil oitocentista, o romance em formato de livro era artigo caro e uma das alternativas encontradas para popularizar esse gênero literário foi o folhetim, prática difundida pelos jornais seculares brasileiros e que o *Imprensa Evangelica* adotou. Recentemente, ele vem sendo objeto de estudo de pesquisadores como André Carreiro Nogueira (2013) que fez uma leitura do jornal presbiteriano a partir do romance-folhetim *Lucila*, publicação que inaugura esse tipo de conteúdo no *Imprensa*.

Através dessa narrativa, Nogueira investigou a formação do leitor protestante no Brasil da segunda metade do século XIX e buscou demonstrar de que modo o jornal fez uso desse tipo de conteúdo. Para tentar responder os questionamentos supramencionados acerca de nosso objeto analisamos a primeira fase do jornal, reconhecida pela liderança editorial de Simonton, seu principal fundador, que se inicia no seu primeiro ano, 1864, e se estende até a morte do missionário, em 1867.

Segundo Edwiges Rosa dos Santos (2009) com o decorrer dos anos houve uma progressiva nacionalização da Igreja Presbiteriana que se refletiu no jornal, assim, a escolha deste período inicial das publicações deveu-se também ao fato de o corpo editorial ser ainda ocupado por uma maioria de missionários norte-americanos formados nos seminários teológicos dos Estados Unidos, o que nos permite investigar a influência dos desdobramentos da cultura impressa de massa originada neste país no *Imprensa*.

Este periódico aplicou seus esforços iniciais no propósito de despertar no público a importância da religião para o desenvolvimento político e social do país como uma forma de alcançar seu principal objetivo à época: converter os brasileiros ao protestantismo por meio da promoção da devoção doméstica, para atingi-lo utilizou-se de artigos, imagens e narrativas ficcionais como os romances religiosos, nos quais notamos um traço dito civilizacional que formou parte do empreendimento missionário oitocentista.

Considerado importante elemento motivacional no projeto de propagação religiosa do missionarismo protestante moderno (USTORF, 1998), essa perspectiva etnocêntrica foi ao encontro do estigma de “raça industriosa” que carregavam os missionários protestantes no Brasil oitocentista (MENDONÇA, 2005) e que também marcou a atuação missionária através do jornal.

O *Imprensa Evangelica* reuniu diversos conteúdos em prol de sua principal causa e o compreendemos como uma importante fonte para investigar como discursos religiosos se relacionam com questões culturais, políticas e econômicas de uma sociedade.

Há uma quantidade significativa de trabalhos a respeito da introdução e consolidação do protestantismo no Brasil, com relação à Igreja Presbiteriana, denominação responsável pelo *Imprensa Evangelica*, dedicaram-se muitos estudiosos, como Vicente Themudo Lessa (1938), Antonio Gouvêa Mendonça (1995), Boanerges Ribeiro (1973), Alderi Souza de Matos (2004), Procoro Velasques Filho (1990). Especificamente sobre o jornal tratam ainda os trabalhos de Micheline Reinaux de Vasconcelos (2010) e Karla Janaína Costa e Cruz (2014), as pesquisadoras identificaram que a produção literária protestante e a circulação de impressos que deram início à formação de um sistema editorial, cultural e literário evangélico estiveram ausentes dos principais livros e manuais a respeito da História da Imprensa no Brasil e destacaram a importância de incluí-los neste campo de estudos.

Vasconcelos (2010) trabalha com o surgimento e a difusão dos periódicos protestantes no território nacional, utilizando como fontes principais de sua investigação os jornais batistas e presbiterianos. A historiadora ressalta o teor polêmico e didático da editoração desses conteúdos de 1830 a 1930 e, no que se refere à denominação presbiteriana, destacamos o seu trabalho com relação ao *Imprensa Evangelica* por mencionar algumas estratégias adotadas por sua equipe editorial, como a promoção de conteúdos infantis visando à formação religiosa das

crianças, provenientes de centros editoriais protestantes de Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha (VASCONCELOS, 2010, p.109).

Como esses centros editoriais traduziam e distribuíam essas publicações, acreditamos que os romances-folhetim publicados pelo *Imprensa Evangelica* da primeira gestão possam ter sido traduzidos e editados tanto pela equipe do jornal quanto pelas sociedades de tratados norte-americanas.

O jornal foi o principal veiculador de distintos gêneros literários e, conforme Cruz (2014, p. 23), “a gênese da formação de um sistema literário protestante no Brasil se deu a partir das páginas desse periódico protestante.” Entre os gêneros literários que o jornal veiculou estão hinos, comentários bíblicos, poemas, contos, fábulas, doxologias, catecismos, e claro, os romances-folhetim, que foram usados pelos protestantes como ferramentas que serviam à propaganda evangélica e à instrução doutrinária (CRUZ, 2014, p.24). Este último ponto está relacionado à análise que fazemos de *A História de André Dunn* e para tanto trabalhamos desde uma perspectiva da História Cultural, partindo principalmente dos referenciais da História da Leitura.

A História Cultural:

Afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade (CHARTIER, 2002, p.73).

Este campo da História permite que identifiquemos que as missões oitocentistas não manipulavam seu público alvo como bem entendiam, pois considera que a relação que se estabelece no contato entre diferentes culturas não é unilateral, quer dizer, nenhuma conquista ou converte a outra integralmente (NIELSEN; OKKENHAUG; SKEIE, 2011, p. 3), assim, tampouco trataremos os receptores das mensagens evangelizadoras como vítimas passivas do proselitismo, pois, consoante Paul Freston (2012, p.31): “os objetos da missão são sujeitos da construção da sua própria história e são capazes de bloquear ou filtrar as mensagens recebidas.”

Os estudos a respeito das missões ora estiveram muito voltados a interpretações que privilegiavam seus aspectos teológicos, ora enfatizaram quase que exclusivamente as motivações políticas e econômicas de seu tempo, no entanto, desde os anos 1990, pesquisadores procuram tratá-las como fenômenos específicos

que estiveram sujeitos às influências sociais e às mediações, empréstimos e cruzamentos culturais.

Os textos formam parte das práticas que atuam sobre a ordenação do real e a análise do romance *A História de André Dunn* nesta pesquisa contou com as contribuições de Roger Chartier para a História da Leitura. O historiador defende que os procedimentos de produção de textos dizem respeito às “senhas explícitas ou implícitas que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção” (CHARTIER, 2011, p.96) e como um texto cuja finalidade era contribuir para a conversão de católicos aos protestantismo, o romance permite que identifiquemos em sua narrativa os motivos que levaram à sua publicação no *Imprensa*.

Já os procedimentos de produção dos livros envolvem fatores como divisões, tipografias, ilustrações e demais adaptações que podem sugerir e gerar outras interpretações de um mesmo escrito (CHARTIER, 2011, p.97) e a edição do romance veiculada pelo jornal, com formatações específicas que chamam atenção para determinadas frases e a inclusão de notas de rodapé, demonstra a necessidade de que a história estivesse o mais próxima possível de cumprir com os objetivos do jornal naquele momento.

Visando dar conta da tarefa de responder de que modo os editores foram capazes de propor determinada leitura da obra e com quais objetivos ela foi utilizada, partimos da premissa metodológica de Socorro de Fátima Barbosa que, citada por Karla Janaína Costa e Cruz, diz: “o que foi produzido nos periódicos – inclusive o literário – não pode ser despregado do presente daquela enunciação e lido numa perspectiva de transparência com a referencialidade” (BARBOSA, 2007, p. 64 *apud* CRUZ, 2014, p.27).

Isso significa dizer que para compreendermos a presença de determinada narrativa no jornal, devemos levar em consideração suas principais tendências e direcionamentos durante o momento em que ela foi publicada, isto é:

Que os gêneros e matérias veiculados por determinado periódico foram constituídos a partir de assuntos e abordagens tratadas pelo próprio periódico que abrigam aquele texto específico, o que sugerem estarem os textos em diálogo constante com as outras formas discursivas e com o presente de sua enunciação (CRUZ, 2014, p.27).

Por conseguinte, elencamos os principais pontos presentes no jornal em sua primeira gestão e colocamos em paralelo com os principais assuntos que circundavam a atividade missionária no Brasil da época. Deste modo, foi possível identificar “as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto” (CHARTIER, 2001, p.215) mesmo que isso não represente necessariamente a leitura que dele fizeram.

Contamos também com o apoio do trabalho de outro dois autores que trabalharam com a História da Leitura e o protestantismo brasileiro, João Leonel Ferreira (2010) e Lyndon de Araújo Santos (2004), que nos auxiliaram a identificar alguns elementos da prática leitora protestante do período, bem como detectar a presença de fatores intrínsecos à formação do movimento missionário protestante do século XIX inscritos na *História de André Dunn*.

À vista disso, no primeiro capítulo discutimos as contribuições de missiólogos e historiadores a respeito da temática das missões no século XIX e buscamos compreender o fenômeno do missionarismo protestante oitocentista partindo de seus eventos fundadores: os reavivamentos ocorridos nos Estados Unidos e na Inglaterra, e o nascimento da cultura de massa nos Estados Unidos. Oferecendo uma ideia de como esses fatores influenciaram a atuação missionária através do jornal *Imprensa Evangelica*, lançamos mão de alguns manuais, periódicos e relatos de viagens circulantes no Brasil e nos Estados Unidos para atestar a presença de algumas de suas características no *Imprensa Evangelica* em sua primeira gestão.

No segundo capítulo, seguimos com o levantamento de outras formas de influência da cultura de massa norte-americana e suas relações com os principais temas do jornal em sua primeira fase. Trabalhamos também com o surgimento da imprensa religiosa no Brasil e como o *Imprensa* comportou-se durante seus primeiros anos de atividade proselitista em embates com o jornal ultramontano *O Apóstolo*, além de tentar compreender suas principais estratégias neste momento para a propagação da religião protestante: despertar nos pais a responsabilidade sobre a instrução religiosa dos filhos.

Finalmente, no terceiro capítulo realizamos uma análise de *A História de André Dunn* no *Imprensa Evangelica* oferecendo primeiramente um retrato da obra por meio da exposição de seu enredo e de informações a respeito de sua autoria, contexto de produção e circulação. Em seguida, analisamos a presença do romance no *Imprensa*

a partir de indícios relacionados ao conteúdo da narrativa e às estratégias utilizadas e veiculadas pelo jornal que visavam uma determinada leitura autorizada do texto.

CAPÍTULO 1

“A MENSAGEM É UNIVERSAL, O CONVITE PARA TODOS, E A PROMESSA PESSOAL”³: MISSÃO, COMUNICAÇÃO E INFLUÊNCIA DA CULTURA IMPRESSA DE MASSA NORTE-AMERICANA NO PRIMEIRO JORNAL PROTESTANTE DA AMÉRICA LATINA (1864-1867)

A entrada do século XIX foi uma época distinta na igreja de Deus. Três grandes reformas espirituais marcaram a história do protestantismo, em intervalos de cerca de um século - a de Lutero e dos outros grandes reformadores por volta de 1540; a de Baxter, Bunyan, Flavel e outros por volta de 1640; a de Whitefield, Wesley, Edwards, Tennant e outros, por volta de 1740, no último dos quais o reavivamento abençoado em nosso próprio país foi amplamente compartilhado. [...] Este trabalho foi caracterizado pelo *espírito missionário* e deu origem a todas as nossas principais instituições benevolentes (AMERICAN TRACT SOCIETY, 11/5/1870, p.11, tradução nossa).⁴

A epígrafe escolhida para inaugurar o presente capítulo corresponde ao início do prólogo referente ao 45º relatório anual da Sociedade Americana de Tratados (SAT).⁵ De autoria desconhecida e endereçada majoritariamente aos seus sócios, a declaração atua como introdução do que foi tratado nas páginas subsequentes e age como cartão de visita àqueles que desconhecem a história e principal função da organização que, proveniente da união entre as principais sociedades de panfletos dos Estados Unidos, buscava através da venda e distribuição de impressos evangélicos dar suporte à evangelização protestante pelo mundo.

³ Do original: “The message is universal, the invitation to everyone, and the promise personal” (MONTGOMERY, 1845, p. xv). Frase atribuída ao escritor de hinários James Montgomery (1771-1854) presente na introdução da obra *A Voice From the Sanctuary on the Missionary Enterprise: Being a Series of Discourse Delivered in America, Before the Protestant Episcopal Board of Foreign Missions, The American Board of Foreign Missions, &c., &c. By The Most Eminent Divines of that Country, Belonging to Various Denominations* (1845). Montgomery simplificou o empreendimento missionário nesses termos e, assim, nos dá parte de como o missionarismo oitocentista pautou sua atuação baseada na salvação universal através da conversão individual.

⁴ Do original: “The coming in of the nineteenth century was a distinguished era in the church of God. Three great spiritual reformations have marked the history of Protestantism, at intervals of about a century—that of Luther and the other great reformers about 1540; that of Baxter, Bunyan, Flavel, and others about 1640; that of Whitefield, Wesley, Edwards, Tennant, and others about 1740, in the last of which blessed revivals our own country largely shared. [...] This work was characterized by *the missionary spirit*, and gave rise to all our principal benevolent institutions”.

⁵ Do original: American Tract Society.

Ademais, esta declaração também possui uma relação com o que aqui nos propomos a realizar, considerando que nosso principal intento será tratar do conceito de missão, o qual, além de perpassar grande parte do que se propõe e expressa uma declaração institucional como essa, é de grande importância para a compreensão dos demais temas que apresentaremos. Afirmamos isso primeiramente porque a declaração faz menção aos *revivals*, traduzidos como reavivamentos, eventos estes que dizem respeito diretamente às missões protestantes do século XIX.

Assim, embora a SAT coloque o espírito missionário também como herdeiro de eventos como as reformas dos séculos XVI e XVII, é com relação aos episódios reformadores do final do século XVIII e início do XIX que se atribui maior participação e influência sobre a expansão do protestantismo nos oitocentos.

De todo modo, parece-nos necessária uma melhor compreensão a respeito de como o missionarismo protestante tem sido pensado ao longo do tempo. Para isto, reservamos a primeira parte do capítulo com a finalidade de demonstrar as principais contribuições de missiólogos e historiadores a respeito da temática, bem como anunciar de que forma ela vem sendo pensada atualmente.

Em um segundo momento, trataremos do contexto norte-americano (1740 - 1850) que envolveu o nascimento e o desenvolvimento do movimento missionário através dos reavivamentos e surgimento das primeiras sociedades missionárias não denominacionais como a SAT, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) e o posterior desenvolvimento das companhias de missão estrangeiras denominacionais como a Companhia de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

Em seguida, utilizando o conceito de cultura de massa segundo David Morgan (2014), procuraremos estabelecer um diálogo entre as produções elaboradas por organizações como essas e a trajetória do jornal *Imprensa Evangelica*. No entanto, procuramos ressaltar primeiramente o nível de organização e produção de conteúdos referentes às companhias de missão através de seus jornais e manuais missionários.

Finalmente, para não perdermos de vista a relação que pretendemos estabelecer entre a presença das missões protestantes no Brasil do século XIX e a atuação da Igreja Presbiteriana no interior do jornal *Imprensa Evangelica*, apresentamos os principais assuntos e editores do periódico evangélico ao longo dos três anos de sua primeira gestão (1864 – 1867).

1.1 POR UMA COMPREENSÃO DE MISSÃO

Ao estudar o missionarismo protestante oitocentista, logo percebemos a necessidade de levar em conta alguns elementos culturais anteriores e de seu próprio tempo. Isto significa dizer que, como objeto constitutivo da cultura ocidental, a partir dos finais do século XVIII e início do XIX fatores como modernidade, humanismo, imprensa, iluminismo, liberalismo e imperialismo devem ser considerados.

Como herança renascentista, o humanismo ajudou a dar origem a uma nova forma de pensamento filosófico cuja contribuição mais significativa foi o advento da ciência. Responsável por diversas descobertas acerca da natureza e do cosmos, a gênese renascentista do pensamento científico colaborou para o surgimento de uma renovação cultural no Ocidente que, embora não descartasse a religião como um todo, apartou-a do posto de principal referência do mundo ocidental (CAVALCANTE, 2017, p.33).

Entre o fim da Idade Média e início da Modernidade,⁶ o nascimento do protestantismo através da Reforma atuou como uma espécie de conciliação entre os aspectos religiosos e esse novo momento de renovação epistemológica. Conforme interpretou Ronaldo Cavalcante (2017, p.34): “a ‘era protestante’ afirma a inevitabilidade de avanço e progresso do conhecimento humano concomitante com o posicionamento dos limites protetores contra a idolatrização do humano.”

Deste modo, à sua maneira, o movimento missionário do século XIX também agiu como um elemento que diante das novidades tecnológicas e dos avanços sociais da sociedade industrial capitalista, procurou perpetuar a importância da religião no Ocidente por meio da ideia de levar o conhecimento sobre Jesus Cristo e da salvação através dele a todos os lugares do mundo.

Com relação ao pensamento iluminista é preciso lembrar que, embora este tenha sido responsável por firmar as bases de uma sociedade laica e quase sempre antirreligiosa, através da obra de filósofos como Jean Jacques Rousseau (1712–1778) foi possível estabelecer algumas relações entre esses fatores aparentemente antagônicos.

⁶ Para pesquisadores como Ronaldo Cavalcante (2017, p. 34) a Modernidade “[...] teve seu início no Renascimento, passa pela Reforma Protestante e Ciência Moderna e alcança seu clímax na Revolução Industrial.”

A título de exemplo, temos a luta desses dois movimentos contra uma das maiores marcas do período que foi a escravidão. Segundo Gustav Warneck (1834-1910)⁷ a propaganda antiescravagista e seu ideal de igualdade acerca da natureza humana acabou colaborando para que no interior movimento missionário, a ideia do conhecimento e o acesso à salvação devesse se expandir para todos.

Desta forma, como maior potência colonial da época, a Inglaterra, berço da luta ocidental contra o tráfico de escravizados, tornou-se também país de fundação das primeiras companhias modernas de missão, a Sociedade Missionária Batista (SMB), fundada em 1792, e a Sociedade Missionária de Londres (SML) de 1795.

Isto posto, é importante lembrar que ao longo do século XIX a expansão colonial foi concomitante à expansão do comércio internacional. Em tese, isto fora realizado devido ao aumento da facilidade dos sistemas de comunicação e transporte, o que, não raras vezes, foi ressaltado nos relatos ou manuais de missão como algo decorrente da própria atividade missionária.

Conforme frisou o secretário de missões da Igreja Presbiteriana, John Cameron Lowrie (1808-1900):

O maravilhoso progresso do comércio é tributário do progresso das missões. A gráfica a vapor, a carruagem a vapor, a embarcação a vapor e o telégrafo elétrico são todos servos do Deus das missões, e tendem grandemente a promover os interesses da obra missionária. (LOWRIE, 1854, p. 7, tradução nossa).⁸

Warneck, como entusiasta dos estudos e observador contemporâneo das missões protestantes oitocentistas, declarou que: “as missões cristãs são tão antigas quanto o próprio cristianismo, sendo a ideia missionária ainda mais antiga.” (WARNECK, 1906, p.3, tradução nossa).⁹

⁷ Nascido no ano de 1834 em Naumburg, Alemanha, Gustav Warneck foi o primogênito de uma família muito pobre dedicada a confecção de agulhas. Embora Warneck sonhasse em ser missionário desde pequeno, sua condição de saúde em função de problemas pulmonares o impossibilitou de realizar esse sonho. Tornando-se pastor em 1862, Warneck doutorou-se em teologia em 1871 pela Universidade de Jena. Foi considerado o pai da missiologia protestante porque foi o primeiro representante desta área do conhecimento como disciplina acadêmica, quando, de 1896 a 1908, atuou como professor e fundador da cadeira de Estudos das Ciências de Missão na Universidade de Halle. Para mais informações: ANDERSON, Gerald H. Biographical dictionary of Christian missions. **Missiology**, v. 27, n. 1, p. 41-45, 1999. Disponível em: < <https://bit.ly/31KybRs>>.

⁸ Do original: “The wonderful progress of commerce is tributary to the progress of missions. The steam printing-press, the steam railway-coach, the ocean steam-ship, and the electric telegraph, are all servants of the God of missions, and tend greatly to promote the interests of the missionary work”.

⁹ Do original: “Christian missions are as old as Christianity itself. The missionary idea, indeed, is much older.”

Considerado um dos primeiros estudiosos a dedicar-se ao estudo do empreendimento missionário, Warneck deixou heranças na missiologia do século XX e, embora tenha realizado ligações entre elementos propriamente históricos como as viagens de Captain Cook¹⁰ e os reavivamentos do protestantismo anglo-saxão com o surgimento do movimento missionário protestante do século XIX, ele ainda faz parte do grupo de especialistas que explicaram as missões privilegiando seus aspectos religiosos.

Em outras palavras, o missiólogo buscou o entendimento dos motivos e metas do movimento missionário a partir de passagens presentes no Novo e no Antigo Testamento. Para ele, a base para compreensão das missões tem como pressuposto a salvação universal presente no Novo Testamento anunciada pelo apóstolo Paulo, que em sua carta aos Efésios escreveu: “A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo” (EFÉSIOS, 3, 8).

Entretanto, foi com outra passagem bíblica que o missiólogo alemão anunciou como a principal motivação do empreendimento missionário oitocentista. Conhecida como a Grande Comissão,¹¹ a última fala atribuída a Jesus Cristo na terra após a ressurreição é comumente entendida como uma ordem dada aos apóstolos de pregar sua palavra a todas as nações e confins da terra:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: — Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos (MATEUS, 28, 18-20).

O que se observa é que grande parte do discurso missionário utilizou como elemento legitimador de sua ação a ideia que eles eram os legítimos herdeiros da comissão apostólica. Como exemplo dessa construção, trazemos o caso de uma publicação que envolveu a colaboração de diversos membros da comunidade missionária protestante do século XIX intitulada: *A Voice From the Sanctuary on the Missionary Enterprise: Being a Series of Discourse Delivered in America, Before the*

¹⁰ James Cook (1728-1779): Capitão da Marinha Real Britânica, navegador e descobridor das ilhas polinésias. Cook ficou famoso pelo seu diário assim como pelas descobertas das ilhas que compõe o que hoje é o estado do Havaí, nos EUA, onde acabou morto pelos locais. Para mais informações: SAHLINS, Marshal. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

¹¹ Do original *The Great Commission*, cuja tradução mais adequada é de ordem, encarregamento ou autoridade dada, segundo o Webster dictionary de 1828, disponível em: < <https://bit.ly/2J17PSr>>.

Protestant Episcopal Board of Foreign Missions, The American Board of Foreign Missions, &c., &c. By The Most Eminent Divines of that Country, Belonging to Various Denominations, publicada no ano de 1845.

Nela, coube ao arquivista inglês William Illingworth (1764-1845) o papel de selecionar, segundo ele, os melhores discursos de representantes das mais diversas denominações protestantes da época que saíram em defesa dos interesses associados à causa missionária.

Com o intuito de convencer e oferecer benefícios tanto às lideranças religiosas quanto ao público cristão em geral, logo que somos apresentados à obra notamos que o segundo discurso selecionado tem como objetivo versar a respeito do caráter universal da Igreja. Ele é atribuído a George Washington Doane (1799–1859), bispo de Nova Jersey, membro da Igreja Episcopal e autor de diversos sermões e hinários, e se inicia com as palavras supramencionadas que finalizam o Evangelho de Mateus.

Segundo Doane, essas palavras contém a ordem e a promessa de que “[...] não cessou com a era apostólica. Não cessou com o período do testemunho milagroso da verdade. [...] Nunca cessará. Até quando, desde o nascer do sol até sua descida, o nome de Deus for grande entre os gentios” (DOANE, 1845, p.27, tradução nossa).¹²

O autor aponta que a atividade missionária de evangelização aos não cristãos era baseada na relação com o próprio Deus, o que, em grande medida, é uma das formas de compreender o otimismo presente nos discursos missionários quando o movimento procurou incentivar e justificar a necessidade de empreender esforços relacionados à sua promoção e manutenção.

Notamos que essa ideia sobrenatural também foi admitida por missiólogos como Warneck e nos estudos de História das Religiões, ela está muito próxima ao que historiadores como Marcello Massenzio (2005) entendem por essencialismo, ou seja, uma marca que tratou “de evidenciar o caráter emotivo, isto é, não racional do sagrado que se revela como uma espécie de *a priori* kantiano: o sentimento do sagrado preexiste no homem ao seu ‘objeto’” (MASSENZIO, 2005, p.15).

Contudo, o foco da missiologia não permaneceu apenas nessas questões de caráter essencialista, ao longo das décadas de 70 e 80 do século XX, estudiosos das

¹² “[...] It ceased not with the apostolic age. It ceased not with the period of miraculous testimony to the truth. It has not yet ceased. It never will cease; until, from the rising of the sun, even unto the going down of the same, God's name is great among the Gentiles”.

mais diversas especialidades pensaram o movimento missionário a partir de sua historicidade.

À vista disso, no que se refere às missões protestantes do século XIX, pesquisadores como Arturo Piedra, Pierre Bastian e Alberto Moniz Bandeira priorizaram em suas reflexões sobre o missionarismo oitocentista as temáticas da dominação política e econômica do imperialismo e colonialismo da época. Porém, isso não significa que as questões doutrinárias do universo religioso tenham se extinguido das pesquisas.

Com relação a elas, destaca-se o papel de alguns missiólogos que, mesmo na qualidade de representantes de um ramo da teologia cristã e na maioria das vezes comprometidos com sua fé, desenvolveram trabalhos importantíssimos a respeito da temática. Como exemplo disso, o missiólogo Johannes Verkuyl¹³ (1908-2001) que também entende o cristianismo como uma religião essencialmente missionária,¹⁴ criou uma categoria de análise do movimento missionário denominada *motivos impuros* das missões, definida por ele em quatro pontos:

- a) o motivo imperialista (tornar os “nativos dóceis de autoridades coloniais);
- b) o motivo cultural de “missão” como a transferência da cultura “superior” do missionário; c) o motivo romântico (o desejo de ir a países e povos distantes e exóticos); e d) o motivo do colonialismo eclesiástico (o anseio de exportar nossa própria confissão e ordem eclesiástica a outros territórios) (VERKUYL 1978 *apud* BOSCH 2002, p.21).

Tais contribuições refletem em grande parte as interações entre o movimento missionário oitocentista e o colonialismo. Este último, como acabamos de mencionar, tornou-se traço tão presente nas pesquisas sobre missão que Werner Ustorf (1998) desenvolveu no final dos anos 1990 outras três possibilidades motivacionais relacionáveis ao tema: a emancipativa-integracionista, racista imperialista e a igualitária-inversionista.

¹³ Nascido em 1908 na cidade de Nieuw-Vennep, Holanda, Verkuyl completou seus estudos teológicos em 1932 e logo em 1937 tornou-se pastor de uma pequena Igreja Reformada. Em 1939 foi enviado como missionário em Java, principal ilha da Indonésia, onde serviu por cerca de 24 anos de sua vida. Doutou-se em teologia no ano de 1948 na Universidade Livre de Amsterdã e de 1954 a 1962 foi professor do Seminário Teológico Interdenominacional de Jacarta. Verkuyl ainda foi secretário do Conselho Missionário Holandês e professor de dedicação exclusiva na cadeira de Missiologia na Universidade Livre de Amsterdã onde se aposentou em 1978. Para mais informações: < <https://bit.ly/2WVvFEn>>.

¹⁴ Segundo o autor, nos textos bíblicos o Reino de Deus não deveria ser interpretado de maneira que o coloque apenas sob uma natureza espiritual, mas de modo que a salvação universal cubra todas as demandas humanas abarcando tanto céu quanto a terra, a história mundial e todo o cosmo (VERKUYL, 1979, p.168).

Na primeira delas, a atuação missionária age enquanto reparo em função dos séculos de escravidão e exploração das localidades e populações consideradas não ocidentais, uma espécie de convite para que esses povos aprendessem a desfrutar das “vantagens vindas de uma civilização esclarecida” (USTORF, 1998, p.594). Ustorf utilizou como fonte para a formulação desta motivação dois nomes muito famosos do movimento missionário britânico, David Livingstone (1813-1873)¹⁵ e Henry Venn (1796 -1873).¹⁶ Segundo o autor, ambos ilustram o sacrifício de levar o progresso para regiões menos afortunadas do mundo (USTORF, 1998, p.595).

Já a segunda motivação apresenta como característica a projeção de valores negativos às outras culturas a fim de justificar o seu controle e dominação. Como inspiração para a sua formulação, Ustorf baseou-se em outros dois personagens do missionarismo oitocentista: Alexander Merensky (1837-1918)¹⁷ e Friedrich Fabri (1824 -1891).¹⁸ Deste último, o autor descreve sua teologia missionária como uma monstruosidade intelectual, afinal, para Fabri “Os pagãos, especialmente os africanos, são seres humanos desfavorecidos: fisicamente, mentalmente, religiosamente” (USTORF, 1998, p.598).¹⁹

Enquanto a última, e mais complexa entre as possibilidades de acordo com seu autor, nega a implícita supremacia da cultura ocidental presente nas outras duas motivações. Para sua elaboração, o pesquisador se baseou em exemplos vindos do

¹⁵ Conhecido como explorador, Livingstone foi missionário pela *Sociedade Missionária de Londres* e ficou famoso por seu trabalho na África do Sul (1841-1852). Seus relatos etnográficos foram de grande importância para o conhecimento cultural, geográfico e geológico da região. (LIVINGSTONE, 2005, p.55).

¹⁶ Mesmo sem nunca ter tido experiência missionária longe da Inglaterra, Venn é considerado um dos mais influentes missionários representantes do Estado Inglês durante a tentativa de fixar o anglicanismo nas colônias britânicas. Também é lembrado como um importante teórico das missões, embora nunca tenha escrito um livro específico sobre este assunto. (SHENK, 2006, p ix, x). Para mais informações: SHENK, Wilbert R. **Henry Venn**--Missionary Statesman: Wipf and Stock Publishers, 2006.

¹⁷ Nascido em Silésia, na Alemanha, em 1858 Merensky foi mandado como missionário pela *Missão Berlim* para a África do Sul, onde trabalhou entre o povo Swazi (KOSCHORKE 2007 p.190-191).

¹⁸ Pastor luterano, nascido na Bavária. Fabri é considerado o ideólogo do movimento missionário alemão imperialista. Segundo o Dicionário biográfico de Missões Cristãs, a ideologia criada por ele combinou “a visão tradicional da salvação individual com uma filosofia contemporânea da história como o campo da ação redentora de Deus no mundo das nações, incluindo a difusão da civilização ocidental por meio do movimento colonial” (GENISCHEN, 1999, p.207).

¹⁹ Do original: “Heathens, the Africans in particular, are disadvantaged human beings: physically, mentally, religiously.”

movimento missionário da segunda metade do século XX como Henry P. Van Dusen (1897-1975)²⁰ e Willem A. Visser' t Hooft (1900-1985).²¹

Historicizando essa motivação, notamos que a supremacia ocidental sustentada pelas teorias raciais já não possuía tanta força e, a partir de 1950, o cristianismo enfraqueceu de tal modo no Ocidente que cerca de sessenta por cento de seus fiéis eram de regiões consideradas não-ocidentais (USTORF, 1998, p.592).

Assim, com a consolidação e crescimento das igrejas cristãs nativas da América Latina, África e Ásia houve um rompimento com relação à centralidade da cultura ocidental no que se refere à renovação da igreja cristã. Em outras palavras, a motivação igualitária-inversionista considera que, se o Ocidente estava cortando relações com a igreja, isso significa que sua sobrevivência e reinvenção viria de outras culturas, cristianizadas ou não (USTORF, 1998, p.599).

De todo modo, Ustorf entende que sua tipologia, assim como todas as outras, não passa de uma ferramenta para análise de processos históricos muito mais complexos, pois mesmo que ela apresente diferentes abordagens, as missões não podem ser estritamente vinculadas à história do colonialismo (USTORF, 1998, p.594).

Andrew Porter (1999), ao trabalhar a expansão cristã como parte da disseminação da cultura britânica no século XIX, encara o missionarismo de forma muito parecida. Porter e Ustorf entendem como necessidade primordial a historicização de cada missão e seus autores, evitando com isso que todo o empreendimento permaneça atado a uma única função e natureza.

De acordo com Porter, a maioria das autoridades coloniais inicialmente não teria acreditado no movimento missionário como elemento duradouro dentro de seus domínios, no entanto, a proximidade entre missionarismo e colonialismo fez com que em algumas localidades os empreendimentos aprendessem que a cooperação era interessante. Para ele, a relação entre religião e império no que se refere às missões é de que, embora estivessem frequentemente misturados, eram tão “propensos a prejudicar um ao outro quanto fornecer apoio mútuo” (PORTER, 1999, p.245, tradução nossa).²²

²⁰ Dusen foi um dos responsáveis pela criação do concílio mundial de Igrejas e foi reconhecidamente um defensor do ecumenismo religioso. Para mais informações: <<https://bit.ly/2KsVHwN>>.

²¹ A ideia de Ecumenismo de Willem A. Visser't Hooft segue o entendimento de que os particularismos denominacionais e fronteiras nacionais não devem impedir uma união entre as Igrejas. Deste modo, a unidade dependeria “de um terreno teológico dentro da diversidade confessional” (GIORDANO, 2014, p.233).

²² Do original: “but were as likely to undermine each other as they were to provide mutual support.”

Ainda que em alguns casos o missionarismo tenha sido colaborador direto do colonialismo europeu do século XIX, sendo financiado e acompanhado de perto pelos países que detinham poder na região ocupada como campo de missão, pesquisadores como Lamin Sanneh e Joel A. Carpenter vêm analisando as ações missionárias realizadas em regiões da Índia ou entre populações nativas do continente africano e da América Latina sob outros olhares que não somente o da “colonização cultural” (SILVA, 2014, p.212).²³

O movimento missionário está muitas vezes atrelado à modernidade, essa grande construção geralmente é pensada como algo que pertence unicamente à matriz cultural europeia, quando, na verdade, é um sistema intercultural e pluricultural do qual o Ocidente europeu não é a única nem necessariamente a mais importante parte (GASBARRO, 2014, p.189).

Esta visão nos parece interessante porque se distancia do pensamento etnocêntrico ocidental no tocante à modernidade e anuncia a importância da comunicação no encontro entre diferentes culturas, que desde o “descobrimento” do Novo Mundo foi uma constante. Segundo Nicola Gasbarro (2014) isso significa que o contato entre elas não se estabeleceu nem se estabelece dentro de uma relação unidimensional em que uma civilização ou ideia age de maneira a converter ou conquistar integralmente a outra, mas que “[...] localmente elas foram apropriadas, transformadas e resistidas” (NIELSEN; OKKENHAUG; SKEIE, 2011, p. 3).

Dentro da atividade missionária essa máxima também é verdadeira, pois ao se dirigirem aos mais variados povos do mundo a fim de evangelizá-los, os missionários tiveram que fazê-lo com base na complexidade que envolvem as trocas e na compatibilidade simbólica de suas diferenças culturais. Isto posto, mesmo na esfera do imperialismo e colonialismo e suas novidades comunicacionais as missões são:

Uma construção cultural progressiva e cheia de imprevistos, e ao mesmo tempo uma rede de relações sistemáticas, sociais e simbólicas, imprevistas e imprevisíveis, que condicionam a estrutura originária da mensagem religiosa até colocar em crise a ortodoxia unidimensional, em e com, um impensável pluralismo de línguas e de culturas (GASBARRO, 2014, p.191).

Em grande medida, isto quer dizer que estudar a história desses empreendimentos é perceber que como manifestações culturais eles estão sujeitos a

²³ Estes aspectos podem ser identificados nas obras: SANNEH, Lamin. **Disciples of all nations: Pillars of world Christianity**. New York, Oxford University Press, 2008. CARPENTER, Joel A.; SANNEH, Lamin. **The changing face of Christianity: Africa, the West, and the world**. New York, 2005.

negociações a todo momento e que suas estratégias e formas de funcionamento variam de acordo com as experiências vividas em cada local de missão.

Deste modo, mesmo diante do projeto missionário oitocentista que possuía um projeto de evangelização global, é preciso identificar as especificidades às quais tiveram de adaptar-se cada uma das missões de acordo com seu destino. A criação e a consolidação de igrejas cristãs nos territórios de missão no século XIX são um registro do quão permeáveis são as culturas apesar da existência de elementos contrários às trocas e apropriações entre elas.

Para Eliane Moura da Silva (2014, p. 212): “As missões construíram novas culturas, novas hibridizações e fronteiras de alteridades móveis em relações bastante complexas”, o que nos permite constatar uma variedade de motivações políticas, religiosas, econômicas e culturais por trás de cada empreendimento.

Contudo, como aponta Brepohl (2016), as pesquisas sobre missões durante muito tempo foram marcadas pela polarização entre ora serem consideradas mero ato de benevolência e exercício de amor ao próximo, ora atividade exclusivamente a serviço da dominação política e econômica do empreendimento colonial, realidade que mudou apenas no decorrer da década de 1990, quando questões raciais, o papel das mulheres no empreendimento e as construções de identidades começaram a fazer parte das investigações. No Brasil, o tema marca presença também nas áreas da Comunicação, dos Estudos de Gênero e da História da Leitura.

Sob a influência de referenciais da História Cultural das Religiões, Eliane Moura da Silva (2014, p.15) defende que as religiões e crenças religiosas “só podem ser definidas em determinados contextos espaciais e temporais, sujeitos à história e à cultura”.

Aproximando-nos desta abordagem para trabalhar as missões protestantes do século XIX, entendemos que se faz necessária uma discussão para tratar de algumas diferenças contextuais deste vocábulo. Até o século XVI na doutrina cristã a palavra missão apenas se referia à trindade, isto é, segundo Bosch²⁴ (2002, p.17) “ao envio do Filho pelo Pai e do Espírito Santo pelo Pai e pelo Filho”.

²⁴ David Jacobus Bosch nasceu em 1929 na cidade de Kuruman, na província do Cabo Setentrional na África do Sul. Membro da Igreja Reformada Alemã, antes de entrar como professor de Missiologia na Universidade da África do Sul (1971) prestou serviço missionário por cerca de dezoito anos em Transquei, território também ao sul do continente africano. Dentre outras funções, o missiologo foi secretário-geral da Sociedade Missiológica Sul-Africana e editor da revista Missionalia desde quando esta surgiu no ano de 1973. Durante sua vida foi reconhecido por ser incansável na luta para promover

Para o missiólogo sul-africano, que também acreditava no cristianismo como uma religião intrinsecamente missionária, o termo inicialmente obedeceu à ideia de pertencer apenas a uma natureza divina, não implicando participação humana como necessária. No entanto, as missões católicas jesuítas nos séculos XVI e XVII inauguraram um novo modelo de missão que consagrou de vez a participação humana como algo central para o empreendimento.

Não obstante, em termos de organização e mobilização de pessoas, os séculos XVIII e XIX, com o advento das missões protestantes, mais uma vez transformou a atividade. Afinal, foi neste momento em que o missionarismo atingiu números e lugares jamais alcançados em função da ideia da conversão e evangelização, ampliando os sentidos do termo:

Até 1950, a palavra “missão”, mesmo não sendo usada numa acepção unívoca tinha um conjunto de sentidos razoavelmente circunscrito. Ela designava: a) o envio de missionários a um território especificado; b) as atividades empreendidas por tais missionários; c) área geográfica em que os missionários atuavam; d) a agência que expedia os missionários; e) o mundo não-cristão ou “campo de missão”; ou f) o centro a partir do qual os missionários operavam no “campo de missão” (OHM, 1952, p. 52 *apud* BOSCH, 2002, p.17).

Dessa maneira, faz-se necessário atentarmos para a relação existente entre o órgão emissor, que financiava o envio e incentivava pessoas para compor o empreendimento, o sistema de comunicação e informação resultante dessa transformação e a atividade missionária no local de missão.

Partindo do pressuposto de que o missionarismo não deve ser pensado de uma única forma, acreditamos ser necessário analisar o movimento procurando abranger aspectos de sua lógica interna e religiosa, e do contexto em que ele esteve inserido, como aponta Brepohl (2016, p.173): “não se escreve teologia fora do mundo, de uma determinada cultura, e nem se pode pensar o universo religioso sem que se leve em conta sua própria lógica interna e motivação primeva.”

Deste modo, consoante Paul Varg (1954), Martin E. Marty (2006) e Antonio Gouvêa Mendonça (2008), para compreender as missões protestantes norte-americanas dos oitocentos é de fundamental importância atentarmos para os reavivamentos, pois, além de terem sido fenômenos religiosos basilares do movimento missionário protestante, um dos locais que serviram de palco para o seu

a reconciliação entre grupos raciais e religiosos em sua nação. Bosch faleceu no ano de 1992 vítima de um acidente de carro em seu país natal (ANDERSON, 2002, p.9).

surgimento foi os Estados Unidos, país de origem das missões responsáveis pela implementação do protestantismo missionário histórico no Brasil e terra natal dos missionários fundadores do jornal *Imprensa Evangelica*.

1.2 O DESPERTAR MISSIONÁRIO

Com o objetivo de melhor entender a relação entre os reavivamentos, as missões protestantes norte-americanas e o jornal *Imprensa Evangelica*, propomos a seguir um relato acerca da história do protestantismo na América, bem como um retrato da trajetória da Igreja Presbiteriana em terras norte-americanas.

Enquanto colônia inglesa, os territórios que a partir de 1776 ficaram conhecidos como Estados Unidos da América apenas receberam as primeiras famílias protestantes por volta do início do século XVII, em função da fuga de perseguições religiosas ocorridas na Europa da Contra Reforma. Dessa maneira, a chegada de protestantes de diversas localidades como Inglaterra, Holanda, Suíça e Sul da atual Alemanha resultou na presença de uma grande variedade de igrejas, dentre as quais podemos destacar a presença das Igrejas Reformadas.²⁵

Estas, também conhecidas como calvinistas devido à influência de outro reformador do século XVI, João Calvino, segundo Mark A. Noll (2000) possuem como característica a ênfase na autoridade da Bíblia e na predestinação ou o chamamento de Deus como elemento principal para irem ao encontro de Cristo.

Historicamente o calvinismo e o luteranismo são considerados elementos centrais na formação das várias denominações existentes dentro do protestantismo. Na Igreja Presbiteriana considera-se a tradição calvinista como sua principal influência desde o seu nome, pois o termo “presbítero” diz respeito à forma de organização que o reformador de Genebra acreditava pela qual a Igreja Reformada deveria ser guiada. De modo geral, o modelo é o oposto do sistema episcopal que pauta sua organização através da nomeação de bispos, muitas vezes feita pelo próprio Estado. A organização presbiteriana privilegia a eleição dentro das congregações para que seus membros escolham os representantes da comunidade de maneira independente a nível local, regional e nacional (CAVALCANTI, 2001, p. 74).

²⁵ Além da Igreja Presbiteriana, fazem parte da família reformada a Igreja Congregacional e a Igreja Reformada (NOLL, 2000, p.28).

Assim, o caminho mais utilizado para se explicar a presença da teologia reformada nos Estados Unidos passa pelo fato de que, com as ideias de Calvino rapidamente espalhando-se pela Europa, a Inglaterra adotou suas ideias durante o processo de reforma da Igreja Anglicana.

Foi neste momento que surgiu um grupo de pessoas favoráveis à adoção de medidas mais radicais dentro da Igreja oficial que ficaram conhecidos como puritanos. Conforme Mendonça (2008), os indivíduos que representavam este movimento em sua maioria foram perseguidos pelos governos anteriores à Reforma Anglicana e, durante exílio nos países baixos, acabaram entrando em contato com as ideias calvinistas.

Ao serem novamente perseguidos, alguns puritanos acabaram se dirigindo ao norte do continente americano para exercer liberdade política e religiosa. Desta forma, é importante atentarmos para as heranças deixadas pelo deslocamento desses indivíduos, afinal, logo que os puritanos fundaram as primeiras colônias da Nova Inglaterra no início do século XVII, levaram consigo muitas das ideias de matriz calvinista que ajudaram a formar o protestantismo norte-americano.

Dentre elas, podemos citar a Teologia do Pacto e a já referida tendência de gerar igrejas autônomas (MENDONÇA, 2008, p.65). De acordo com a doutrina calvinista, a Teologia do Pacto segue o princípio da predestinação, a qual considera que somente os eleitos seriam salvos. Suas raízes remetem ao pacto entre Deus e Abrão no Antigo Testamento que concedeu aos judeus o estigma de povo escolhido.

Segundo Mendonça (2008), após a independência norte-americana (1776) surgiu nos Estados Unidos o que ficou conhecido como a Ideologia do Destino Manifesto, considerada pelo sociólogo uma das bases ideológicas do movimento missionário, ela ressignificou a Teologia do Pacto transferindo o comissionamento judeu para o protestantismo norte-americano por meio de um “messianismo nacional direcionado para a redenção política, moral e religiosa do mundo” (MENDONÇA, 2008, p.94).

Não obstante, a predestinação também se encontra na *Confissão de Fé de Westminster (1643-1646)*, documento que diz respeito aos resultados da influência calvinista na reforma da Igreja Anglicana e uma das principais referências na formação das Igrejas Reformadas.²⁶ Por meio de tradução da referida confissão adotada pela

²⁶ A Confissão de Fé age de modo a regular matérias de organização doutrinária e política, em especial, na Igreja Presbiteriana.

Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e veiculada no Brasil é possível atestarmos sua influência:

VI. Como Deus tem destinado os eleitos para a glória, assim também pelo eterno e mui livre proposito de sua vontade, elle tem preordinado todos os meios para isso. Portanto os que são eleitos, sendo cahidos em Adão, são remidos por Christo, são eficazmente chamados para a fé em Christo por seu Espírito operando no tempo devido; são justificados, adoptados, santificados e guardados por seu poder pela fé para a salvação. Nem há outros quaisquer, que são remidos por Christo, eficazmente chamados, justificados, adoptados, sanctificados, e salvos senão só os eleitos. [...] VIII. A doutrina deste alto mystério de predestinação deve ser tratado com especial prudência e cuidado, a fim de que os homens, attendendo á vontade de Deus revelada em sua palavra, e prestando obediência a ella, poderão pela evidência de sua vocação efficaz, certificar-se de sua eterna eleição [...] (A CONFISSÃO DE FE, 1876, p.14-15).

De todo modo, o documento passou por algumas modificações antes de ser oficializado pela denominação, principalmente no que tange à relação da Igreja com o governo civil. Segundo dados da Sociedade Histórica da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (2018)²⁷ foi somente em 1789 que a instituição adotou uma versão da Confissão como parte da constituição da denominação, afinal, o documento original de Westminster previa a organização e reforma de uma Igreja oficial, o que para a realidade norte-americana frente ao grande número de denominações isso não era compatível.

Como uma das principais marcas do protestantismo norte-americano, o denominacionalismo seguiu o entendimento que considera a igreja algo não definido ou concentrado em apenas uma única instituição. Ele representa um viés descentralizado e desestatizado do protestantismo, privilegiando à adesão das pessoas às igrejas como algo voluntário e que deve ser feito de acordo com suas preferencias e convicções (MENDONÇA, 2008, p.78).

Para Richard Niebuhr (1992), como fenômenos históricos, as religiões estão sujeitas às mais variadas influências sociais. Assim, Niebuhr considera que o denominacionalismo protestante norte-americano obedeceu e sofreu influência de critérios como: nacionalismo, regionalismos, classe e raça.

Deste modo, fatores como escravidão, a conturbada relação entre as porções Norte e Sul do país e a expansão da fronteira norte-americana para o Oeste durante

²⁷ Para mais informações: < <https://bit.ly/2L58Mfa>>.

o século XIX ajudam a entender esse fenômeno de divisão do protestantismo entre várias denominações.

Não obstante, esses elementos também estiveram diretamente associados ao período dos reavivamentos e da imigração de cidadãos europeus para a América do Norte. Consideramos importante mencionar este fato porque foi somente através da imigração de escoceses e irlandeses no início do século XVIII que a teologia reformada realmente se fixou na América britânica.

Com eles ocorreu a fundação da primeira Igreja Presbiteriana em 1707 na Filadélfia, interior da colônia da Pensilvânia, que até hoje é considerada reduto da denominação no país. Os presbiterianos também criaram bases muito sólidas nas colônias de Maryland, Virgínia e Nova Jersey, onde fundaram o Seminário de Princeton, local de formação dos principais missionários da denominação que vieram para o Brasil durante o século XIX.

Assim, enquanto uma das primeiras denominações a se fixarem nos Estados Unidos, por volta do ano de 1720, os presbiterianos criaram o seminário estabelecido pelo reformador Gilbert Tennent,²⁸ conhecido como *Log College*, instituição considerada essencial na formação de clérigos que lançaram os primeiros reavivamentos no país. De origem escocesa, Tennent é considerado uma figura de liderança dentro desses fenômenos do século XVIII quando, após ter abandonado a preparação para a carreira de médico, decidiu entrar para o ministério como o primeiro estudante da teologia de seu pai William Tennent, teólogo e principal fundador do *Log College*. Considerado por John Corrigan (2004) um dos precursores do modelo de conversão fortemente emocional lançado pelos reavivamentos, Gilbert Tennent marcou o início da participação da denominação presbiteriana em relação a esses importantes eventos da história religiosa norte-americana.

Como movimentos que fizeram parte da reação religiosa ao significativo laicismo dos séculos XVIII e XIX, os reavivamentos, de maneira geral, foram respostas religiosas ao legado deixado pelo movimento iluminista francês, o qual não deixa de ser lembrado no comunicado da SAT (11/5/1870, p.11) que inaugura o presente capítulo como um dos motivos que explicam o declínio do trabalho de Deus, isto é, a evangelização do mundo através da obra missionária.

²⁸ Para mais informações: COALTER, Milton J. Jr. **Gilbert Tennent, Son of Thunder**. Westport: Connecticut: Greenwood Press, 1986.

Martin E. Marty (2006), ao tratar da relação entre a guerra de independência norte-americana e religião, destaca que o período referente ao início de século XVIII, quando os reavivamentos marcaram a época do Primeiro Grande Despertar (1734-1776), a guerra foi o momento decisivo em relação à questão religiosa dentro do território norte-americano.

O historiador entende que esses eventos religiosos foram capazes de gerar um Segundo Grande Despertar (1810–1858) e também de dar formas à nova nação, pois para ele a maioria das igrejas estabelecidas na colônia agiram a favor da independência. Com relação à atuação da Igreja Presbiteriana, o seu modelo de organização voltado a privilegiar aspectos mais democráticos e republicanos deu coerência para que, além de espalhar a onda dos reavivamentos, oferecesse apoio à independência política da colônia.

Conforme Martin E. Marty (2006, p. 502), o envolvimento de alguns presbiterianos com a causa teria sido tão intenso que para alguns contemporâneos ao conflito a guerra chegou a ser considerada uma questão presbiteriana. Não obstante, o que deu origem ao movimento missionário foi uma espécie de reação a uma complexa rede de fatores que estavam tomando o espaço da religião e das crenças religiosas na vida em sociedade.

Em tese, esses elementos foram representados pelo já referido laicismo francês, mas também podem ser vistos como consequência da revolução tecnológica que consolidou, já no século XIX, a ciência como principal referência na vida das pessoas. Isso foi tão impactante para algumas pessoas que Bosch (2002, p.321) afirma que durante este intervalo de tempo “se eliminou, em grande parte, Deus da estrutura de validação social”.

A partir de 1734, essa atmosfera impulsionou múltiplas lideranças a gerarem uma série de reavivamentos cuja principal característica era proporcionar conversões em escala até então jamais vistas por intermédio de pregações altamente emocionais (CORRIGAN, 2004, p.168). Protagonizados em enormes campos e visando o maior número de conversos por reunião, esses encontros foram capazes de proporcionar experiências pessoais tão significativas que muitos de seus participantes sentiam-se “tocados por Deus”.

Esta atmosfera foi um dos motivos que levou um fervoroso público a organizar juntas missionárias para evangelização de seus países de origem e, não muito depois,

em outras partes do mundo. Este foi o caso da maioria das sociedades independentes, cujo principal intento era distribuir a palavra de Deus por meio do voluntariado:

Uma das consequências mais significativas do Despertar Evangélico, tanto na Inglaterra quanto na América do Norte (e deveras também na Europa continental e as colônias britânicas) foi a fundação de sociedades dedicadas especificamente à missão no exterior [...] Por ora, limito-me a destacar o fato de que elas representam um novo espírito do protestantismo. “A palavra era voluntariado”. As pessoas que haviam sido tocadas pelo Despertar não estavam mais dispostas a esperar de braços cruzados até que as igrejas oficiais tomassem a iniciativa. Pelo contrário, cristãos individuais, muitas vezes de igrejas distintas, reuniam-se em torno da causa da missão mundial (BOSCH, 2002, p.340-341).

Para Paul Varg (1954) e Antonio Gouvêa Mendonça (2008), embora existissem diversas particularidades teológicas dentro desses movimentos, é possível estabelecer que eles obedeceram ao desejo comum de “salvar os pagãos da danação” (VARG, 1954, p.71). Sentimento este originado no espírito da teologia dos avivalismos, foi a tônica do movimento missionário dos oitocentos até a entrada do século XX, quando esse discurso foi substituído por um tipo de humanitarismo incompatível com a imagem da punição eterna daqueles que não tivessem se convertido ao protestantismo (VARG, 1954, p.71-72).

Desta maneira, nos Estados Unidos, após o Segundo Grande Despertar, surgiram sociedades não denominacionais como a SAT, fundada em 1825, e a SBA, de 1816. Inspiradas por organizações inglesas, elas adquiriram muita importância para o protestantismo de missão nesse momento, afinal, foram as principais instituições que, mediante o uso de meios de comunicação e recursos disponíveis da época, tomaram a frente do objetivo de levar a sua religião aos mais variados lugares do mundo, particularmente com seus trabalhos relacionados à cultura impressa.

Como nos mostra David Morgan (1999), o surgimento dessas primeiras organizações nos Estados Unidos durante os reavivamentos representou, em conformidade com esses movimentos, uma das principais formas de manter vivo aquilo que os grandes Despertamentos criaram, o que se deu principalmente pelos trabalhos desenvolvidos por essas instituições no que se refere à distribuição de Bíblias e à produção de livros, panfletos, volumes de bolso, além do próprio financiamento de missionários para a realização desses trabalhos.

Deste modo, se o pioneirismo das missões protestantes não derivou diretamente da iniciativa das denominações, mas antes da iniciativa de cristãos leigos

tocados pela causa, no decorrer das duas primeiras décadas do século XIX as igrejas protestantes perceberam que deveriam tomar também para si a tarefa da evangelização, tanto no âmbito nacional quanto no internacional.

A partir de então, diversas organizações denominacionais participaram ativamente do empreendimento missionário através de suas próprias companhias de missão, metodistas, episcopais e presbiterianos dos Estados Unidos, da Europa Continental e da Inglaterra lançaram-se mundo a fora a fim de evangelizar o maior número de pessoas possível, e, mesmo que empreendimentos deste tipo não tenham sido protagonizados unicamente pelos protestantes, estes, por todo o século XIX, acreditavam que eram os escolhidos para espalhar a Palavra de Deus.

A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, por exemplo, organizou oficialmente sua companhia de missão estrangeira apenas em 1837, antes disso, seus membros participavam de missões provenientes de sociedades independentes, tanto que, no mesmo ano de fundação da companhia oficial, foi atribuída ao Reverendo Ashbel Green (1762-1848)²⁹ a tarefa de elaborar a história da denominação com relação às missões locais e estrangeiras.

O resultado disso foi o livro *A Historical Sketch or Compendious View of Domestic and Foreign Missions in the Presbyterian Church of the United States of America* (1838), uma espécie de inventário a respeito do tema, o qual também não deixa de ser uma justificativa com relação à pouca participação da Igreja em missões fora dos Estados Unidos naquele momento:

Parece que esta Igreja não foi completamente insensível acerca da importância de tão grande e sagrada preocupação, nem totalmente inativa no cumprimento de seu dever. Em Missões Domésticas, seus esforços foram louváveis, e sua eficiência considerável; mas em missões pagãs e estrangeiras, ela tem motivos para lamentar sua remissão e ser humilde em vista de sua pequena participação na grande obra de evangelizar o mundo. É verdade que, desde o reavivamento do espírito missionário, nos últimos cinquenta anos, certas circunstâncias no presente momento, tendem a restringir seus esforços em empreendimento missionário estrangeiro, e para mantê-la em inação comparativa. Mas nenhum pedido de desculpas pode justificar a negligência do passado; e muito menos sua continuação [...]. Pela boa providência e interposição graciosa de Deus, a Igreja Presbiteriana está neste país neste momento em uma situação mais favorável do que nunca até agora, para comandar todos os seus recursos, e exercer toda a sua força na propagação do Evangelho (GREEN, 1838, p.191).³⁰

²⁹ Ashbel Green foi pastor da segunda Igreja Presbiteriana da Filadélfia, capelão do congresso norte-americano e um dos fundadores do Seminário de Princeton.

³⁰Do original: "It appears that this Church has not been altogether insensible of the importance of so great and sacred a concern, nor wholly inactive in the discharge of her duty. In Domestic Missions her

No entanto, apesar do aparente desconforto do reverendo Green quanto à participação de sua Igreja em missões estrangeiras, a junta oficial presbiteriana logo empreendeu sua primeira missão oficial para o Norte da Índia, onde missionários da denominação patrocinados por juntas não-denominacionais realizavam suas missões desde 1833.

Dito isso, a chegada oficial da denominação ao Brasil ocorreu em 1859 com a denominada *Brazil Mission* com o missionário Ashbel Green Simonton. Nascido em uma família escocesa e irlandesa na cidade de West Hannover, condado da Pensilvânia, seu nome foi uma homenagem de seus familiares ao autor e importante membro da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (LESSA, 2010, p.48). Após abandonar a carreira de advogado, Simonton ingressou no Seminário de Teologia em Princeton, em 1855, ano em que também presenciou o reavivamento que mudou sua vida. Conforme suas palavras:

Nestes últimos dois meses tem-se manifestado intenso interesse religioso nas várias igrejas da cidade [...] Anteontem convidaram-me os interessados na salvação da própria alma, que quisessem conversar sobre o assunto, a ficar mais tempo, e um bom número ficou. Ontem novamente foi feito o convite e considerei meu dever ficar. [...] Durante o reavivamento em Princeton, senti-me interessado e esforcei-me para aumentar meu interesse no amor do Salvador. Mas logo o sentimento passou e fiquei com antes, ou pior. Agora, quando as reuniões tiveram início e eu vi outro tratando da salvação de sua alma imortal, decidi confiado nas promessas da Palavra de Deus, fazer um esforço honesto [...] (SIMONTON, 10/3/1855, 2002, p.82-83).

De sua missão, além da fixação da primeira Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro, ocorreu o nascimento do primeiro jornal protestante da América Latina conhecido como *Imprensa Evangelica*, o qual acreditamos ter sido resultado direto da confluência de fatores constituintes do nascimento da grande comunicação produzida pelos vários agentes que constituíram o movimento missionário protestante nos Estados Unidos.

exertions have been laudable, and her efficiency considerable; but in Heathen and Foreign Missions, she has reason to mourn over her remissness, and to be humbled in view of her small participation in the great work of evangelizing the world. It is true indeed, that since the revival of the missionary spirit, within the last fifty years, certain unpropitious circumstances, some of which the present sketch has brought into view, have tended to restrain her efforts in foreign missionary enterprise, and to hold her in comparative inaction. But no apology can justify the past neglect; and far less would its continuance admit even of palliation. By the good providence and gracious interposition of God, the Presbyterian Church in this country is, at present, in a situation more favourable than ever heretofore, for commanding all her resources, and exerting her whole strength in propagating the Gospel.”

Deste modo, dirigimos nossos esforços a fim de relacionar de que maneira a religião protestante conseguiu promover sua expansão, de que modo a relação entre religião, missão e comunicação pode ser pensada e como isso está relacionado com a formação do primeiro jornal protestante da América Latina.

1.3 RELIGIÃO, MISSÃO E COMUNICAÇÃO

No início de seu trabalho a respeito da cultura impressa evangélica nos primórdios da nação norte-americana, David Morgan (2014) refere-se ao período precedente à Guerra Civil nos Estados Unidos, entre 1861 e 1865, marcado pelo Segundo Grande Despertar, como o momento em que muitos protestantes dedicavam-se à atividade evangelizadora e, ao mesmo tempo, acompanhavam a emergência de novos meios tecnológicos e de comunicação:

Durante o período anterior à Guerra Civil Americana (1861-1865) cristãos evangélicos uniram-se em prol da beneficência voluntária dedicada aos objetivos nacionais e globais de evangelização. [...] Na época do transporte por meio de canais fluviais, de máquinas a vapor e de correio, os protestantes evangélicos conceberam sua causa em termos de tecnologia e comunicação (MORGAN, 2014, p.234-235).

Dedicando-se à análise de como o uso das ilustrações religiosas protestantes desse período foram capazes de interiorizar entre os próprios protestantes do século XIX aspectos da doutrina religiosa, o autor observa que em função dessas revoluções de infraestrutura e tecnologia as missões norte-americanas do século XIX acabaram tendo como colaborador direto de sua causa o surgimento da cultura de massa.

O termo remete a um “sistema sociocultural de produção e consumo de mercadorias manufaturadas uniformemente em mercados que não requerem que o produtor conheça ou tenha contato face a face com o consumidor” (MORGAN, 2014, p.237). Tudo isso, levando em conta o fato de ter possibilitado o acesso a uma variedade de bens e produtos a preços baixos e aquisição feita por intermédio do dinheiro.

Desde essa perspectiva do historiador norte-americano analisamos nossas fontes - a variedade de escritos produzidos e veiculados pelas juntas de missão -, investigando como elas poderiam ter influenciado a prática missionária através do *Imprensa Evangelica* e com que finalidade algumas dessas ideias em circulação se fizeram presentes no Jornal.

Isto posto, acreditamos que essa influência encontra-se diretamente associada ao momento editorial dos Estados Unidos das primeiras décadas do século XIX, afinal, por volta de 1840 a redução nos custos de produção e distribuição das mercadorias, o barateamento e melhora da qualidade do papel fizeram florescer uma indústria editorial norte-americana capaz de gerar uma proliferação de impressos e narrativas relacionadas ao protestantismo (BROWN, 2004, p.15).

Naturalmente, isso colaborou para que as companhias associadas à atividade missionária como as sociedades bíblicas e de tratados pudessem ampliar seus esforços. A título de exemplo, a SAT informou que no ano de 1870 contava com a capacidade de vender e distribuir cerca de quatro mil tipos de livros e panfletos, sendo a maioria traduzida nas principais línguas modernas, colaborando para a evangelização em mais de 140 línguas e dialetos ao redor do mundo:

Foi em 1825, final do primeiro quarto deste século, que da união das principais Sociedades de Tratados deste país se uniram nesta Sociedade Americana de Tratados nacional, que vem constantemente levando adiante o seu trabalho a ponto de suas receitas anuais sejam atualmente de cerca de quinhentos mil dólares- uma crescente constante, com quatro mil volumes e tratados impressos em todas as principais línguas modernas, e agindo em favor da difusão do conhecimento de Cristo e sua salvação em 140 línguas e dialetos do mundo (AMERICAN TRACT SOCIETY, 11/5/1870, p.12, tradução nossa).³¹

Em relação a seus efeitos práticos, o novo momento tecnológico, industrial e editorial vivido nos Estados Unidos fez com que se desenvolvesse na sociedade norte-americana um otimismo muito grande, sentimento também presente entre os evangelizadores já que naquele momento a causa missionária de reformar a sociedade poderia contar com instrumentos que ampliavam o alcance de sua mensagem que, até então, chegava às pessoas majoritariamente através da pregação.

Caminhando nessa mesma direção, observa-se o sucessivo crescimento da colportagem - ato de bater de porta em porta na casa das pessoas com o intuito de distribuir ou vender a Bíblia e outros impressos cristãos, praticada principalmente por estudantes dos seminários teológicos e leigos simpáticos à causa, foram

³¹ Do original: "It was in 1825, the end of the first quarter of this century, that all principal Tract Societies of the country United in this national American Tract Societies, which has steadily pushed forward its work till its annual receipts are now about half a million dollars – steadily moving onward, with 4,000 volumes and Tracts stereotyped in all principal modern languages, and aiding in diffusing the knowledge of Christ and his salvation in 140 of the languages and dialects of the Earth."

constantemente fomentadas pelas juntas missionárias, não somente pela capacidade de financiamento do empreendimento, mas principalmente como forma de evangelização (VASCONCELOS, 2010, p.178).

Assim, uma gama de depoimentos e testemunhos acerca da importância e colaboração da utilização de impressos na evangelização foram marcas muito presentes no discurso dessas sociedades e, ainda que seja impossível atestar sua veracidade, foram utilizados como propaganda para alimentar e ampliar esse novo momento editorial:

As famílias contam com gratidão as visitas dos colportores dos anos anteriores às suas casas, dos livros e folhetos restantes, cuja influência, exercida por quase uma geração, ainda é nova e poderosa. Uma senhora, mostrando uma cópia do chamado de Baxter, diz: "Este precioso livro foi o meio de minha conversão e de vários dos meus vizinhos e, recentemente, também de um dos meus filhos" (AMERICAN TRACT SOCIETY, 1871, p.5, tradução nossa).³²

Entendendo a evangelização como principal vetor mobilizador da causa missionária, consideramos que esse contato com os produtos editoriais protestantes foram um importante meio de influência na vida das pessoas, o que, acreditamos, distancia a prática missionária do estigma criado por acadêmicos do século XX de que tanto o missionarismo quanto os meios de comunicação eram instrumentos de dominação social (MORGAN, 2014, p.243).

Entretanto, se a produção e distribuição em massa de impressos evangélicos não fosse uma forma de provocar alguma mudança ou auxílio à prática evangelizadora, muito provavelmente os protestantes não teriam investido tanto tempo e dinheiro neles (MORGAN, 2014, p.243, 244). Deste modo, com o desenvolvimento da cultura de massa relacionado com a prática missionária dentro do território norte-americano do século XIX, observamos que muitas das estratégias de evangelização derivadas desse processo fomentaram as missões estrangeiras e nelas foram reproduzidas.

Destarte, para operar toda essa nova condição o missionarismo protestante precisou contar com um considerável nível de organização na produção periódicos e manuais das juntas missionárias. Como meios de informação e comunicação, esses

³²Do original: "Families tell with gratitude of the visits of colporteurs of former years to their homes, of the books and tracts left, whose influence, exerted for almost a generation, is still fresh and powerful. One lady, showing a copy of Baxter's call, says, "This precious book was the means of my conversion and that of several of my neighbors, and recently also of one of my children."

documentos trazem relatos de viagens, mapas, curiosidades e relatórios a respeito do andamento do trabalho missionário nas mais diferentes localidades.

Outrossim, discutem estratégias de ação que foram muito importantes para o estudo e informação dos interessados em ingressar na causa durante as aulas sobre missões nos seminários teológicos das universidades norte-americanas. Para Arturo Piedra (2010), isto se acentuou no final do século XIX, quando houve um aumento do interesse pelo estudo científico do trabalho missionário através das sociedades de missão protestantes, principalmente pelas atividades realizadas por elas no exterior, o que significou um aprofundamento do conhecimento a respeito das regiões ocupadas, considerando suas complexidades sociais e políticas.

A exemplo disso, o *Foreign Missionary Manual; geographical, synoptical, statistical, and bibliographical*, escrito pelo missionário residente no Japão e pastor batista Frank S. Dobbins (1855-1916), objetivava capacitar os estudantes para melhor administrar os esforços evangelizadores pelo mundo mediante a exibição de dados e estatísticas a respeito da disposição dos missionários em cada região, de quais sociedades estavam a serviço, de quantos missionários encontram-se em atividade em cada país ou cidade.

A obra de Dobbins possui tabelas que oferecem dados a respeito do ano em que cada companhia missionária iniciou o trabalho no Japão, bem como a quantidade de missionários leigos, ordenados, esposas de missionários, ajudantes nativos, escolas e estações missionárias:

FIGURA 1 - ESTATÍSTICAS DAS MISSÕES NO JAPÃO

STATISTICS OF MISSIONS IN JAPAN.										
	Year begun.	Ord. Miss.	Lay Miss.	Female Miss.	Nat. Minis- ters.	Other Native Helpers.	Communi- cants.	Schools.	Scholars.	Stations, Outposts.
Amer. Pres.....	1859	6	2	12	4	8	739	..	345	3
Dut. Reformed.....	1859	7	...	9	4	8	369	1	37	6
Amer. Board C. F. M.....	1869	14	2	29	8	39	514	4	210	4
Amer. Prot. Epis.....	1859	8	2	8	1	16	77	1	94	2
Amer. Bapt. M. U.....	1860	4	...	8	1	6	76	2	143	2
Amer. Meth. Ref. Epis...	1873	8	3	13	19	43	478	8	470	4
Woman's Union.....	1871	6	10	...	1	80	1
Germ. Evan. Ass.....	1876	2	...	1	15	2
Reformed Ch. in U. S.....	1879	1	1
Cumberland Pres.....	1877	2	...	2	1
Meth. Prot.....	1880	2
Amer. Bib. Soc.....	3
Can. Meth.....	1873	3	5	...	225	2	...	2
Church M. S.....	1869	8	1	...	10	86	9	146	5	10
Soc. Prop. Gosp.....	1873	2	3	2	208	3	...	2
Edinb. Med.....	1874	...	1	...	2	31	1	8
Scot. Un. Pres.....	1874	3	1	3	...	5	87	2
Eng. Bapt.....	1878	1	1	7	1
Scot. Nat. Bib. Soc.....	2
Soc. Pro. Fem. Ed. in E.	1
Brit. and For. Bib. Soc...	1880	...	1
Total.....		75	21	96	34	148	2912	31	1525	36
Missionaries.....										176
Excluding wives.....										123

FONTE: DOBBINS, 1881, p. 25

Mesmo diante da grande quantidade de dados levantados, o autor ainda alerta que seu trabalho provavelmente encontra-se incompleto, o motivo, segundo Dobbins (1881, p.3), deriva do fato de que “Algumas sociedades não publicam nenhum relatório; outros relatam apenas uma pequena parte de seu trabalho; e não há um sistema homogêneo de relatórios de tabulação adotados por várias sociedades.”³³

Dobbins foi responsável pela escrita de pelo menos outros três livros, dentre eles *Story Of World's Worship*, que considera uma obra de história comparada das religiões em que pretende expor “quão estranha, curiosa, encantadora e revoltante são os fatores da devoção paga” (DOBBINS, 1901, n.p.). Como veremos adiante, as representações missionárias decorrentes do encontro com outras culturas foi outro fator resultante dessa nova ordem editorial e comunicacional do século XIX.

De qualquer forma, o missionário representa ainda o quanto a comunicação e o acúmulo de dados foram importantes para as missões, afinal, “A idade romântica das missões já passou; esta é a idade da investigação. A informação é ansiosamente procurada, e quando encontrada serve para aprofundar o interesse pelo trabalho missionário” (DOBBINS, 1881, p. 5).³⁴

³³ Do original: “Some societies do not publish any reports; others report only a small part of their work; and there is no homegeneous system of tabulating reports adopted by various societies.”

³⁴Do original: “The romantic age of mission has passed away; this is the age of inquiry. Information is eagerly sought for, and when found serves to deepen the interest in the missionary work.”

Isto posto, compreendemos então que os manuais foram também uma forma de deixar informados os missionários, os associados e os doadores a respeito de como os recursos estavam sendo utilizados em favor da causa, e, além disso, foram palco de discussões e alternativas sobre o que a organização deveria fazer para benefício das instituições e, conseqüentemente, das missões.

A exemplo disto, Amos R. Wells (1862-1933), poeta e escritor de hinários, em seu *The Missionary Manual* (1900) defende a adoção de algumas práticas aos interessados no trabalho como a leitura de publicações missionárias uma vez que para ele “Inspiração missionária e informação missionária caminham juntas.” (WELLS, 1900, p.52).³⁵

Para o autor, é importante que o ingressante na causa fosse um bom leitor daquilo que seus demais colegas e organizações missionárias produziam. Wells (1900, p. 55) indica alguns métodos para leitura coletiva e individual chegando a cogitar o planejamento de no mínimo quinze minutos por dia dedicados a leituras de cunho missionário. O que nos parece interessante porque indica o quanto esses fatores eram levados em conta na formação dos ordenados e nos fornece indícios de que se depositava muita confiança no poder de influência dos escritos também entre os evangelizadores.

Outro fator que nos chama atenção é a criação e continuação de museus com a função de arrecadar dinheiro para promover e ilustrar a causa missionária, eles serviam como atrativo principalmente durante as reuniões periódicas das sociedades, como argumento de defesa para sua manutenção Wells (1900, p.74) defende: “É da natureza humana, quando alguém fez um bom mapa ou obteve algum objeto interessante de terras estrangeiras, querer mantê-lo, mesmo que apenas como uma lembrança agradável.”³⁶

Assim, o autor do manual recomenda:

Interessem as pessoas no Museu, especialmente os missionários, e você logo encontrará tesouros flutuando sobre você de toda parte do mundo. Não há razão, ou por quê, de não gastar um pouco de dinheiro com essas coisas, uma vez que é para serem usadas para ganhar dinheiro para o Senhor, e alguns dólares gastos em trajes estrangeiros não é fácil de obter, caso

³⁵ Do original: “Missionary inspiration and missionary information go together.”

³⁶ Do original: “It is human nature, when one has made a good map or obtained some interesting object from foreign lands, to wish to keep it, if only as a pleasant souvenir.”

contrário pode ser um bom investimento (WELLS, 1900, p.75, livre tradução do autor)³⁷

No entanto, consideramos que para além de um “ótimo investimento”, os museus também contribuíram para alguma forma de interação entre diferentes culturas a partir da exposição desse olhar missionário sobre o outro e que acabou por levar ao conhecimento de norte-americanos peças e materiais estrangeiros que até então lhes eram desconhecidos.

Com base no *A Manual Of Missions; Sketches of the foreign Missions of the Presbyterian Church* escrito pelo secretário da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, John Cameron Lowrie, a denominação mantinha em sua sede oficial em Nova York um museu referente ao seu trabalho em terras estrangeiras. Nele, a entidade reunia conforme Lowrie (1854, p.13): “uma variedade rara de ídolos, deuses e deusas de idolatria, da Índia, Sião, China, África e outras terras pagãs, além de diversos outros objetos de interesse.”

Não obstante, apesar de que na maioria das vezes a presença desses objetos dentro de um museu ou de um manual missionário estivesse a serviço de uma visão etnocêntrica sobre a religião e cultura do outro, estamos diante de um novo modo de comunicação que o século XIX presenciou por intermédio da revolução tipográfica e da cultura de massa.

Embora reconhecido por seu trabalho missionário desenvolvido na Índia, onde trabalhou ao lado de sua esposa, Lowrie foi grande defensor da participação missionária protestante em localidades reconhecidamente católicas quando elas ainda não eram integralmente admitidas como campo de missão, afinal, os territórios que mais interessavam às organizações missionárias eram aqueles culturalmente mais distantes da matriz cultural europeia (PIEDRA, 2006, p.20).

Em função disso, é comum que se encontre inclusive um número maior de fontes documentais em referência aos trabalhos missionários realizados em regiões da Ásia como Índia, China ou entre populações nativas do continente africano. Para Arturo Piedra (2006, 2006, p.26-27), isto ocorre porque foi somente no início da segunda metade do século XIX que o movimento missionário reuniu-se para decidir se os territórios católicos deveriam ser considerados como campo de missão.

³⁷ Do original: “Interest People in the Museum, especially the missionaries, and you will soon find treasures floating in upon you from all over the world. There is no reason, either, why you should not spend a little money upon it, since it is to be used to make money for the Lord, and a few dollars laid out in foreign costumes not easily obtainable otherwise might prove a fine investment.”

Segundo o autor, os bons prognósticos com relação a atuação missionária em regiões católicas como o continente latino americano duraram somente até 1888, quando se cogitou elevar a América Latina ao mesmo nível de importância que os territórios da África e Ásia.

Desta forma, mesmo sem nunca ter pisado em terras ao sul do continente americano, Lowrie utilizou aquele que ficou conhecido como um dos principais argumentos adotados por grande parte do público protestante simpático à investida missionária nessas regiões, baseando-se em uma suposta decadência das nações católicas em relação à imaginada “superioridade protestante”:

Mas dessas massas ignorantes na Rússia, França, Espanha, Portugal, México, e Estados da América do Sul, nós não podemos formar nenhuma opinião que vá exonerar Cristãos de uma fé mais pura sobre o dever de procurar suas salvaçãoes através de trabalhos missionários, na medida em que esses possam ser praticados. [...] Essas nações cristãs decadentes, portanto, apresentam uma esfera importante para as missões evangélicas, e devem ser vistas com profundo interesse pelas igrejas de nosso país (LOWRIE, 1854, p.57, tradução e grifo nosso).³⁸

Com esta concepção, o missionarismo acabou sendo desde sua origem um modo de exercer uma visão de superioridade cultural, sobretudo quando o movimento pensava e agia como elemento essencial para salvar os demais povos de suas próprias culturas. Ao mesmo tempo, o intuito de salvar ou possibilitar a salvação do outro, faz-nos pensar novamente sobre o seu caráter universal que, por intermédio da comunicação, acabou evidenciando a reformulação desse novo sentido nascido com os Despertamentos.

Na América Latina, o obstáculo mais imediato ao projeto de evangelização protestante foi a hegemonia católica ao sul do continente. Isto posto, o domínio católico também foi largamente colocado nos meios editoriais protestantes, que criaram um discurso convincente e mobilizador, conforme veremos a seguir.

1.4 “ELES SÃO NOMINALMENTE CRISTÃOS, MAS SABEM MUITO POUCO DO PODER OU EXCELÊNCIA DO EVANGELHO”³⁹

³⁸Do original: “But of the ignorant masses in Russia, France, Spain, Portugal, Mexico, and the South American States, we oan [sic] form no opinion that would go to exonerate Christians of a purer faith from the duty of seeking their salvation by missionary labors, in so far as these may be practible.”

³⁹ Do original: “They are nominally Christian, but know little of the power or excellence of the Gospel” (AMERICAN FOREIGN CHRISTIAN UNION, 10/1858, p.21).

Conforme as missões foram ganhando cada vez mais o interesse do público protestante, a fusão e criação de novas sociedades missionárias atravessaram o século XIX dando provas de que a onda de otimismo e devoção religiosa nos círculos protestantes, particularmente nos Estados Unidos, tinha fôlego o suficiente para ir a lugares pouco habituais.

A frase que introduz o presente tópico reflete essa ambição, pois organizações missionárias como a União Cristã Americana de Missões Estrangeiras (UCAME), originalmente *American Foreign Christian Union*, a partir de fevereiro de 1858, através do seu jornal mensal, investiu na publicação de conteúdos referentes à necessidade de empreender esforços missionários entre as nações católicas sul-americanas.

Assim, é possível observar, além da dúvida ou negligência missionária a respeito das regiões católicas, uma explícita posição da organização missionária a favor da realização de empreendimentos missionários na região:

A proximidade dos países sul-americanos a nossa república, e sua condição moral e religiosa, dão-lhes uma reivindicação especial à simpatia cristã e ajuda de nossas igrejas evangélicas. Mas eles têm sido estranhamente negligenciados, em grande parte, em todos os esforços missionários; enquanto regiões distantes, ou ilhas escassamente povoadas do oceano, cujos povos e recursos são muito inferiores, receberam grande atenção. (AMERICAN FOREIGN CHRISTIAN UNION, 4/1858, p.104, tradução nossa).⁴⁰

Nascida em 1849 da união de outras três sociedades missionárias - a Sociedade Protestante Americana, a Sociedade Evangélica Estrangeira e a Aliança Cristã -,⁴¹ a UCAME oferece-nos com esse anúncio um indício do desejo missionário de expandir-se para todos os países, a entidade tinha como finalidade “difundir os ‘princípios de liberdade religiosa e o puro e evangélico cristianismo, tanto na pátria como fora dela, onde exista cristianismo corrupto” (AHLSTROM, 1975, p. 677 *apud* MENDONÇA, 2008, p.116).

Isto posto, para entender seu surgimento precisamos atentar-nos ao contexto norte-americano que, a partir de meados da década de 1850, presenciou a chegada

⁴⁰Do original: “The proximity of the South American countries to our republic, and their moral and religious condition, give them a special claim to the Christian sympathy and aid of our evangelical churches. But they have been strangely overlooked, in a great degree, in all missionary efforts; while far distant regions, or sparsely populated islands of the ocean whose people and resources are vastly inferior, have received a great amount of attention.”

⁴¹ Para mais informações: <<http://afcubridge.org/afcu-history/>>.

de um grande número de imigrantes, em sua maioria europeus católicos fugindo das crises e más condições econômicas de seus países, como vemos a seguir:

TABELA 1 - IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL E PARA OS ESTADOS UNIDOS EM NÚMERO DE PESSOAS 1860–1889

Anos	Brasil	Estados Unidos
1860-1869	110.093	2 milhões
1870-1879	193.931	3 milhões
1880-1889	527.869	5 milhões
1890-1899	1.205.803	4 milhões

FONTE: IANNI, 1963, COLE 1966 *apud* PAULA, 2012, p.193.

Fazemos essa menção devido ao fato de que a UCAME inicia suas publicações sobre a América do Sul ao mesmo tempo em que, em função da referida imigração, houve um considerável aumento da presença católica nos Estados Unidos. Tal fato foi colocado pela instituição como um fator a ser observado com muito cuidado e preocupação pelas juntas de missões domésticas e estrangeiras.

Ao justificar e anunciar a necessidade de ampliação dos trabalhos de conversão entre as pessoas desse crescente contingente, fica difícil distinguir a prática missionária de algum grau de intolerância como vemos a seguir:

A América puritana, protestante, amante da Bíblia e da leitura da Bíblia está rapidamente se tornando cheia de uma população de outro tipo, em grande parte tirada das classes mais baixas da sociedade europeia - uma população que tem pouca simpatia pelos princípios, instituições e usos, e religião, que fez de nosso país uma "casa feliz" [...] A não ser que medidas efetivas sejam prontamente tomadas para assimilar essa população à nossa, em inteligência, sentimentos, hábitos e religião, resultados mais desastrosos devem ser antecipados, e talvez num dia não muito distante (AMERICAN FOREIGN CHRISTIAN UNION, 2/1858, p.34, tradução nossa).⁴²

Este é um fator que, acreditamos, está relacionado ao papel das identidades religiosas e nacionais dentro do movimento missionário, pois os discursos, tanto das ferramentas de convencimento para o engajamento à causa quanto da prática

⁴²Do original: "Puritan, Protestant, Bible-loving, and Bible-reading America is fast becoming filled with a population of other type, largely drawn from the lowest classes of European society— a population which has little sympathy with the principles, institutions, and usages, and religion, that have made our country such a ' happy home' [...] Unless effective measures are promptly taken to assimilate this population to our own, in intelligence, feelings, habits, and religion, the most disastrous results must be anticipated, and perhaps at no very distant day."

evangelizadora, geralmente procuravam imprimir através de suas representações aspectos identitários, como podemos perceber na declaração acima mencionada. O eu “amante da Bíblia e da leitura da Bíblia” precisa “salvar” os países e as pessoas ao redor do mundo do outro, representado pelo catolicismo e todos os outros tipos de “paganismo” que, quando não foram considerados sinônimos, foram colocados como elementos negativos e muito próximos entre si.

Para David Morgan (1999) esse tipo de discurso já fazia parte da realidade norte-americana desde a década de 1830, quando protestantes como o pastor presbiteriano Lyman Beecher (1775–1863) fomentou a ideia de que era preciso influenciar e assimilar essas massas por supostamente ameaçarem o regime democrático norte-americano, gerando assim uma espécie de antikatolicismo.

Desta forma, percebemos que o antikatolicismo foi alimentado por uma outra forma de conteúdo explorado pelo movimento missionário que foram os relatos de viagem, porque os relatos fazem parte de algo muito difundido pelas missões do século XIX e obedeceram tanto a lógica do mercado, quando muitos deles foram comercializados em formato de livro, quanto da comunicação, informação e promoção da causa.

Segundo Oliveira (2013) grande parte dos viajantes e missionários norte-americanos que passaram pelo Brasil desde a Independência (1822) reafirmavam uma profunda diferença entre as nações e, conseqüentemente, a inferioridade brasileira em relação aos Estados Unidos em obras como: *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil* (1845), de Daniel Parish Kidder; *Brasil e os brasileiros* (1857), de James Cooley Fletcher, e *A História da Bíblia no Brasil* (1903), de H. C. Tucker.

No que toca à publicação de Fletcher,⁴³ deve-se considerar o tom mais ameno do missionário no que se refere às críticas e diferenças por ele colocadas entre os países, no entanto, é preciso reconhecer que o missionário não deixa de ressaltar uma superioridade da nação norte-americana em relação à brasileira. De modo geral, essas publicações seguem o objetivo de apresentar o país aliando o uso de dados

⁴³ Em função de *Brasil e os brasileiros* o autor chegou a ingressar como membro do IHGB. Sua obra foi considerada um fenômeno editorial nos Estados Unidos, chegando ser editada mais de oito vezes. (OLIVEIRA, 2013, p.60). Para mais informações a respeito ver: ROSI, Bruno Gonçalves. **Atuação de missionários das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos no Brasil entre 1859 e 1888 e seu papel nas relações entre os dois países**. 2009. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

objetivos retirados de documentos oficiais e jornais brasileiros da época com as experiências de campo de cada missionário.

Assim, história, condições sociais e religiosas, características regionais, flora e fauna foram apresentadas ao grande público e aos interessados em ingressar à causa missionária. Com relação a estes últimos, notamos que o relato de Fletcher imprime a presença de uma atmosfera favorável entre os brasileiros às ideias religiosas vindas de fora, procurando deste modo incentivar a vinda de missionários para o Brasil, mesmo que em nenhum momento isso tenha sido mencionado pelo autor como um dos objetivos de sua obra:

Não há nenhum outro país na America do Sul em que os filantropos e os cristãos tenham campo mais livre para fazer o bem do que no Brasil, embora, seja verdade que um pastor protestante é sempre “taboo”, e que o povo mantém um sentimento em relação a ele quasi de satisfação, - como um escritor brasileiro já o exprimiu; posso testemunhar a forte amizade formada com brasileiros, em varias regiões do Império, amizade que não se enfraqueceu pelo contato de anos, ou pelas minhas manifestações em defesa das minhas crenças [...] (KIDDER; FLETCHER, 1941, p.157, v.1).

James Cooley Fletcher chegou ao Brasil em 1852 para atuar como capelão marítimo na cidade do Rio de Janeiro, ele frequentou a alta sociedade imperial e a própria corte, estabelecendo relações com o monarca Dom Pedro II, com quem trocou cartas e apresentou poetas, literatos e cientistas como Longfellow⁴⁴ e Louis Agassiz.⁴⁵ Filho de um próspero advogado, formou-se em Direito pela Universidade de Brown, mas acabou assumindo sua vocação missionária ao ingressar em 1847 no Seminário de Princeton.

Logo que foi ordenado em 1851, o missionário foi enviado ao Rio de Janeiro como missionário pela UCAME. Embora no relato de Fletcher os brasileiros sejam vistos como tolerantes e abertos a religiões vindas de fora, episódios de intolerância acompanharam os protestantes no Brasil até o fim do regime imperial, quando ocorreu a separação formal entre a Igreja e o Estado brasileiro.

Como exemplo desses eventos, trazemos o caso anunciado pelo boletim missionário da Igreja Presbiteriana de 1888 intitulado *Brazilian Missions. A Monthly Bulletin of Missionary Intelligence*. Nele, observamos o relato a respeito de uma

⁴⁴ Louis Agassiz (1807-1873) nasceu na cidade de Môtier, Suíça, foi conhecido pelos seus estudos de biologia, geologia e de teoria racial. Agassiz foi opositor da teoria evolucionista de Charles Darwin assim como um dos nomes do que ficou conhecido como “racismo científico”.

⁴⁵ Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) poeta e escritor norte-americano que foi reconhecidamente um dos autores preferidos de Dom Pedro II.

desavença entre católicos e protestantes com relação à tramitação de uma lei na Câmara dos Deputados em favor da liberdade de culto no país.

Segundo o boletim, padres entraram com uma longa petição assinada por cerca de quatorze mil mulheres contrárias ao documento na esperança de que este fosse anulado, contudo, para seus editores o fato do caso não ter sido levado adiante pelos deputados apenas revelava aos brasileiros o espírito intolerante da Igreja Romana (BRAZILIAN MISSIONS, 11/1888, p.84).

Não obstante, boletins missionários são considerados mais uma forma de escrito derivado das missões, eles atuavam como mecanismo de organização do empreendimento no que se referia à prestação de contas e às informações sobre o que estava sendo feito no local de missão.

Assim, assumimos ao menos dois caminhos interpretativos a respeito do que foi representado por Fletcher. O primeiro é de que como propagandista e incentivador das missões protestantes no Brasil, o missionário tenha optado por deixar um retrato positivo do que encontrou no país com relação a este assunto. Ademais, fatores como a própria relação pessoal entre ele e o imperador e seu objetivo de estimular intercâmbios comerciais entre os países, poderiam tê-lo influenciado a deixar a situação quanto à tolerância religiosa no país nesses termos.

Por outro lado, existe a possibilidade de que a experiência do missionário tenha sido realmente favorável, pois, como afirma Cavalcanti (2005), missionários não devem ser vistos como meros burocratas que apenas reproduzem o que lhes é esperado, mas como agentes capazes de imprimir, a seu modo, outras noções e significados de suas atuações e experiências.

De todo modo, Fletcher e os outros missionários imaginavam que para o Brasil e as demais nações do mundo, o protestantismo era o elemento faltante para que elas fossem ao encontro do progresso econômico e moral. Segundo ele: “A intelectualidade sem moralidade é, estamos certos, um engenho de tremendo poder a que falta um regulador [...]” (KIDDER; FLETCHER, 1941, p.158).

Indo ao encontro dessa ideia, o jornal da UCAME oferece ao público norte-americano uma compilação de relatos e extratos dos principais jornais circulantes nas províncias brasileiras imprimindo a diferença relacionada às questões religiosas vistas em cada país. Deste modo, festas religiosas tradicionais brasileiras como a do Círio de Nazaré e a Festa do Culto do Divino foram descritas como exemplos de idolatria a que o povo brasileiro estava sujeito.

Em suas próximas edições o jornal explora ainda mais essas imagens sobre o Brasil quando, através de um documento anônimo, afirma ter extraído alguns pontos essenciais de interesse dos seus leitores. A respeito destes, percebe-se que o documento promove um retrato da condição social brasileira por intermédio da apresentação de dados pouco favoráveis à sociedade brasileira, associados por ele, como algo tributário da presença do catolicismo no país:

Na província de Minas, um terço de todas as crianças é ilegítimo. "Nas províncias de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, (talvez do Cará [sic]) a proporção de assassinatos é de um a cada dois mil habitantes; em todo o Brasil é de um a cada dez mil." No interior ", diz um autor brasileiro, " toda a religião do povo consiste em testemunhar, com grandes intervalos, alguns ritos religiosos solenes (como missa, procissão de imagens ou festa) sem nenhum treinamento religioso ou influência permanente de um bom exemplo (AMERICAN FOREIGN CHRISTIAN UNION, 4/1858, p.107, tradução nossa).⁴⁶

Conforme podemos perceber, tudo isso está voltado para sustentar a tese de que era necessária a participação protestante nessa porção do continente americano e que a maioria das mazelas apresentadas por esse relato eram decorrentes do insucesso e desmando católico. Chega-se a afirmar que as pessoas do Brasil estavam em condições tão ruins ou piores do que as das terras consideradas pagãs (AMERICAN FOREIGN CHRISTIAN UNION, 4/1858, p.108).

Tais associações, segundo nosso entendimento, geram uma dupla interpretação sobre a intenção da organização com essas publicações: justificar a presença e a necessidade de ampliar esforços evangelizadores na região, acentuando o anticatolicismo nos Estados Unidos, e reforçar uma identidade protestante antagônica e superior a essas realidades observadas fora do território norte-americano.

Em concordância com essas ideias apologéticas, em julho do mesmo ano é possível observar algumas indicações a respeito de como se deveria proceder para que a atuação missionária obtivesse sucesso no Brasil. Segundo a UCAME, a única forma de operar no país seria agindo indiretamente e isso levava em conta alguns aspectos como o uso da imprensa e o seu caráter de influenciar pessoas:

⁴⁶Do original: "In the province of Minas, one-third part of all those children are illegitimate. 'In the provinces of Pernambuco and Rio Grande do Norte, (perhaps of Cara) the proportions of assassinations is one to 2,000 inhabitants; in all Brazil it is one to 10,000.' In the interior, says a Brazilian author, 'all the religion of the people consists in witnessing, at great intervals, some solemn religious rites, (such as mass, an image procession, or a festa,) without any religious training or the permanent influence of a good example'."

2. A imprensa é livre no Brasil. "Ela pode ser usada como um meio de comunicação, e parece oferecer uma grande abertura. As pessoas geralmente leem muito jornal, e nada pode afetar a mente do público tão imediata e efetivamente quanto a verdade comunicada." 3. Ensino "Como ponto de partida para posicionar e influenciar, ensinar em famílias privadas e em escolas oferece algumas vantagens, enquanto tal chamado facilmente sustenta uma pessoa." A circulação das Escrituras e questões religiosas em geral, oferece o melhor campo para se dar bem. Para este trabalho não há oposição. "Em conclusão, gostaríamos de observar que toda a questão da tolerância religiosa no Brasil é uma *questão em aberto*." Ninguém, até onde podemos aprender, praticamente a testou, tentando pregar na linguagem do povo (AMERICAN FOREIGN CHRISTIAN UNION, 7/1858, p.236-237, tradução e grifo nosso).⁴⁷

Coincidência ou não, essa menção à utilização da imprensa no Brasil para fins evangelizadores havia sido feita menos de um ano antes da vinda da junta oficial presbiteriana que seria responsável pela implementação do primeiro jornal evangélico da América Latina.

Embora a implementação de jornais e escolas confessionais tenham sido estratégias muito difundidas nos mais variados locais de missão e não possamos garantir que os fundadores do *Imprensa Evangelica* teriam entrado em contato especificamente com essa série de conteúdos sobre o Brasil oferecida pela UCAME, a presença dessas discussões no meio evangelizador protestante, sobretudo em relação ao seu alcance nos seminários teológicos, são indícios do quanto a participação dos manuais e periódicos foram elementos que influenciaram a atuação missionária no Brasil do século XIX.

Tal relação fica mais evidente após mapeadas as principais reivindicações e estratégias utilizadas pelo jornal *Imprensa Evangelica* durante a liderança editorial norte-americana no Brasil de 1864-1867 conforme veremos a seguir.

1.5 "PELA PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO, PELA VIVIFICAÇÃO DA DEVOÇÃO DOMÉSTICA"⁴⁸: O PRIMEIRO JORNAL PROTESTANTE DA AMÉRICA LATINA

⁴⁷Do original: "The press is free in Brazil. It can be used as a medium of communication, and seems to offer a very great opening. The people read the newspapers very generally, and nothing could affect the public mind so immediately and effectively as truth thus communicated." "3. Teaching." As a stepping-stone to position and influence, teaching in private families and in schools offers some advantages, while such a calling easily supports a person. "The circulation of the Scriptures and religious matter in general, offers the widest field for doing good. To this work there is no opposition. "In conclusion we would remark, that the whole question of religious toleration in Brazil, is an open question. No one, so far as we can learn, has practically tested it, by attempting to preach in the language of the people."

⁴⁸ IMPRENSA EVANGELICA, 5/11/1864, p.1.

Foi com essa declaração inscrita em seu *Prospecto* que o jornal *Imprensa Evangelica* estreou o periodismo protestante no Brasil e na América Latina. Segundo levantamento realizado por Karla Janaína Cruz (2014), entre 1864 e 1900 estiveram em circulação ao menos dezesseis periódicos evangélicos no Brasil cuja principal intenção era a propagação do protestantismo.

Mesmo não tendo como afirmar se o jornal foi ou não o meio de maior contribuição para o alcance desse objetivo, é certo que sua participação foi uma importante contribuição ao processo de evangelização e consolidação da religião protestante no Brasil e no mundo.⁴⁹

Não obstante, o surgimento de uma imprensa de caráter protestante só foi possível em território brasileiro em função da liberdade de expressão ter sido assegurada pela constituição de 1824, em seu artigo 179 inciso IV que previa:

Todos podem comunicar os seus pensamentos, por palavras, escriptos, e publical-os pela Imprensa, sem dependência de censura; contanto que hajam de responder pelos abusos, que commetterem no exercício deste Direito, nos casos, e pela fórma, que a Lei determinar (BRASIL, 1824, n.p.).⁵⁰

Deste modo, foi lançado no dia 05 de novembro de 1864 na cidade do Rio de Janeiro o jornal *Imprensa Evangelica*.⁵¹ Com a tiragem inicial de 450 exemplares impressos pela *Typographia Universal Laemmert*, o jornal foi publicado inicialmente durante os primeiros e terceiros sábados de cada mês.

Ativo por cerca de 28 anos, ele é considerado um marco dentro da atividade evangelizadora protestante no Brasil, já que enquanto não havia periódicos exclusivamente evangélicos em território brasileiro, missionários utilizavam o espaço de jornais laicos. Nestes, os evangelizadores recorriam a anúncios pagos para publicar excertos evangélicos com o intuito de espalhar a mensagem protestante, como foi o caso do médico e pastor escocês Robert Kalley⁵² (VASCONCELOS, 2010, p.33).

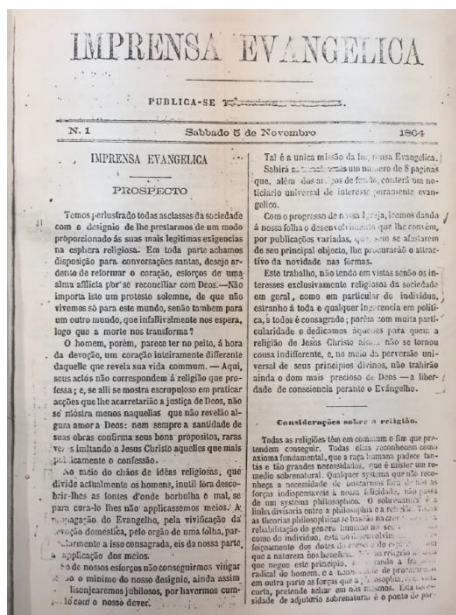
⁴⁹ Para mais informações: WOODBERRY, Robert D. The Missionary Roots of Liberal Democracy. *American Political Science Review*, Vol. 106, No.2, May 2012.

⁵⁰ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: jan. 2019.

⁵¹ Segundo Vicente Themudo Lessa (2010, p.155), quinze anos após a criação do jornal na capital do Império, em 1879, sua sede teve de ser transferida para o estado de São Paulo em função da mudança de eixo tomada pelas missões presbiterianas da época.

⁵² Robert Kalley (1809-1888), também conhecido como “O lobo da Escócia”, esteve no Brasil entre os anos de 1855 e 1873.

FIGURA 2 - CAPA PRIMEIRA EDIÇÃO DO IMPRENSA EVANGELICA



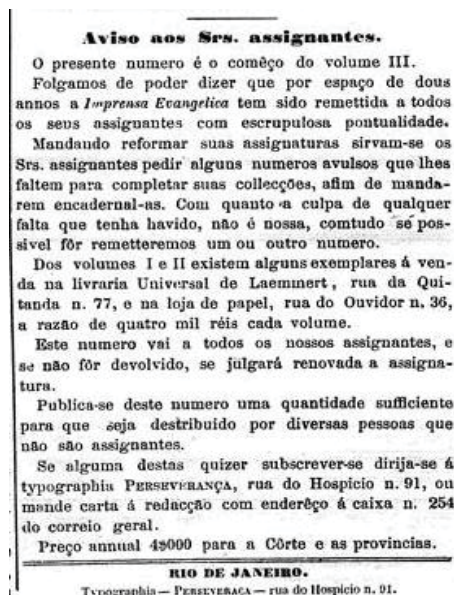
FONTE: Arquivo Histórico Presbiteriano

Seu principal fundador foi Ashbel Green Simonton, mas seu genro Alexander Latimer Blackford (1829–1890), além de fundador, também pode ser considerado um importante agente para a criação e consolidação do jornal, principalmente após a morte de Simonton aos 34 anos, no dia 9 de dezembro de 1867.

Formados em seminários teológicos nos Estados Unidos, Simonton em Princeton e Blackford no Western Theological Seminary, ambos na Pensilvânia, além de terem sido os principais nomes responsáveis pela criação daquele que foi o primeiro jornal protestante da América Latina, foram também os principais editores do jornal durante o período que analisamos.

Uma das principais características do jornal *Imprensa Evangelica* foi a de obedecer a uma numeração contínua, segundo Micheline Reinaux de Vasconcelos (2010) isso deve-se ao fato de que a publicação era pensada para que ao fim de cada ano seus leitores pudessem encaderná-lo, como se fossem um livro ou uma enciclopédia. O que fez com que nos primeiros e últimos números de cada ano o espaço *Aviso aos Srs. Assignantes* anunciasse a possibilidade de compra de algumas edições anteriores do jornal:

FIGURA 3 - ESPAÇO RESERVADO AO AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES 5/1/1867



FONTE: Arquivo Histórico Presbiteriano.

Em sua primeira edição (5/11/1864, p.1), o periódico lançou como seu principal objetivo: “A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica” que, conforme observamos, é o elemento mais presente no jornal. Foram diversas as formas utilizadas para alcançar esse fim, como a publicação de romances, tratados, parábolas, diálogos por meio de cartas, sermões, hinos, testemunhos, notícias de âmbito nacional e internacional, análises comentadas da Bíblia e respostas e opiniões do corpo editorial do jornal.

Quanto aos romances e tratados, grande parte dessas narrativas são traduzidas do inglês, contudo, como não era comum que o jornal divulgasse as autorias com as datas de publicação, é difícil saber de onde procediam sem uma pesquisa prévia. Pesquisadores como Edwiges Rosa dos Santos (2009) consideram este fato um reflexo da ausência de legislação sobre autorias na época, assim como uma forma de proteção de seus redatores.

No entanto, mesmo tratando-se de um jornal de caráter evangelizador, o *Imprensa Evangelica* não se resume apenas à evangelização, segundo Silas Daniel Santos (2018, p.98): “Também versava sobre questões do dia a dia. Era um jornal que não se furtava de comentar e tomar partido nas questões que mobilizavam as atenções no Brasil império em meados do século XIX.”

Isto posto, como foi publicado de 1864 até 1892 o jornal passou por diferentes fases e pela administração de três principais editores, todos eles norte-americanos.

Edwiges Rosa dos Santos em seu livro *O Jornal Imprensa Evangelica: Diferentes fases no contexto brasileiro* (2009) propõe uma divisão de suas linhas editoriais em quatro fases: a primeira de 1864 a 1867, sob o comando de seu principal fundador, o reverendo Ashbel Green Simonton; a segunda de 1868 a 1876, com o reverendo Blackford; a terceira com reverendo Chamberlain, de 1877 a 1885; e a quarta fase, de 1886 a 1892, quando o jornal tomou outros rumos.

Ao considerar as fases supracitadas, trabalhamos com a primeira gestão pois é nela que acreditamos que se encontra de maneira mais imediata essa cultura missionária norte-americana, afinal, houve uma progressiva nacionalização do jornal protestante nas fases seguintes (SANTOS, 2009, p.50).

Em referência aos periódicos e manuais missionários por aqui colocados, podemos fazer menção à presença de alguns temas por eles expostos e que podem ser observados no interior do *Imprensa Evangelica* desse momento, como a existência dos museus missionários.

Noticiado pelo *Imprensa Evangelica* no ano de 1867 o artigo de nome *A exposição universal de 1867* tem como objetivo fazer propaganda da religião protestante em detrimento das outras religiões entendidas como pagãs. Embora fosse incomum constar a autoria na maioria dos artigos veiculados pelo *Imprensa Evangelica*, o artigo é atribuído ao missionário francês Eugène Casalis (1812–1891).

Casalis foi uma figura importante para a história do movimento missionário protestante francês na África do Sul e autor do livro *The Basutos* (1861). Acreditamos que isto tenha contribuído para que seu nome constasse nas páginas do jornal, já que livros de viajantes e missionários eram muito consumidos pelo público leitor da época.

Ao fazer referência ao museu missionário apresentado na exposição universal, é possível observar que a propaganda missionária com relação aos museus esteve direcionada ao público em geral:

O museu missionário do campo de Marte, quantas vezes, em minhas jornadas missionárias, no seio de nossas igrejas não me tem feito mentalmente exclamar: Por que não podes transportar teus ouvintes ao meio das scenas de que tu mesmo tens sido testemunha, fazer-lhes vêr com seus próprios olhos, apalpar com suas mãos este horrendo paganismo sob o qual em pleno século XIX estão ainda curvados os dois terços da humanidade! [...] – Ide ao campo de Marte, ide vêr o museu missionário, e deixai falar vosso coração! Lá estão congregados perante vós estas incríveis divindades que os poderes das trevas têm chegado a substituir ao Deus vivo e verdadeiro! (IMPrensa EVANGELICA, 5/11/1867, p.148).

Sua menção se faz necessária não só pelas informações relacionadas às contribuições do museu missionário exposto na ocasião, mas porque por meio dela podemos observar o quanto as missões foram capazes de promover a comunicação entre as iniciativas pensadas e veiculadas nos manuais norte-americanos, a atuação missionária nos campos de missão e um jornal religioso no Brasil.

Além disso, também manifesta o caráter etnocêntrico que marcou não somente o movimento missionário, mas grande parte do século XIX. Isto porque, segundo Lilia Moritz Schwarcz (1998, p.398), essas exposições universais representam o resultado da política imperialista da época, pois: “expunham didaticamente o avanço de uns e o atraso de outros; a tecnologia na mão de alguns, o exotismo como um privilégio de outros”.

Mesmo que de forma tímida, relatos concernentes à atuação missionária pelo mundo também fizeram parte do jornal. No mesmo ano de 1867, a missão em Pequim, capital da China, foi relatada e os editores do *Imprensa Evangelica* informam que os trabalhos de conversão progrediam na região.

Segundo a própria redação, o objetivo de oferecer tais notícias era informar seus leitores do progresso do evangelho e fazer com que se interessassem pela causa (IMPRENSA EVANGELICA, 3/8/1867, p.115).

Em 1866 o *Imprensa Evangelica* já havia veiculado material referente ao depoimento de um missionário na China. Nele, consta a descrição de uma torre de adoração a Budha visando a proteção da região de Nanquim, a qual o missionário admite ter sido a construção mais imponente que vira em toda a sua vida. Como algo alheio a sua religião, o relato rechaça aquela estrutura procurando exaltar o seu efeito maléfico como um obstáculo diante da salvação e prosperidade do país dizendo: “Que distancia não vai da idéa christã de Deos para esta noção absurda ácerca do pagode. O pobre pagão pensa que esta estrutura, edificada com tanto cuidado, influe muito para a prosperidade do paiz que fica ao redor” (IMPRENSA EVANGELICA, 17/3/1866, p.47).

O caso da China sendo exposto pelo jornal nesse momento é interessante e consoante Paul Varg (1954), antes da virada do século XIX para o século XX, o paradigma teológico das missões protestantes estava atrelado à principal motivação de converter e salvar os pagãos da danação.

Pesquisando os motivos que levaram missionários norte-americanos a ingressar numa verdadeira cruzada pela evangelização do mundo, Varg entende que

o auge desse movimento nos Estados Unidos se deu entre os anos de 1890 e 1917. Fazendo parte de uma historiografia que ainda não levava tanto em conta os aspectos pessoais dos missionários no interior do empreendimento, o historiador analisou o caso de missionários norte-americanos na China levando em conta duas motivações.

Segundo ele, a primeira motivação teológica ligada aos reavivamentos deu lugar a outra que consistiu no arrefecimento da lógica do conversionismo para uma reforma dos costumes favorecendo a abertura comercial entre os países. No entanto, o depoimento do missionário identificado apenas pela sigla *H. V. R.* confirma o primeiro paradigma como a principal motivação da atuação naquele país:

Louvado seja Deos, há centenares na China hoje que experimentão esta mesma alegria. Uma familia inteira, incluindo marido, tem depositado sua confiança em Christo: e multidões que ninguém poderá contar, educadas nesta e outras superstições, regozijar-se-hão nas mesmas preciosas verdades. As altas torres e magnificas estruturas da terra hão de desmoronar e verter-se em pó; mas *para sempre*, Jeovah, tua *palavra permanece nos céos* (IMPRESA EVANGELICA, 17/3/1866, p.47).

Esse discurso também foi utilizado para justificar a investida missionária nas regiões católicas, de modo que essas localidades foram também alvo desse tipo de matéria, no caso do *Imprensa* decidiu-se fazer referência à Itália,⁵³ berço do catolicismo e sede do papado, ele destaca a atuação missionária dos Valdenses, grupo religioso italiano reformado desde os século XVI, que pela sua aproximação com o calvinismo foi muito perseguido pela Igreja de Roma.

Segundo João Baptista Borges Pereira (2004), durante o contexto de imigração para o Brasil no século XIX, o grande fluxo de imigrantes italianos não foi acompanhado da vinda de imigrados valdenses. Consta que vieram ao Brasil apenas uma ou duas famílias fixadas em São Paulo e que, até onde se sabe, em virtude da aproximação desse grupo com o calvinismo, frequentavam a Igreja Presbiteriana Independente (PEREIRA, 2004, p.89).

De todo modo, a atuação desse grupo religioso é exaltada pelo *Imprensa Evangelica* procurando lembrar as perseguições cometidas pelos católicos, reforçando desta forma o aspecto benevolente presente no discurso dos grupos missionários protestantes e colaborando para a disseminação do anticatolicismo:

⁵³ Independentemente do processo de unificação da Itália tenha se estendido de 1815 a 1871, o *Imprensa Evangelica* já em 1866 tratou o país como um Estado Nacional Moderno.

Este pobre povo, animado do verdadeiro espírito de Christo, está, por assim dizer, á sombra mesma do Vaticano, retribuindo bens a seus antigos opressores pelos males que padeceram por ordens emanadas do mesmo palácio mundano-ecclesiastico. [...] Se todos os povos que se chamam christãos, fossem tão zelosos e activos no serviço do Senhor, como este que tanto tem soffrido por seu nome, pouco tempo levaria até que seu reino prevalecesse sobre todas as nações (IMPRENSA EVANGELICA, 7/9/1867, p. 131).

Assim, dando seguimento ao objetivo de demonstrar de que modo se faz presente no jornal a influência de fatores resultantes da cultura de massa norte-americana advinda do Segundo Grande Despertar dentro do *Imprensa Evangelica*, nota-se que em seus primeiros anos ele também investiu pesadamente na publicação de romances-folhetim, prática esta que nos propomos analisar no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2

O IMPRENSA EVANGELICA DA PRIMEIRA GESTÃO (1864-1867)

Neste capítulo expomos um retrato de como surgiu a imprensa periódica no Brasil do século XIX, estabelecendo uma relação com o surgimento da imprensa religiosa e a emergência dos primeiros jornais evangélicos nascidos das missões protestantes norte-americanas no país e demonstramos outras formas de influência da cultura de massa norte-americana advinda do Segundo Grande Despertar na primeira gestão do jornal *Imprensa Evangelica*, para tanto, historicizamos os principais conteúdos explorados pelo jornal neste período.

Feito isso, partimos do entendimento de historiadores como Marco Morel (2015) e Marlyse Meyer (1996) acerca das práticas de leitura em circulação no Brasil do século XIX que, em face do grande número de analfabetos, deu-se “pelos padrões da oralidade, onde nos primórdios do folhetim, dominavam as famílias extensas e casas recheadas de serviçais e, mais tarde, as habitações populares coletivas [...]” (MEYER, 1996, p.379).

Assim, discorreremos a respeito da atuação proselitista do *Imprensa Evangelica*, dando exemplos de como esta prática ocorreu e através de quais estratégias. A título de exemplo, anunciamos a presença das primeiras polêmicas e ataques ao catolicismo representado pelo periódico ultramontano *O Apóstolo*, que foi publicado de 1866 a 1891.

Por fim, destacamos de que forma deu-se a apropriação do romance como gênero literário entre os protestantes no século XIX, demonstrando a partir da narrativa *O relojoeiro e a sua família* de que forma os romances foram veiculados pelo jornal.

2.1 DO JORNAL LAICO À IMPRENSA RELIGIOSA (1808–1848)

O nascimento da imprensa periódica brasileira tem como referência o ano de 1808 que, além de marcar a vinda da família real portuguesa, foi também o ano de fundação do jornal *Correio Braziliense*⁵⁴ e de instalação da tipografia da Impressão

⁵⁴ Dentro dessa época podemos citar o nascimento de periódicos nacionalistas como *O Patriota* (1813), o jornal oficial *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808) assim como o já referido *Correio Braziliense* que, mesmo diante da censura régia, ficou conhecido por fazer críticas ao governo.

Régia.⁵⁵ Com relação a esta última, consoante Márcia Abreu (2004), consistiu na primeira casa de impressão do país e foi oficialmente destinada a publicar papéis oficiais do governo, embora não tenha se limitado a publicar avisos, alvarás e comunicados oficiais, mas também uma variedade de obras poéticas e ficcionais, dentre as quais destaca-se uma quantidade significativa de romances.⁵⁶

Contudo, para historiadores da imprensa como Marco Morel (2015), não se pode considerar que antes dessa data não existissem outras formas de veiculação e transmissão da cultura impressa no Brasil, citando o inventário realizado por Rubens Borba de Moraes (1969), antes de 1808 mais de trezentas publicações, incluindo livros, impressos anônimos, relatos de festas e acontecimentos, manuscritos de autores clássicos, relatos de viagens, textos polêmicos, poesias e literatura em prosa já circulavam pelo país.

Segundo Morel (2015, p. 25), “o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu numa espécie de vazio cultural, mas em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria.” O surgimento da imprensa periódica marcou presença na cena pública brasileira do século XIX e sua atividade fez parte das transformações sociais e mudanças nas relações de poder.

Isto ficou mais evidente a partir do momento em que grupos políticos das mais variadas identidades fundaram seus próprios impressos, ampliando o espaço para o compartilhamento de ideias e informação. Conforme Nelson Werneck Sodré (1999), isso aconteceu após o retorno da Corte a Portugal por meio da mobilização das classes dominantes brasileiras contra a volta do regime de monopólio. O autor defende que pretendendo evitar que o Brasil se visse mais uma vez preso ao comércio exclusivo com Portugal, foi preciso mobilizar também o restante da população e “para mobilizar é preciso despertar a opinião. Para despertar a opinião é preciso imprensa” (SODRÉ, 1999, p.45).

Desta forma, logo após o seu surgimento a imprensa brasileira participou de importantes episódios da história nacional:

⁵⁵ Segundo Márcia Abreu (2004), em 1815 a Imprensa Régia passou a chamar-se *Real Officina Typographica*, em 1822 *Tipografia Nacional*, e, finalmente, *Imprensa Nacional*, nome que carrega até os dias de hoje.

⁵⁶ Segundo a autora, entre os anos de 1808 e 1818 a casa editorial disponibilizou para a aquisição mais de vinte títulos diferentes do gênero (ABREU, 2004, p.7).

Num ritmo distinto, porém não menos instigante, a imprensa acompanhou e protagonizou momentos importantes da história no Brasil. Instalada oficialmente em 1808, com a chegada da família Real, mesmo contando com um público restrito de leitores, a circulação de livros e de jornais esteve diretamente ligadas a movimentos como a Inconfidência Mineira, a Revolução Praieira, a libertação dos escravos e a difusão dos ideais republicanos (SILVA; FRANCO, 2010, p. 2-3).

Entende-se que a proliferação da imprensa no Brasil acentuou-se também em função das revoluções constitucionalistas de inspiração liberal ocorridas na Espanha e Portugal, afinal, uma das primeiras medidas asseguradas pelos novos governos foi a garantia da liberdade de imprensa dentro de seus territórios. No Brasil, a medida foi importante porque pressionou o monarca português Dom João VI a assinar o decreto que pretendia colocar fim à censura régia,⁵⁷ que só não voltou a ocorrer em função da Independência de 1822 (MOREL, 2015, p.38).⁵⁸

Com o país recém independente foi preciso investir na construção de uma imagem nacional, o que significou a instrumentalização da imprensa, assim, surgiu a primeira geração de redatores brasileiros, que eram intelectuais patrióticos ou liberais, e que se manifestavam largamente nas gazetas, folhas e periódicos, destacando-se pelo “combate imediato, de apoio/ ataque a pessoas e facções e de propagação das ‘novas ideias’, dirigidas ao povo e à nação [...]” (MOREL, 2015, p.35).

Entretanto, ainda que a imprensa periódica no Brasil do século XIX tenha adotado esse caráter preferencialmente político, Ana Luíza Martins (2015), ao estudar as diferentes temáticas da imprensa do Brasil Império do Segundo Reinado (1841-1889), entende que a partir de meados do século XIX houve uma redução do interesse da população pelo jornalismo político, isso porque desde o Período Regencial (1831-1840) houve uma grande mudança que envolveu o aumento do número de periódicos e a variedade do público leitor brasileiro. Passaram a ser protagonistas desse novo momento:

Soldados, oficiais de média patente, lavradores arrendatários, profissionais liberais, clero regular e secular, camadas pobres urbanas livres, homens negros, pardos e brancos, além da presença nítida das mulheres na cena pública, como leitoras ativas (MOREL, 2015, p.42).

⁵⁷ Presente no Brasil de 1768 a 1821.

⁵⁸ Mesmo aprovada em 1821, a lei que garantia a liberdade de imprensa foi desbancada pela Coroa portuguesa já no ano de 1823, quando esta decidiu pela volta da censura prévia ao território de Portugal e suas colônias (ABREU, 2009, p.11).

Acompanhando esta mudança, Martins cita a importância da emergência de periódicos como os jornais satíricos, pasquins e panfletos difamadores que, embora insistissem em ter a política como principal fonte de publicação, passaram a investir em conteúdos chamarizes como: caricaturas, temáticas de interesse feminino e seções *A pedidos*. Com relação a estas últimas:

Curiosas e instigantes eram as seções “A pedidos”, que mediante pagamento veiculavam reclamações dos leitores, de ordinário voltadas contra o governo. O espaço de livre circulação se tornara chamariz para o jornal, pela atração exercida sobre os consumidores para ali se posicionarem sobre assuntos variados. Sabe-se que mesmo não havendo encomenda de pedidos, os jornalistas se encarregavam de inventá-los, a ponto de haver pessoas especializadas em assumir a autoria dos ataques pessoais (MARTINS, 2015, p.63).

Com o intuito de aumentar a circulação dos periódicos, notamos que esse tipo de estratégia também serviu à imprensa religiosa quando ela promoveu ataques ou suscitou discussões de seu interesse.

A autora destaca ainda a utilização da literatura como uma das principais formas de atrair o público leitor, uma vez que os jornais começaram a publicar em suas páginas folhetins, crônicas e contos. O sucesso dos primeiros foi motivado principalmente pela publicação de romances, afinal, havia grande dificuldade de editar esse tipo de publicação no país, pois para adquiri-los havia um alto custo de importação ou Impressão Régia. Feita aos poucos, a publicação dos folhetins procurava despertar a curiosidade e o interesse dos leitores pela continuidade das narrativas ao publicá-las separadamente em pequenos trechos:

Romances, só aos bocaditos, em forma de folhetim, que aos jornais interessavam comercialmente como atração de primeira página. A característica da seriação, instigando a leitura seguinte, garantia o consumo da publicação enquanto lá se encontrasse, de suspense em suspense, o enredo instigante com os lances rocambolescos pertinentes (MARTINS, 2015, p.70).

Desta maneira, obras nacionais e estrangeiras como *O Conde de Monte Cristo* (1844),⁵⁹ de Alexandre Dumas (1802-1870), e *O Guarani* (1857),⁶⁰ de José de Alencar

⁵⁹ Como um dos primeiros sucessos desse tipo de publicação, a obra foi veiculada pelo *Jornal do Commercio*. Este, fundado em 1826 com o nome de *Espectador Brasileiro* acabou sendo fechado no mesmo ano de sua fundação. Ressurgindo em 1827 como *Jornal do Commercio* o qual por muito tempo foi considerado o jornal oficial do Império. Como ainda está em atividade, é considerado também o mais antigo diário da América Latina (MARTINS, 2015, p.52).

⁶⁰ Publicado no *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878), uma folha considerada omissa nas questões políticas e que só se ocupava de questões locais (SODRÉ, 1999, p.50-51).

(1829–1877), foram veiculadas por jornais brasileiros do século XIX. Já em relação à crônica e ao conto, esses também adaptaram-se aos periódicos e revistas brasileiras, no entanto, diferente dos romances, eles normalmente acabavam sendo publicados como artigos de fundo e em função do reduzido tamanho eram impressos integralmente (MARTINS, 2015, p.69).

Assim, como explicar a proliferação da imprensa periódica brasileira no momento em que a maioria da população era de analfabetos? A explicação encontrada por pesquisadores como Morel (2015) remete às práticas de leitura vindas da Europa do Antigo Regime. Segundo o autor, elas costumavam ser feitas em voz alta e de modo coletivo, propiciando o acesso à informação da população iletrada nos âmbitos público e privado.

Apesar de ser um problema estrutural no Brasil até o final do século XX, o analfabetismo não impediu a ampliação da variedade de periódicos no Brasil do século XIX. Como exemplo disso, temos o nascimento da imprensa religiosa que, apesar da participação de padres em boa parte dos jornais políticos desde o início do século, teve como marco fundacional o surgimento do periódico semanal baiano *O Noticiador Catholico* (1848-1860).

Para pesquisadores como Marcos Vinicius de Freitas Reis e Josias Freitas Souto (2016), esse tipo de imprensa nasceu no Brasil em função da religião oficial ter sentido sua hegemonia ameaçada pela intensificação da presença das ideais de inspiração liberal e do aumento da presença de outras denominações religiosas no país.

Além disto, a partir da segunda metade do século XIX, críticas à união entre Igreja e Estado inundaram a imprensa periódica que, até o último quartel do século, acirrou suas críticas a três principais temas: a crise entre a Igreja e o Estado - a chamada Questão Religiosa (1872-1875) -,⁶¹ a insatisfação dos militares e a campanha pela Abolição (MARTINS, 2015, p.73).

Conhecida pelo mal-estar causado entre o imperador Dom Pedro II e membros da Igreja Católica, a Questão Religiosa não foi um incidente único, pois tratando-se da relação entre Igreja e Estado “não se pode falar de uma paz absoluta, sob regime regalista no Brasil” (VILLAÇA, 1974, n.p.). Conforme o autor, o embaraço agravava-se

⁶¹ Para mais informações: VILLAÇA, Antônio Carlos. **História da Questão Religiosa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

no ano de 1873 após lojas maçônicas terem divulgado o nome de membros de irmandades religiosas como seus iniciados (VILLAÇA, 1974, p.35 - 37). Este fato desagradou os bispos católicos Dom Macedo Costa, do Pará, e Dom Vital Maria Gonçalves, de Olinda, que, seguindo determinação papal, proibiram a presença de membros maçônicos nessas irmandades. Tal decisão contrariou ordens do imperador e levou os bispos à prisão em 1874 pelo período de um ano na *Ilha das Cobras* (MARTINS, 2008, p.70).

De maneira geral, a Questão Religiosa representou o enfraquecimento da relação entre Igreja e Estado no Brasil e contribuiu para a aproximação de parte das elites brasileiras liberais com a mensagem protestante. Para elas, o protestantismo representava a união entre religião e progresso, conforme assegura David Gueiros Vieira (1980, p.12), de fato houve “certa cooperação entre ideais liberais, maçônicos, republicanos, protestantes e de outros grupos minoritários, contra o poder político da Igreja Católica Romana no Brasil.”

Como resultado das demandas surgidas pelas revoluções liberais do século XVIII e de pressões vindas da Inglaterra, durante todo o século XIX houve significativo -apelo para o fim da escravidão.⁶² Segundo Juliana Barreto Farias (2014), os posicionamentos contrários à escravidão ganharam força desde a primeira metade do século XVIII com a participação de filósofos e políticos europeus como Montesquieu, Rousseau, Adam Smith e grupos religiosos protestantes.

No entanto, foi a partir de 1808, quando a Inglaterra oficialmente aboliu a escravidão em suas colônias, que se investiu pesadamente para que todas as outras nações também não tivessem mais mão-de-obra escravizada em seus territórios. Para isso, os ingleses sancionaram diversas leis internacionais⁶³ como a que determinava o fim do tráfico de escravizados (FARIAS, 2014, p.41).

Em virtude do não cumprimento das determinações inglesas, Brasil e Inglaterra chegaram a romper relações diplomáticas em 1863 em função do recrudescimento da repressão inglesa no que ficou conhecido como a *Questão Christie* (MENDONÇA,

⁶² Para mais informações ver: SCHWARCZ, Lília Moritz e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

⁶³ Depois da lei que determinou o fim do tráfico (1831), em 1845 os ingleses fizeram a *Bill Aberdeen* ou *Aberdeen Act*. Esta lei possibilitou que navios ingleses pudessem abordar qualquer embarcação suspeita de tráfico de escravizados, o que gerou uma série de controvérsias entre Brasil e Grã-Bretanha (GRAHAM, 1962, p.119, 120).

2018, p. 278).⁶⁴ No contexto de pressão vinda do emancipacionismo internacional, a grande dependência brasileira da mão-de-obra escravizada refletiu-se no longo e lento processo de Abolição⁶⁵ acompanhado da política de branqueamento da população.

Visando cumprir com as exigências externas e evitar o colapso da mão de obra na grande propriedade, o país investiu no fomento da imigração de trabalhadores livres majoritariamente vindos da Europa (CARVALHO, 2003, p. 332-334), muitos eram católicos, mas havia também entre eles cristãos protestantes - o único grupo religioso imigrante não católico que veio para o Brasil no século XIX.

As condições políticas e sociais para a progressiva inserção do protestantismo no Brasil datam do estabelecimento do acordo de livre comércio e navegação entre Brasil e Inglaterra, em 1810. O acordo previa que religiões diferentes da oficial só poderiam ser praticadas no âmbito doméstico e em locais cujo exterior não se parecesse com um templo (GONÇALVES, 2015, p.52).

O protestantismo no Brasil desse momento ficou conhecido como protestantismo de imigração e basicamente atendeu às necessidades religiosas de pequenas comunidades alemãs e inglesas do Sul e Sudeste brasileiro. Entretanto, vale lembrar que em consequência da Guerra Civil Americana, alguns confederados norte-americanos insatisfeitos com o fim da escravidão no país fizeram sondagens patrocinadas pelo próprio governo imperial brasileiro a fim de adquirir terras no Brasil.

A imigração confederada gerou expectativa tanto do lado brasileiro quanto do norte-americano⁶⁶ e, como resultado disso, surgiram algumas publicações referentes à temática⁶⁷ como a do reverendo episcopal Ballard S. Dunn: *Brazil: a home for southerners*, uma espécie de retrato do país para que os interessados em deixar os Estados Unidos tivessem alguma noção do que encontrariam por aqui.

⁶⁴ Segundo Richard Graham (1962), A Questão Christie foi resultado dos vários incidentes entre embarcações brasileiras e inglesas ocorridos a partir de 1862. A vontade inglesa de ver o fim do tráfico de escravizados teria sido um dos principais combustíveis no abalo das relações entre os países. O nome "Christie" refere-se ao nome do ministro William Douglas Christie (1816-1874), que teria agido diplomaticamente de maneira muito conturbada.

⁶⁵ Para mais informações: COSTA, Emília Viotti da. **A Abolição**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

⁶⁶ Para mais informações ver em: MORENO, Alessandra Zorzetto. **Propostas imigrantistas em meados da década de 1860**: a organização de associações de apoio a imigração de pequenos proprietários norte-americanos: análise de uma colônia. 2000. 145 p. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281546>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

⁶⁷ *The Emigrant's Guide to Brazil* (1867), de Lansford Warren Hastings's (1819–1870) e *Hunting a home in Brazil* (1867), de James McFadden Gaston's (1824-1903).

Havia a promessa de que viriam para o Brasil cerca de meio milhão de confederados compondo os mais variados tipos de atividades profissionais, a expectativa foi tanta que o político liberal Tavares Bastos⁶⁸ acreditava que seria “na verdade, uma profunda mudança cultural e religiosa para o Brasil — de uma cultura afroindígena, com um verniz de catolicismo português, para uma européia e protestante” (VIEIRA, 1987, p. 205).

No entanto, os altos números de imigrantes sulistas não se confirmaram, embora tenham sido suficientes para transformar o interior de algumas províncias brasileiras através da criação de cidades como Americana e Santa Bárbara do Oeste.⁶⁹

Outras duas classificações foram criadas para mapear a atividade protestante no país: o protestantismo de invasão e o protestantismo de missão. Consoante José Roberto de Souza (2011), o protestantismo de invasão está ligado ao período do Brasil Colônia (1500–1808), quando franceses e holandeses tentaram fixar-se no país, mas durou pouco tempo. Portanto, foi o protestantismo de missão da metade do século XIX que consolidou a religião protestante em território brasileiro. Conforme aponta Mendonça (2005), a fixação do protestantismo no Brasil ficou a cargo da atuação das sociedades missionárias denominacionais norte-americanas que, após fundarem as primeiras igrejas evangélicas do país - a Igreja Batista (1859), Presbiteriana (1862) e a Metodista (1878) -, também fundaram seus próprios jornais.

O primeiro deles foi o presbiteriano *Imprensa Evangelica*, seguido do metodista *O Expositor Cristão* (1886) e do batista *O Jornal Batista* (1901) (VASCONCELOS, 2010, p.38).⁷⁰ Consequentemente, houve um aumento das disputas no campo religioso brasileiro, mas para explicar esse fenômeno é preciso primeiramente pensar sobre o modelo de missão no qual as denominações norte-americanas baseavam-se.

De acordo com Cavalcanti (2001), durante o século XIX existiram dois grandes modelos de missão: o de igreja oficial e o de mercado aberto. O primeiro seguiu a

⁶⁸ Segundo Abrêu (2013), os pesquisadores que estudaram os escritos de Aureliano Tavares Bastos (1839–1875) o consideraram como um dos mais importantes liberais no Império. Tavares Bastos foi também um dos maiores defensores da aproximação comercial do Brasil com os Estados Unidos e amigo próximo do missionário norte-americano James Cooley Fletcher.

⁶⁹ Para mais informações sobre a presença confederada: MONTGOMERY, Michael B.; FLYNT, Wayne. **The Confederados: old south immigrants in Brazil**. University of Alabama Press, 1995.

⁷⁰ Nossa intenção aqui foi de apenas mencionar os principais jornais de cada denominação. Ao longo do século XIX, outros periódicos evangélicos surgiram no Brasil como: *O Púlpito Evangélico* (1874–1875), *O Pregador Cristão* (1875–1885), *Salvação da Graça* (1873–1876), entre outros (VASCONCELOS, 2010, p.40).

política que a maioria das potências coloniais empreendeu e tinha como regra estabelecer correspondência direta entre a atuação das instituições religiosas e os interesses do colonizador. O exemplo mais marcante desta prática possivelmente tenha sido o da relação entre a Inglaterra e a Igreja Anglicana, ainda que, como afirma Andrew Porter (1999), essa experiência não signifique que na prática os interesses missionários e colonizadores estivessem em perfeita sintonia.

Como parte do modelo de mercado aberto, as missões norte-americanas configuraram-se a partir da realidade denominacional vivida nos Estados Unidos onde, na ausência de uma igreja oficial, as denominações competiam pelos fiéis como em um mercado aberto. Assim, cada igreja precisava desenvolver suas técnicas de convencimento acerca da superioridade de sua doutrina e prática religiosa (CAVALCANTI, 2001, p.63).

Com o enfraquecimento da relação entre o poder monárquico brasileiro e a Igreja Católica, as denominações protestantes deram origem a uma competição nos moldes vividos nos Estados Unidos e que também envolveu a religião oficial do Império.

Conforme os trabalhos de Silas Daniel dos Santos (2018) e Carlos Barros Gonçalves (2015), um dos destaques dessa disputa foi o embate entre jornais católicos e protestantes, que se estendeu a protestantes e espíritas, católicos e espíritas, além de controvérsias entre as próprias denominações protestantes.

Sobre as últimas, a historiadora Micheline Reinaux de Vasconcelos (2010) trabalhou como exemplo a contenda ocorrida entre batistas e presbiterianos no início do século XX. Segundo a pesquisadora, o conflito teve início após um opúsculo presbiteriano ter publicado um artigo de nome *Controvérsia Baptista* criticando algumas concepções doutrinárias batistas:

Percebe-se que a publicação de textos protestantes como artigos e opúsculos, embora prestasse ao proselitismo anticatólico, também poderia tornar-se veículo de disputa entre as confissões protestantes. A intensidade destas justificou, inclusive, a publicação do *Controvérsia Baptista, com o fim de prover aos presbiterianos fundamentos para estarem com o espírito bem orientado para dar razão de sua fé, quando alguém ousar pôr em dúvida a legitimidade da posição assumida pela Egreja Presbiteriana [sobre o batismo]*. Note-se, igualmente, que os presbiterianos não mediram as palavras ao atacarem os batistas, alegando terem sido atacados primeiro por estes nas páginas do Jornal Batista (VASCONCELOS, 2010, p.89).

Apesar disso, o principal adversário a ser vencido pelo protestantismo no Brasil dos oitocentos foi o catolicismo, uma realidade que não foi unicamente brasileira, nos

Estados Unidos, por exemplo, esse conflito acentuou-se após a chegada de imigrantes católicos no país (MENDONÇA, 2008, p.116).

Como reação à perda de influência nos campos político e religioso da Igreja Católica pelo mundo no início do século XIX, surgiu o movimento católico ultramontano. Este termo refere-se ao contexto de fins do século XVIII, quando grande parte do clero francês aderiu à ideologia liberal, de modo que o termo ultramontano foi utilizado para designar os clérigos que continuaram fiéis ao conservadorismo de Roma, “o qual residia, a partir da ótica francesa, além dos Alpes, ou seja, ultramontes” (AZZI, 1992, p.109 *apud* OLIVEIRA; MARTINS, 2011, p. 260).

Reconhecido como movimento conservador da Igreja Católica, o ultramontanismo atuou como uma espécie de resistência às novidades políticas e ideológicas advindas das revoluções liberais e do desenvolvimento filosófico e científico dos finais do século XVIII e XIX (CRUZ, 2008, p. 2). No Brasil, sua presença intensificou-se a partir da segunda metade do século XIX quando a Igreja decidiu investir no objetivo de retomar a autoridade espiritual sobre a sociedade civil brasileira da época.

Sujeito ao padroado régio, o catolicismo ultramontano brasileiro teve como suas principais características a reafirmação da centralidade da Igreja Romana, o respeito às decisões do papa - consideradas inquestionáveis por esse setor -, investimento na moralização da sociedade e formação intelectual do clero (OLIVEIRA; MARTINS, 2011, p. 259-260).

O padroado régio enfraquecia a autoridade dos clérigos, pois garantia o direito do rei de recolher dízimos e nomear bispos. Ele foi concedido pelos pontífices Leão X, em 1514, e Júlio II, em 1550, a alguns reis que patrocinaram missões católicas em suas colônias. Segundo Vieira (1980, p.28), “Desde que tais direitos tinham sido concedidos à casa portuguesa de Avis, e mais tarde à casa de Bragança, os imperadores brasileiros, como herdeiros desta, exigiram e assumiram o padroado sobre a Igreja Brasileira.”

Ademais, o ultramontanismo também elegeu o protestantismo como um de seus principais inimigos. Ao lado da Maçonaria e do Liberalismo, a religião protestante foi considerada uma ameaça desde os tempos em que os primeiros missionários metodistas, Daniel Parish Kidder e Justin R. Spaulding, iniciaram o trabalho de distribuição de Bíblias nas províncias brasileiras.

Conforme Nicanor Lopes (2012), Spaulding chegou ao Brasil no ano de 1836 e é considerado o primeiro missionário residente da Igreja Metodista no país. Kidder chegou ao Brasil em 1838, aos 22 anos, após ter aceitado o convite para atuar como colportor pela SBA, ele ficou no país seguindo a atividade até 1840, quando, em função da morte de sua esposa, retornou aos Estados Unidos.

Isto posto, a presença de missionários foi importante para a difusão da religião protestante no país e atingiram diferentes regiões, entre cidades e zonas rurais, oferecendo aconselhamentos e orações, além da distribuição de Bíblias (NOGUEIRA, 2013, p. 16).

Considerada uma das primeiras e mais importantes estratégias para a propagação do protestantismo no Brasil, a distribuição de Bíblias também possuiu um papel essencial na história da circulação da cultura impressa no país, com a finalidade de evangelizar levou conteúdo impresso a um número considerável de brasileiros “em uma linguagem que todos pudessem entender e ao preço que todos pudessem pagar” (GIRALDI, 2008, n.p.).

Essa atividade foi de tal maneira relevante que menções a seu respeito foram frequentes nos jornais protestantes da época e todas as igrejas protestantes viam com bons olhos a distribuição de Bíblias, folhetos e livros porque eram um sinal do avanço do protestantismo pelo Brasil, o que se relacionava com a ideia protestante de que a leitura individual da Bíblia poderia guiar os leitores ao conhecimento da verdade religiosa protestante (GONÇALVES, 2015, p. 73).

A distribuição de Bíblias feita pelos missionários acentuou as diferenças com relação à religião oficial do Império porque, até metade do século XIX, a Igreja católica não incentivava a leitura da Bíblia a seus súditos, no máximo a autorizava desde que fosse a versão aprovada pela instituição.⁷¹ De acordo com Giraldi (2008), isso mudou somente a partir de 1893 com a encíclica *Providentissimus Deus*, do Papa Leão XIII, que recomendou a leitura e o estudo do livro sagrado (GIRALDI, 2008, n.p.).

Desta forma, foi em meio a diferenças de natureza cultural e religiosa que o protestantismo missionário conduziu sua busca por novos fiéis e espaço na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Para a historiadora Micheline Reinaux

⁷¹ Segundo Giraldi (2008), a Igreja Católica proibia a leitura de edições da Bíblia que não tivessem sua autorização ou seu *imprimatur*. Para ele, a recomendação vigorou durante todo o Brasil Império e foi um grande obstáculo para as Sociedades Bíblicas protestantes, pois elas só publicavam Bíblias sem a referida autorização.

de Vasconcelos (2010), depois da distribuição de Bíblias e da pregação através da colportagem, o segundo meio mais utilizado pelos missionários protestantes para a evangelização foi o uso da imprensa.

Contudo, vale lembrar que a prática de proselitismo de religiões que não a oficial no Império era permitida somente no âmbito doméstico, de todo modo, a relação vivida entre os jornais protestantes e católicos que representam a imprensa religiosa desse momento demonstram que a medida legal não foi estritamente respeitada. Assim, reservamos o seguinte tópico para tratar de como desenvolveu-se o proselitismo nos primeiros anos de gestão do jornal *Imprensa Evangelica*.

2.2 A PRÁTICA PROSELITISTA NA PRIMEIRA FASE DO *IMPRESSA EVANGELICA*

Ocupando-se de explicar a relação entre mídia, religião e sociedade, Luís Mauro Sá Martino (2017) citando Anne-Sophie Lamine (2004), aponta para o paradoxo de que por mais que a maioria das religiões possua um forte sentido de comunidade, a convivência entre elas raramente se dá mediante essa lógica comunitária. Muitas vezes, o relacionamento entre diferentes religiões é bastante complicado podendo desenvolver inclusive comportamentos de intolerância religiosa.

Um dos caminhos que Martino (2017) aponta para a compreensão dessa realidade é de que a religião marca a identidade indivíduos, grupos e comunidades, de maneira que estabelece quem faz parte e quem não faz parte da comunidade. Desta maneira, para Paul Freston (2012) e Martino (2017), o elemento mais importante dentro de uma relação de disputa entre religiões é perguntar o que cada uma afirma que deve ser feito com quem não pertence ao seu grupo religioso.

Seguindo esse questionamento Diana Eck's (1993), citada por Scott Appleby (2000, p.13-14), criou uma tipologia que confronta três tipos de posturas geralmente adotadas pelas religiões: a exclusivista, a inclusivista e a pluralista. A primeira delas considera que apenas uma religião é verdadeira; a segunda admite a existência de outras religiões, tradições, comunidades e verdades, mas acredita que uma delas em particular é superior às demais; e a última defende que a verdade religiosa não é posse exclusiva de nenhuma tradição ou comunidade, fazendo de sua diversidade uma oportunidade de engajamento e diálogo entre elas.

À vista disto, considerando que as disputas no campo religioso brasileiro aqui analisadas aconteceram em uma atmosfera de animosidade entre seus participantes,

acreditamos que é na prática proselitista que existe a chance de encontrarmos alguns dos problemas de convivência religiosa, pois é ela que regula a relação entre a aceitação das pessoas e a difusão das ideias religiosas. Todavia, é preciso deixar claro que a fonte dos problemas não está na mudança dos fiéis de uma religião para a outra, mas no que as lideranças e instituições religiosas utilizam para atingir esse objetivo (GONÇALVES, 2003, p.94).

Dito isso, partimos da seguinte definição de proselitismo:

[...] a forma encontrada pelas religiões tanto no papel dominante, como maioria, ou como minoria religiosa para atrair novos fiéis a sua crença. Para isso, uma gama de estratégias e formas de apresentação dessa crença é desenvolvida. Tudo no intuito de convencer o indivíduo de que a sua religião não é adequada e que se sentirá muito melhor física, moral, psicologicamente e espiritualmente se migrar e adotar a nova palavra (GONÇALVES, 2003, p.95).

Reconhecemos que o missionarismo protestante oitocentista com seu caráter universal resultante dos reavivamentos ocorridos nos Estados Unidos e Inglaterra enquadra-se como um movimento essencialmente proselitista e dentro da disputa no campo religioso brasileiro do século XIX, a atuação protestante através dos jornais denominacionais buscou a primazia no campo religioso com base na estratégia de depreciar as outras religiões para legitimar-se (GONÇALVES, 2015, p. 41).

Sendo assim, o jornal *Imprensa Evangelica* desde o seu primeiro volume não deixou de expressar com entusiasmo o objetivo de despertar nos brasileiros a importância da salvação como prerrogativa exclusiva do que consideravam o verdadeiro cristianismo encabeçado por ele. Entretanto, em um de seus artigos inaugurais denominado *Considerações sobre a religião*, o periódico protestante evita fazer propaganda direta do protestantismo, defendendo a religião cristã de uma forma geral, como vemos a seguir:

Desta sorte sucede que, não obstante todas as religiões terem em commum a salvação do gênero humano, por meios sobrenaturaes, são tão diversas, que a verdade não pode achar-se senão só n'uma dellas. Cremos ser esta a religião christã, da qual o Evangelho é exposição cabal e perfeita (IMPRESA EVANGÉLICA, 5/11/1864, p.2).

Considerando essa atitude parte de uma estratégia adotada pelo jornal para não entrar em confronto direto com o catolicismo, é preciso lembrar que a atuação missionária, na maioria das vezes, precisou e precisa negociar com as diversas forças e atores que compõem o seu campo de missão. Assim, entendemos que é preciso

abandonar a visão do missionário todo poderoso que prevê todas as condições para a propagação de sua mensagem e determina todos os seus resultados (FRESTON, 2012, p.31).

Analisando o *Imprensa Evangelica* entre os anos de 1864 e 1867, Edwiges Rosa dos Santos (2009, p. 76) considera que os artigos diretamente críticos ao catolicismo começaram a aparecer a partir de 1865, a pesquisadora afirma que no primeiro ano de sua existência o periódico dedicou-se a apresentar o protestantismo aos leitores brasileiros.

Em concordância com essa ideia, Antonio Gouvêa Mendonça no final da década de 1980 em *O Celeste Porvir* já havia considerado que Simonton, principal editor do jornal nesse momento, “foi notoriamente prudente nas suas referências à religião oficial do Brasil” (MENDONÇA, 2008, p. 124). Investigando a inserção do protestantismo em território brasileiro a partir de meados do século XIX, o autor dividiu a luta dos missionários protestantes por um espaço no campo religioso em três níveis: polêmico, educacional e proselitista.

Segundo o sociólogo, o nível polêmico consistiu em versar a respeito das principais controversas da Reforma, mas por motivos políticos e sociais concernentes à sociedade brasileira da época isso ocorreu de maneira mais prudente entre os primeiros missionários como Simonton. De acordo com o autor, o período polêmico terminou somente na década de 1920 e conforme a atuação missionária foi sendo protagonizada cada vez mais por líderes nacionais, o que gerou uma mudança no cenário de ponderação visto com os missionários pioneiros norte-americanos (MENDONÇA, 2008, p.123).

Assim, ao definir a aplicação do Evangelho como única forma de encontrar a verdade e a salvação, ainda em sua primeira edição com o artigo *Testemunho de homens distintos sobre a excelência da Bíblia* percebemos as primeiras investidas a nível polêmico do jornal presbiteriano:

Diz Sir Francis Bacon: “As tuas criaturas tem sido os meus livros; porem as tuas Escripturas muito mais: eu procurava pelas ruas, nos campos e nos jardins, mas te achei nos teus templos. Eu creio que a palavra de Deos pela qual a sua vontade é revelada, continuou em revelação e tradição com Moysés até o dos apóstolos evangelistas; em cujo tempo, depois da vinda do Espírito-Santo, o livro das Escripturas foi concluído e fechado, para não receber qualquer nova adição; e que a igreja não tem o poder, depois de completas as Escripturas, de ensinar ou mandar cousa alguma contrária à palavra escripta (IMPrensa EVANGELICA, 5/11/1864, p.2, grifo nosso.).

O trecho acima diz respeito a um dos pilares do protestantismo e uma das principais fontes de discordâncias entre católicos e protestantes desde a Reforma do século XVI: o princípio doutrinário que faz da Bíblia a única regra de fé e prática religiosa, conhecido como *Sola Scriptura* (NOLL, 2000, p.27).

Não obstante, uma vez que a imprensa religiosa ganhou destaque pelos embates protagonizados entre os jornais, notamos que o *Imprensa Evangelica* teve como seu principal adversário *O Apóstolo*, com o qual as disputas travadas deram-se com um alto nível de conhecimento teológico e, na maioria das vezes, respeito mútuo.

Por conseguinte, a questão que inaugura a contenda entre eles foi gerada no dia 17 de fevereiro de 1866, após o *Imprensa* publicar o artigo intitulado *O culto de imagens e a sensualidade* que, além de se referir a uma das controvérsias da Reforma, também carrega elementos etnocêntricos presentes no missionarismo do século XIX. Já que no primeiro número do ano de 1866, o *Imprensa* publicou um artigo criticando o uso de imagens associando a prática ao suposto atraso dos povos tradicionais, conforme a imagem publicada no centro do artigo sugere:

FIGURA 4 - A INSANIA DA IDOLATRIA



FONTE: IMPRESA EVANGELICA, 6/1/1866, p. 7.

Ao pensarmos a história do cristianismo, notamos que a polêmica em relação ao uso de imagens não concerne apenas à Reforma Protestante do século XVI. Citando episódios anteriores, segundo Fausto Sanches Martins (2002), podemos

anunciar as crises iconoclastas de Elvira (306)⁷², Nicéia (787)⁷³ como exemplos muito mais antigos ligados a essa temática.

Contudo, com relação a essa polêmica a Reforma foi importante para o protestantismo missionário porque firmou as bases de uma religião que, no lugar do culto as imagens, priorizou o culto às Escrituras (DURAND, 2001, p.22). Para Karla Janaína Costa e Cruz (2014, p. 43), em função da Reforma houve a criação de uma aliança entre o escrito impresso e a fé protestante que se fortaleceu cada vez mais e desde o Antigo Regime até o século XIX a produção, a distribuição, a venda e o consumo da Bíblia e de impressos fisicamente atrativos foi uma das estratégias protestantes para competir com outros produtos presentes no mercado em geral e tentar transformar os hábitos de leitura.

Do mesmo modo, a análise desses eventos nos mostra o quanto a história da religião cristã está ligada à história do Ocidente, diante disso, Gilbert Durand em seu livro *O Imaginário* (2001) apresenta a ideia de que existe um iconoclasmo endêmico na cultura ocidental. Segundo ele, uma das heranças mais antigas para explicar a discordância a respeito do uso da imagem no Ocidente tem como base o monoteísmo judaico presente no livro do Êxodo em que Deus disse a Moisés:

Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam (ÊXODO, 20, 4-5).

Voltando ao artigo publicado pelo *Imprensa*, se historicamente o catolicismo assumiu como prática o culto de imagens aos santos, este foi muito combatido pelo protestantismo do século XIX como demonstram as representações feitas pelos missionários protestantes do período sobre a realidade religiosa brasileira. Notamos que inicialmente a equipe editorial do jornal presbiteriano ocupou-se de combater o culto de imagens não com critérios propriamente religiosos, mas com fatores que dizem respeito à prosperidade política e moral da sociedade, vistas como “cousas não somente separáveis, mas mesmo opostas” (IMPrensa EVANGELICA, 17/2/1866, p.25) ao culto de imagens.

⁷² Elvira foi uma cidade da Hispania romana. No referido concílio foi proibida a utilização de imagens nos muros dos templos (MARTINS, 2002, p. 211).

⁷³ Concílio convocado pela Imperatriz Irene com a intenção de restaurar o culto de imagens na época de dominação islâmica em Constantinopla (MARTINS, 2002, p. 211, 212).

Para chegar a essa conclusão, o Jornal formulou o seu argumento em três métodos: o do viajante, o dos relatos e fatos históricos e o do *Conhece-te a ti mesmo*. O primeiro consiste no fato de que seria preciso ter a vida de um viajante para enxergar com os próprios olhos “as phases que a natureza humana offerece”, já o segundo, refere-se à consulta dos livros de história e relatos de viajantes antigos e modernos para assim obter o mesmo resultado. Enquanto o último, considerado o mais difícil pelos redatores, exige “summa imparcialidade e boa-fé á toda prova” (IMPrensa EVANGELICA, 17/2/1866, p.25).

Acreditamos que os dois primeiros métodos apresentam traços de teorias da época como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo, que, influenciadas pelo paradigma da evolução social, marcaram fortemente o século XIX, estabelecendo vínculos entre patrimônio genético, capacidade intelectual e inclinações morais (SCHWARCZ, 1993, p.62).

Deste modo, admitindo as teorias oitocentistas como um reflexo do grande desenvolvimento técnico surgido com o advento da Modernidade, o domínio sobre a tecnologia, segundo Durand (2001, p. 15), “atribuiu uma característica marcante ‘ao adulto branco e civilizado’, separando-o, assim como sua ‘mentalidade lógica’, do resto das culturas do mundo tachadas de ‘pré-lógicas’, primitivas ou arcaicas.”

Foi essa a visão da maioria dos viajantes e missionários do século XIX, afinal, eles intensificavam as diferenças religiosas e sociais observadas nos locais de missão e com isso justificavam sua superioridade cultural em relação ao outro.

Visando atingir o catolicismo nesses moldes, o jornal destaca:

O que é que o viajante vê em toda parte do mundo? Ao desembarcar do navio que o leva encherá a pouca distância da praia algum templo, cheio de imagens mais ou menos grosseiras, segundo o gosto e a civilização do povo que lá se reúne para lhes dar culto. Quanto á forma, este culto é tão monotono e invariável que é bem difícil crêr que o sentimento interior a que se quer dar manifestação seja essencialmente diverso nos diversos paizes (IMPrensa EVANGELICA, 17/2/1866, p.25).

Mesmo sem mencionar a Igreja Católica diretamente, o artigo foi entendido como um ataque pelo jornal *O Apóstolo*. Segundo a folha ultramontana, ao valer-se do método que determina como verdadeira a relação entre o culto de imagens e a prosperidade política e moral da sociedade, o jornal protestante fez uso de algo falso, e, com argumento baseado nas mesmas teorias evolucionistas e deterministas da época respondeu:

A Imprensa Evangelica não se lembrou que os mahometanos inda detestão mais as imagens do que os mesmos protestantes. Se elle tivesse pensado nisto; procuraria explicar pelos climas, não a maior relação dos costumes deste ou daquele povo, mas os differentes modos porque se manifesta a natureza viciosa da humanidade. Procuraria explicar estas variações por qualquer outro motivo: menos pelo culto das imagens destinadas a fazer chegar a linguagem da virtude e da religião a estes sentidos, que sem ellas só terião diante de si a linguagem corruptora dos vícios nas imagens profanas a que os protestantes abandonão o talento artístico (O APOSTOLO, 18/3/1866, p.3).

Entretanto, a discussão não limitou-se a esses critérios. Nosso levantamento realizado em consulta ao acervo digital da Biblioteca Nacional e ao Arquivo Histórico Presbiteriano localizado na cidade de São Paulo, indicou que a polêmica relacionada ao culto de imagens desenvolveu-se por quase todo o ano de 1866 e resultou em dezenove artigos, nos quais é possível constatar a presença de uma variedade de argumentos filosóficos e teológicos utilizados na disputa.

Em uma das discussões, para atestar suas posições acerca da polêmica do culto de imagens os jornais apelaram para o uso de pensadores como Francis Bacon e Tomás de Aquino. O *Imprensa* utilizando o empirismo de Bacon a seu favor enquanto *O Apóstolo* as teses escolásticas, consideradas um método velho pelo jornal presbiteriano:

Aquelle que lêr com attenção os artigos publicados relativamente á discussão deste ponto, verá que cada um tem seu predilecto methodo de argumentação, de modo que, sem convirmos neste ponto, mal podemos esperar um resultado satisfatório. O *Apostolo* quer estabelecer uma these segundo o estylo escolástico, desenrolando-a em argumentos abstractos e philosophicos, como se fazia na idade média aos pés de Thomaz de Aquino. [...] O *Apostolo*, de conformidade com este methodo velho, quer proceder deste modo: O symbolismo romano tem isto e aquillo; tem tudo para todos. Pois seus effectos são bellos, e a *Imprensa Evangelica* está enganada acusando-o de uma tendência para a sensualidade (IMPrensa EVANGELICA, 19/5/1866, p.79).

De todo modo, o terceiro método usado pelo *Imprensa* na tentativa de comprovar que “todo o povo dado ao culto de imagens tem forte propensão para costumes relaxados” considera que uma educação moral e religiosa demonstraria a veracidade dessa afirmação, pois entre os temas mais abordados pelo periódico neste período está a necessidade do ensino religioso, encarado como “alimento precário, muitas vezes insalubre e escasso” (IMPrensa EVANGELICA, 3/3/1866, p. 1).

Assim, ao considerar outros dois níveis estratégicos perseguidos pelos primeiros missionários no Brasil, o educacional e o proselitista, Mendonça (2008, p. 143) afirma que independentemente do que a história do protestantismo no Brasil

demonstrou, para a maioria dos missionários o conversionismo e a educação andavam juntos.

No entanto, segundo Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (2005, p. 30), a utilização da educação como estratégia de conversão não foi aceita por todos os missionários, o que resultou em constante conflito entre eles, a pesquisadora anuncia que o conceito de educação proposto por missionários como Horácio Lane (1837-1912) significava a aplicação de medidas favoráveis à secularização das instituições educacionais, diferente do que Simonton acreditava.

Contudo, nosso objetivo não é trabalhar com a implementação das escolas americanas e paroquiais como foi o caso dos pesquisadores supracitados, mas anunciar que educação e proselitismo andaram juntos na primeira gestão do *Imprensa Evangelica*. Foi constante a presença dessas temáticas ao longo dos números do jornal, como identificamos em um levantamento quantitativo das palavras educação e ensino que aparecem ainda mais que outros temas também relevantes para a causa missionária como a liberdade religiosa e o casamento civil:

TABELA 2 - RESULTADO DA BUSCA DE PALAVRAS – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL⁷⁴

	Número de jornais	Educação	Ensino	Liberdade religiosa	Casamento civil
Total de aparições		361	684	153	129
1864	2	2	3	1	0
1865	3			1	1
1866	17	6	14	9	6
1867	24	8	32	6	2

FONTE: o autor (2019).

⁷⁴ Com o auxílio da ferramenta *Doc Pro*, disponível no acervo digital da Biblioteca Nacional, pesquisamos também por temas largamente reconhecidos como causas defendidas pelo missionarismo protestante no Brasil do século XIX como a liberdade religiosa e o casamento civil.

Em relação às palavras ensino e educação, nota-se que a primeira gestão do *Imprensa Evangelica* defendeu enfaticamente que o ensino religioso era inseparável da educação formal, fazendo com que aparecessem frequentemente relacionados. Vale lembrar que, desde a Reforma, a educação tinha grande importância para os protestantes pois sem ela dificilmente a livre interpretação da Bíblia se sustentaria como um dos pilares da religião (KARNAL, 2015, p.47).

À vista disso, os protestantes construíram instituições de ensino como escolas e universidades em vários lugares por onde passaram, tradição que se fez presente nos Estados Unidos desde os tempos de colônia e até 1764 já haviam sido criadas ao menos sete instituições de ensino superior: Harvard (1636), William and Mary (1693), Yale (1701), Princeton (1746), Columbia (1754), Pensilvânia (1754) e Brown (1764) (KARNAL, 2015, p.50).

Consequentemente, as vertentes reformadas norte-americanas que se fixaram no Brasil também acabaram fazendo o mesmo e a partir da década de 1870 nasceram os primeiros colégios presbiterianos no país. Segundo Antônio Máspoli de Araujo Gomes (2000), Simonton era a favor que desde o início da obra missionária no Brasil as escolas presbiterianas fossem escolas paroquiais e um poderoso instrumento de evangelização.

Além disso, diante da necessidade de se promover a leitura individual da Bíblia, o que para um protestantismo de inspiração calvinista como o presbiteriano é algo ainda mais enfatizado, a conduta do *Imprensa Evangelica* de manter próxima a relação entre educação e proselitismo nos seus primeiros anos nos mostra a grande influência de seu principal fundador. Conforme aponta Gomes (2000, p. 104), para Simonton a fé significava conhecimento, ele não concebia a ideia de uma igreja presbiteriana alheia ao exercício individual de leitura da Bíblia e seu projeto educacional visava atender as necessidades evangelizadoras da igreja.

Entendemos que a utilização da estratégia de associação das palavras ensino e educação com o papel proselitista apoiava-se na ideia de monopólio da verdade e salvação através do Evangelho e no estigma de progresso que carregavam as nações protestantes da época (VIEIRA, 1980, p.202).

Em artigo referente à importância do ensino religioso é possível observar constantes associações entre a construção de um país próspero e o desenvolvimento das ditas verdades religiosas ou propagação das verdadeiras crenças, uma

necessidade colocada pelo periódico como inevitável para o desenvolvimento de uma sociedade bem constituída e civilizada:

Tal desenvolvimento, tal propagação, são condições sem as quaes não póde haver felicidade social nem prosperidade nacional em paiz algum. Sem estes, nenhum governo, por sábio e forte que seja, nem legislação alguma, por justa e benigna que seja póde conseguir o bem estar do povo. O povo sendo bem instruído e moralizado, poderia ser feliz com a legislação vigente; sem mudança de costumes e o prevalecer da boa moral, nenhum proveito se tirará das leis, ainda as mais acertadas (IMPrensa EVANGÉLICA, 5/11/1864, p.2).

Parte deste pensamento já estava presente nas representações missionárias sobre o Brasil antes mesmo da chegada das juntas denominacionais e ganhou força na evangelização do país através do jornal, que em sua primeira fase atribuía aos pais a função do ensino religioso de seus filhos. Essa foi mais uma herança advinda da cultura de massa norte-americana antecedente à Guerra Civil, onde meios de comunicação como o jornal tiveram um importante papel ao veicular conteúdos evangelizadores que poderiam auxiliar os pais nessa tarefa (MORGAN, 2014, p. 251).

O que se evidencia no *Imprensa* quando este lançou em sua última página, no espaço tradicionalmente reservado para os *Avisos*, um comunicado intitulado *Advertência aos pais de família*. Nele, a linha editorial alerta que oferecerá material para esse fim e chama atenção dos leitores para a sua importância:

Confessadamente a instrucção domestica é cousa de primeira importância. De direito natural os pais são os legítimos tutores de seus filhos, e sobre tudo em matéria de moral e de religião. Elles não podem de todo resignar este direito, sem faltarem ao primeiro dever que lhes impõe a lei, tanto natural como divina. Julgamos prestar um grande serviço offerecendo em cada numero da *Imprensa Evangelica* um artigo para a satisfação deste dever. (IMPrensa EVANGÉLICA, 3/12/1864, p.8).

Desde esse momento, cresceu a presença de declarações sobre o ensino religioso inclusive em tom de convocação:

Pais de família! Esta é uma responsabilidade a que não vos podeis subtrair. Dedicando-vos a este sagrado dever, com o Evangelho, a fonte de toda a moral e religião, na mão, e, se quiserdes, com catechismos ou compêndios de doutrina tirados dele heis de achar a vossa felicidade, heis de assegurar o bem-estar temporal e eterno de vossos filhos, e contribuir para a salvação e prosperidade de vossa pátria (IMPrensa EVANGÉLICA, 6/5/1864, p.2).

Em conformidade com o que veremos no capítulo a seguir, ao investirem na distribuição e venda de impressos evangélicos como folhetos e livros, os missionários

contribuíam também para essa estratégia de auxiliar os pais na educação dos filhos (VASCONCELOS, 2010, p. 109) e a SAT foi uma das instituições que mais forneceu este tipo de material que circulou do Brasil, que, neste caso, vinham principalmente dos Estados Unidos (VASCONCELOS, 2010, p. 20).

O *Imprensa* preocupou-se desde o início com essa temática que foi acompanhada por séries de publicações pensadas e traduzidas do inglês. Nota-se que, via de regra, isso também envolveu o uso de imagens referentes às crianças:

No início do ano de 1865, o mesmo jornal publica uma série intitulada *Breve catechismo para meninos*, uma tradução do inglês. O texto que introduz o catecismo diz: nós chamamos a atenção dos senhores pais de família para estas doutrinas tão puras e salutareis, e o fazemos com a melhor boa vontade. Os artigos para crianças ou histórias que envolvem crianças estão sempre presentes neste jornal, quase sempre acompanhados de pequenas gravuras (VASCONCELOS, 2010, p.103).

A publicação de romances também tinha entre suas finalidades contribuir com os pais para a educação de seus filhos, como veremos a seguir.

2.3 DO ROMANCE FOLHETIM PROSELITISTA

Como gênero literário o romance nem sempre foi visto com bons olhos, apesar disso, nos finais do século XVIII e início do XIX, sua aceitação pela sociedade já se fazia uma realidade. Segundo o historiador norte-americano Robert Darnton (1986), no início do século XVIII, os romances ainda eram considerados moralmente suspeitos e seus autores muitas vezes sequer identificavam-se.

Embora a aceitação desse gênero literário tenha enfrentado algumas dificuldades tanto no meio laico quanto no religioso, entre os protestantes a resistência parece ter sido algo mais ferrenha. Para Candy Gunther Brown (2004), não houve gênero literário mais contestado pelos protestantes durante o século XIX do que o romance, parte dessa discussão foi permeada pelo questionamento de se considerar válido ou não o uso da ficção em prol de finalidades religiosas, um debate que ganhou forças porque boa parte dos evangélicos acreditava que a escrita só deveria ser utilizada para fins moralizantes, longe da ambição por notoriedade e ganho pecuniário.

Os ataques de modo geral diziam que esse tipo de publicação apresentava o público a situações reprováveis e fazia com que o leitor se identificasse com personagens e atitudes pecaminosas e, ainda que o contato com essas obras não

fizesse com que os leitores agissem de modo a praticar atos considerados moralmente condenáveis, geraria sensações não recomendáveis no leitor como a volúpia e a excitação dos sentidos (ABREU et al., 2005, n.p.).

Como parte da resistência protestante ao gênero, apontamos o caso do reverendo episcopal Charles Wesley Andrews (1807-1875) que, no ano de 1856, chegou a publicar o livro *Religious Novels: an argument against their use*, cuja preocupação diz respeito ao cuidado com relação à interpretação e ao conteúdo dos romances religiosos destinados aos mais novos, evidenciando a já conhecida atenção protestante à importância da educação:

Quem deve decidir pelo outro o que é natural naqueles romances que entram na esfera da religião? Cada leitor deve decidir de si mesmo de acordo com seu próprio padrão de gosto, ou sua estimativa da doutrina das chances, ou das capacidades da natureza, ou das operações complexas do pecado e da graça no coração humano ou de todas elas combinadas? Esta é uma tarefa para a qual as crianças, para dizer o mínimo, não são muito competentes. Mas as crianças, dizem, devem ser dirigidas por seus pais. Verdade! mas quão grande é a proporção dos pais que precisam ser educados sobre esses pontos tanto quanto os filhos! (ANDREWS, 1856, p.7, tradução nossa.)⁷⁵

Consoante Brown (2004), considerado uma futilidade, o romance foi acusado de corromper as pessoas e, em especial, as mulheres. Preocupados com as questões morais e, de maneira geral, com a instrução adequada de seus fiéis, a mudança de posicionamento ocorreu após alguns membros do mundo evangélico observarem a possibilidade de se servir desse tipo de narrativa para fins moralizantes e de propagação da vida cristã. Deste modo, considera-se que foi com o intuito de influenciar as pessoas para o bem que os protestantes apropriaram-se deste gênero literário.

Após cair nas graças do meio laico e religioso, entre 1840 e 1855, os romances já ocupavam mais do que a metade do espaço editorial de livros publicados nos Estados Unidos, *A Cabana do pai Tomás*,⁷⁶ de Harriet Beecher (1811-1896), ainda no século XIX teria vendido mais de 3 milhões de cópias (BROWN, 2004, p.98). Segundo Hélio de Seixas Guimarães (2013), o romance de Beecher foi primeiramente publicado

⁷⁵ Do original: "Who is to decide for another what is natural in those novels which go in to sphere of religion? Shall each reader decide from himself according to his own standard of taste, or his estimate of the doctrine of chances, or of the capabilities of nature, or the complex operations of sin and grace in the human heart, or of all of them combined? This is a task for which children, to say the least, are not very competent. But children, it is said, must be directed by their parents. True! but how large a proportion of parents need to be educated upon these points as much as the children!."

⁷⁶ Do original: "*Uncle Tom's Cabin*".

em partes pelo jornal norte-americano *The National Era* entre 1851 e 1852, e o seu lançamento em livro ocorreu somente em 1852, com a tiragem de 5 mil exemplares que foram todos vendidos nos dois primeiros dias.

Ademais, como nos mostra o trabalho de Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho (2018) a respeito de *Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceara*, um romance protestante de apenas uma edição e sem tradução para o português publicado em 1902 pela missionária presbiteriana Mary Hoge Wardlaw (1855-1934), com a ascensão do movimento missionário ocorreu uma verdadeira ampliação das temáticas dos romances religiosos ao longo do século XIX.

E o próprio romance de Wardlaw é um exemplo, uma vez que fora inspirado pela experiência da missionária no Brasil quando, junto a seu marido reverendo De Lacey Wardlaw (1856-1934), foi enviada pela Igreja Presbiteriana do Sul⁷⁷ no ano de 1880. Segundo Oliveira (2018), o casal Wardlaw foi responsável pela implementação de igrejas presbiterianas em cidades como Fortaleza, Mossoró e Baurité.

A respeito dos romances Edward Said aponta:

O herói e a heroína do romance mostram a energia e o vigor infatigável característicos da burguesia empreendedora, e lhes são permitidas aventuras em que suas experiências lhes revelam os limites daquilo a que podem aspirar, aonde podem ir, o que podem vir a ser. Assim, os romances terminam ou com a morte de um herói ou heroína (Julien Sorel; Emma Bovary; Bazarov; Judas, o Obscuro) que, em virtude de uma energia transbordante, não se adéqua ao sistema ordenado das coisas, ou com o acesso dos protagonistas a uma posição de estabilidade (em geral sob a forma do matrimônio ou da confirmação identitária, como é o caso dos romances de Austen, Dickens, Thackeray e George Eliot) (SAID, 1995, n.p.).

Os romances protestantes normalmente seguiram aquilo que Edward Said chamou de confirmação identitária, isto é, sempre se voltam para “uma perspectiva religiosa da conversão ou afirmação interior do protestantismo” (OLIVEIRA FILHO, 2018, p.47). Ademais, durante o século XIX a imprensa laica no Brasil já publicava muitos romances enquadrados no modelo romance- folhetim.

Este fato foi observado por representantes do movimento missionário norte-americano como James Cooley Fletcher. No capítulo dedicado à vida doméstica

⁷⁷ É preciso destacar que a Guerra Civil nos Estados Unidos (1861–1865) acabou gerando a cisão de algumas denominações protestantes daquele país. Uma das igrejas afetadas foi a Presbiteriana que em 1861 assistiu o surgimento da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, também conhecida como Igreja do Sul, não tendo relação com a junta missionária responsável pelo envio dos fundadores do Imprensa Evangélica (MATOS, 2004).

brasileira em sua obra *Brasil e os brasileiros*, ao retratar a mulher brasileira o missionário relata a prática de leitura dos romances-folhetim como uma espécie de instrução feminina:

As maneiras e costumes das damas brasileiras são gentis, e seu porte gracioso. É verdade que não teem uma base de conhecimentos variados [...] Suas reservas literárias consistem principalmente em novelas de Balzac, Eugenio Sue, Dumas pai e filho, George Sand, em intrigas de pacotilhas e folhetins dos jornaes. Assim elas se preparam para esposas e mães (KIDDER, FLETCHER, 1941, p.181).

Em vista disso, notamos que o hábito de leitura das mulheres, notadamente das elites brasileiras, relaciona-se com a questão da instrução dos pais e a educação moral e religiosa de seus filhos, pois no meio protestante as mulheres tem o dever de cuidar da instrução doméstica dos filhos (OLIVEIRA FILHO, 2018, p. 43), o que indica que a presença e veiculação de romances pelo jornal religioso foi utilizada não só para divertir o público respeitando a brevidade, linguagem simples e melodramática, mas também para influenciar e instruir (CRUZ, 2014, p.167).

Deste modo, antes da implementação das escolas protestantes, Simonton utilizou o jornal como meio de promover as bases de uma educação protestante primeiramente através da instrução dos pais, que ocorreu por meio da publicação dos romances mas não somente.

David Morgan (1999) sinalizou que nos Estados Unidos do século XIX, as crianças foram os principais alvos das imagens evangélicas produzidas pela emergente indústria de massa surgida naquele país e, na maioria dos casos, as imagens estiveram a serviço do objetivo de influenciar o público infantil desde tenra idade através da produção de conteúdo de natureza didática e devocional.

Para atingir esse objetivo, a indústria representada pelas principais sociedades de tratados como a SAT criou uma série de produtos como cartões, livros de imagem para alfabetização e tratados infantis distribuídos e vendidos por colportores, esses conteúdos foram empregados com a meta de que atingindo as crianças também se atingisse os pais (MORGAN, 1999, p.207).

Os textos eram acompanhados de imagens com o objetivo de controlar as interpretações do que estava sendo representado e utilizavam como estratégia o apelo sentimental para internalizar comportamentos e aspectos culturais e doutrinários da religião protestante. Os sentimentos podiam variar: medo, pena e

simpatia, entretanto, o medo demonstrou ser o meio mais poderoso para atingir os objetivos das publicações (MORGAN, 1999).

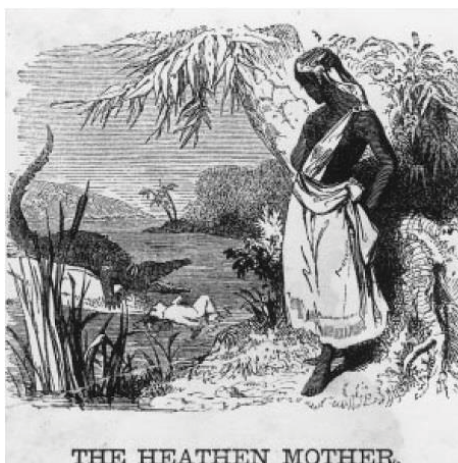
Muitas dessas produções iconográficas também estiveram presentes no *Imprensa Evangelica* da primeira gestão e com relação à formação dos pais e das crianças, algumas ilustrações serviam também como forma de promoção das missões protestantes em detrimento das religiões e culturas consideradas pagãs.

Na segunda edição do jornal do ano de 1866, publicou-se um desses conteúdos de título *A mãe indiana* em que no centro do texto observa-se a presença do retrato de uma mãe pagã em prantos deitando o seu filho morto dentro de um rio. Buscava-se guiar o leitor por meio de uma explicação da imagem:

Milhares de factos demonstrão a triste realidade declarada na Bíblia que os pagãos são sem afeição natural. Mas que é o que assim os tem tornado? A superstição. Esta lhes tem escurecido o entendimento e endurecido o coração. [...] Esta gravura é destinada a mostrar isto; e apresenta um verdadeiro quadro do que tem sido frequentemente visto na Índia. É costume neste país para o povo da casta nobre queimar seus mortos; porém, custando esta cerimonia muito dinheiro, os índios mais pobres não podem celebra-la. [...] E daquellas regiões que jazem nas trevas da ignorância poucas são as que não apresentão provas disto. Em todas as ilhas do Mar Meridional o infanticídio era commum antes de alli chegar os missionários. [...] Quanto deveria isto fazer-nos todos odiar o gentilismo, e desejar com ardor ver o evangelho tomar-lhe o lugar! Felizmente assim vai sucedendo [...] (IMPRESA EVANGELICA, 20/1/1866, p.11-12, grifo nosso).

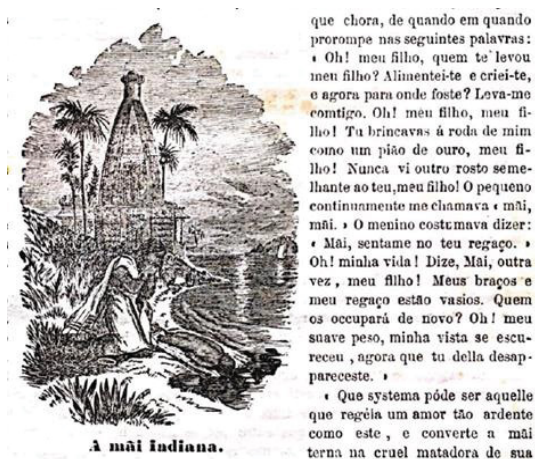
Nos Estados Unidos, uma imagem semelhante foi publicada em um livro de imagens para crianças intitulado *My Picture Book*, de 1863. Buscando provocar medo e repulsa à indiferença materna com relação às crianças, além de reforçar o cristianismo e suas raízes culturais domésticas como superior às das demais crenças não cristãs, uma mãe pagã assiste um crocodilo aproximando-se para devorar a criança que ela mesma deitara no rio (MORGAN, 1999, p.226). Embora as publicações abordem temas diferentes, elas indicam a estratégia missionária de despertar nos pais a necessidade de assistir seus filhos nos assuntos religiosos e inculcar nas crianças a necessidade de aprender valores cristãos.

FIGURA 5 - THE HEATHEN MOTHER



FONTE: MY PICTURE BOOK, 1863, p. 46 *apud* MORGAN, 1999, p. 227.

FIGURA 6 - A MÃI INDIANA



FONTE: IMPRENSA EVANGELICA, 20/1/1866, p.11.

Consideramos que o *Imprensa* conseguiu conciliar essas produções com a utilização dos romances-folhetim, segundo o próprio jornal: “Não temos maior ambição do que chamar a atenção dos Pais de família á educação de seus filhos, offerecendo-lhes uma leitura que o attractivo une as máximas mais aptas para instruir o entendimento e formar o coração” (IMPRENSA EVANGELICA, 6/1/1866, p.8).

Visando esse mesmo objetivo, no ano de 1866, além da *História de André Dunn*, foi veiculada a narrativa *O Relojoeiro e a sua Família*. Escrita pelo ministro da Igreja Nacional da Suíça Henry Abraham Caesar Malan (1787–1864), ela passa uma mensagem sobre a importância da observância e retidão do cristão quanto a suas condutas religiosas. No caso, a norma utilizada como plano de fundo para a narrativa

foi a de não se trabalhar aos domingos, seguindo assim a determinação de guardar a data somente para o conhecimento e o louvor a Deus.

Este romance-folhetim narra a história de um relojoeiro convertido que é observado trabalhando por dois homens em um sábado à noite e desperta sua curiosidade quando interrompe sua atividade à meia-noite para fazer sua oração. O menos religioso dos homens retorna pela manhã para observá-lo novamente e se depara com a devoção doméstica de toda a família (IMPrensa EVANGELICA, 17/3/1866 p.43). É neste momento que a narrativa destaca a importância dos pais na educação dos filhos, quando o relojoeiro cobra de seus filhos o conhecimento das Escrituras:

Derão oito horas; Joaninha! Disse então o pai, estás prompta a recitar o teu capítulo? Sim senhor, respondeu a menina, o aprendi na noite passada, e tornei rever pela manhã! E tu Clemente! Estás prompto? Tornarei a corre-lo, disse o menino, e se assentou ao pé da janela – Espero meus filhos! Que hoje haveis de saber o vosso catechismo, não me deis pesar de ouvir-vos errar nas respostas; vosso mestre há de senti-lo muito também [...] (IMPrensa EVANGELICA, 3/2/1866, p.20).

Nesse momento, a família é bruscamente interrompida pelo chefe do relojoeiro que cobra que este trabalhe no domingo para antecipar a entrega de uma encomenda e, ao não ser atendido, retira este trabalho das mãos do relojoeiro, comprometendo o sustento de sua família. Assim como nas imagens, a história busca despertar no leitor um sentimento de simpatia pelo personagem frente à injustiça que sofre por parte de seu patrão, uma tentativa de internalizar no leitor a importância de se guardar os domingos, e, sobretudo apontar a família do relojoeiro como um exemplo de família cristã.

Após esse episódio, os dois homens que observavam a família vão até sua casa e conversando com o relojoeiro, entram em contato com sua história de conversão (IMPrensa EVANGELICA, 3/3/1866, p.36). O pai de família relata a importância de sua mulher e a educação que ela havia recebido dos pais para que ele se convertesse e reformasse seus hábitos, mudando sua vida para melhor (IMPrensa EVANGELICA, 17/3/1866 p.43), bem como a de uma publicação que lhe havia sido entregue por uma pessoa que afirmava: “Amigo este livrinho merece sua atenção” (IMPrensa EVANGELICA, 17/3/1866 p.44). Ao que tudo indica, a referência diz respeito aos tratados comumente distribuídos por missionários e colportores cuja linguagem em primeira pessoa buscava chamar atenção do leitor

para experiências individuais que poderiam servir de exemplo para ele (MORGAN, 2014, p.254).

No romance, como é recorrente neste tipo de publicação, o narrador cita passagens Bíblicas para fortalecer seu argumento e estas acabam incentivando a leitura da Bíblia e a instrução do leitor. No romance do relojoeiro, quando se trata da educação dos filhos, por exemplo, utiliza-se uma passagem de Provérbios: “Haverá indigência na casa do ímpio enviada do Senhor: porém as habitações dos justos serão abençoadas” (PROVÉRBIOS, 3, 33 *apud* IMPRENSA EVANGELICA, 3/3/1866, p. 36). Esse fragmento é utilizado após a afirmação de que são os pais os líderes da casa e que lhes cabe dar o exemplo de conduta cristã e instruir a vida religiosa dos filhos.

O apelo emocional na narrativa se expressa também pelas sensações de medo, ansiedade e desconforto presentes na maioria das representações que ilustram o momento da conversão dos personagens. Neste caso do relojoeiro, ao relatar o processo de sua conversão ele afirma que depois de ler o livro que havia recebido de um desconhecido, deu-se conta do perigo que sua alma corria: “só pensava em meu estado miserável, e da ira de Deus, que tão justamente merecia (IMPRENSA EVANGELICA, 17/3/1866, p. 44).

O personagem encontra o conforto para esses sentimentos em Jesus, quando sua mulher diz: “Oh! Não te desespere, busca ao Senhor, e o encontrarás; lança a tua carga sobre Ele, e Ele te sustentará. Ele pode sarar a tua alma. Sim o mesmo Jesus te convida; não vaciles, recorre a Ele; a misericórdia e perdão estão com Ele” (IMPRENSA EVANGELICA, 7/4/1866, p.51).

O romance reforça o importante papel que os protestantes atribuem à família no momento da conversão e ao longo de sua vida religiosa: “- Posso dizer com verdade que desde aquela época a minha esperança tem sido de paz e gozo, graças ao Senhor, que me deu em minha querida mulher um fiel guia e conselheiro, a quem posso sempre recorrer” (IMPRENSA EVANGELICA, 7/4/1866, p.51).

Na narrativa o relato de sua conversão que faz o relojoeiro é crucial para que os homens que o observam e vão até sua casa entendam que o que o levou a parar o trabalho no domingo foi o respeito à lei de Deus. O romance também busca demonstrar que a observância dessas leis é recompensada e o relojoeiro que havia perdido o trabalho recebe uma outra oferta de um daqueles homens, ou seja, o sustento de sua família estaria garantido (IMPRENSA EVANGELICA, 7/4/1866, p.52).

A publicação de romances foi uma das formas encontradas pelo *Imprensa* de demonstrar aos leitores o que ele defendia naquele momento: a importância da conversão para uma melhoria de vida e o papel da família na vida religiosa do indivíduo, principalmente o dos pais na instrução religiosa e no cuidado com a devoção doméstica. Os romances publicados, como as imagens, possuíam conteúdos trabalhados em obras produzidas no âmbito da cultura de massa norte-americana e ainda que eles tenham enfrentado uma resistência inicial por parte dos protestantes no século XIX, acabaram firmando-se como parte importante da estratégia evangelizadora do *Imprensa Evangelica*.

CAPÍTULO 3

A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN: CONVERSÃO E PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO NO IMPRENSA EVANGELICA DA PRIMEIRA GESTÃO (1864-1867)

Como parte da atuação missionária envolveu a venda, a distribuição e a veiculação de impressos protestantes visando à conversão do público ao protestantismo, para o presente capítulo selecionamos a narrativa ficcional *A História de André Dunn*, um romance de cinco capítulos publicado em dez números do jornal *Imprensa Evangelica* de 1866.

Buscamos demonstrar os motivos relacionados à sua apropriação e veiculação pelo jornal, para tanto oferecemos um retrato do seu enredo para proporcionar uma visão preliminar sobre a obra, depois, disponibilizamos informações sobre sua autoria e seu contexto de produção e circulação.

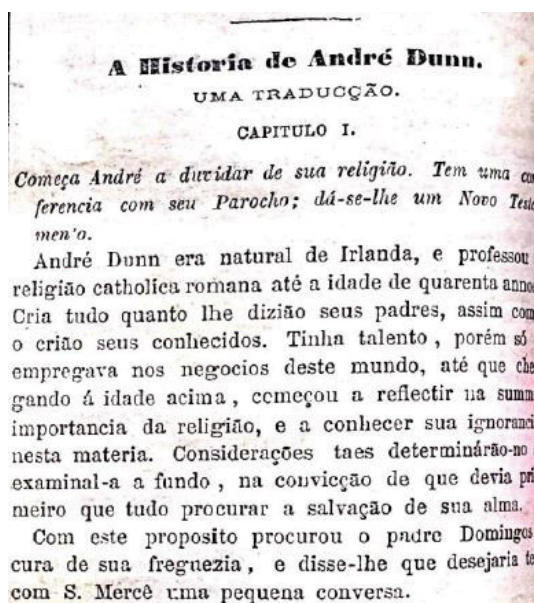
Em um segundo momento, expomos de que forma a narrativa foi veiculada pelo *Imprensa*, considerando a importância econômica e do conteúdo dos romances-folhetim para os periódicos evangélicos daquele momento. Em seguida, contamos com as contribuições do historiador Roger Chartier no campo da História da Leitura e dos pesquisadores João Leonel Ferreira e Lyndon de Araújo Santos, que tratam mais especificamente da prática leitora protestante, para analisar o conteúdo da obra.

Partindo do pressuposto de que “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade” (CHARTIER, 2001, p.220), procuramos identificar as estratégias das quais utilizaram-se os editores do *Imprensa* na tentativa de impor uma leitura autorizada do texto.

Procuramos entender os possíveis motivos que explicariam a presença de *A História de André Dunn* no jornal por meio da identificação neste romance de alguns dos principais elementos constitutivos do missionarismo protestante do século XIX, assim como os interesses mais relevantes para a causa missionária no Brasil daquele momento.

3.1 SOBRE A TRAMA

FIGURA 7 - EXEMPLO DA DIVISÃO DE A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN DENTRO DO JORNAL IMPRENSA EVANGELICA



FONTE: IMPRENSA EVANGELICA, 21/7/1866, p. 110.

A narrativa do romance não expõe a data nem o local exatos onde ela se passa, contudo, é possível identificar que a história ocorre na Irlanda, um país de tradição católica na qual havia sido criado o protagonista André Dunn. O narrador afirma que ele nada sabia sobre assuntos religiosos e que apenas acreditava naquilo que o clérigo da região dizia a respeito desses assuntos.

No entanto, aos 40 anos de idade, André Dunn dirigiu-se ao padre de sua paróquia a fim de declarar o seu interesse de conhecer melhor as questões religiosas. Tal intervenção, claramente causou mal-estar em padre Domingos que, de início, disse para que ele não se preocupasse com esses assuntos, pois nunca havia deixado de confessar ou tomar a eucaristia, e bastava-lhe ser homem honesto e membro da única e verdadeira igreja para salvar-se.

Contudo, André, admitindo o fato de que apenas se considerava católico porque seu pai assim o era, insistiu em perguntar para o padre de onde é que ele tirara tais conhecimentos sobre a salvação e vida religiosa, o que irritou o clérigo que não lhe deu mais explicações e afirmou que isto competia à autoridade da Igreja Católica, acusando-o de ser demasiado atrevido.

Insatisfeito, o protagonista mencionou que havia ouvido algumas pessoas mais sábias do que ele questionarem se um homem ou instituição seriam garantias suficientes para provar sua própria causa e perguntou novamente como poderia saber

se neste caso a Igreja falava a verdade. O padre então o aconselhou a tomar certo cuidado com o que ouvia por aí, em clara referência aos protestantes, já que era considerado blasfêmia suspeitar da Igreja por erro ou falsidade. O protagonista insistiu novamente, mas padre Domingos replicou dizendo que o próprio Cristo prometera estar com sua Igreja, o que provava portanto a sua infalibilidade.

Padre Domingos demonstrou-se cada vez mais incomodado com as perguntas do protagonista e quando este manifestou o interesse pela leitura do Novo Testamento foi menosprezado pelo padre, o que lhe despertou ainda mais vontade de ler a obra. Certo dia, após receber da esposa do fidalgo que o empregava um exemplar do Novo Testamento, entrou em conflito com algumas certezas anteriormente pregadas pelo padre. Confuso com tais novidades, sua mudança de comportamento foi rapidamente notada por sua família que, em um primeiro momento, havia se preocupado por vê-lo triste e cabisbaixo.

André tentou então explicar o motivo de seu descontentamento aos seus familiares mais próximos, sua esposa e mais três filhos, mas estes não o apoiaram de maneira tão imediata. Após cerca de um ano daquela primeira conversa com o padre Domingos, André o reencontrou, o padre havia notado sua ausência nas missas, mas não sabia que durante este tempo ele estivera estudando a Bíblia. Assim que se encontraram novamente, iniciaram um debate que se estende até o fim da narrativa, quando ela apresenta o sincero arrependimento de padre Domingos em seu leito de morte com relação ao que fez com André e sua família.

O comportamento cada vez mais exemplar de André, em contraste com o do clérigo, fez com que aos poucos sua família o apoiasse, de modo que fossem todos excomungados. Diogo Nowlan, conhecido na região por ser um sujeito violento, aproveitou-se do fato da família ter sido exposta à comunidade como herege para cobrar uma antiga rixa e decidiu atacá-los fisicamente na calada da noite.

No entanto, ao colocar em andamento seu plano, Diogo deparou-se com André e sua família de mãos dadas em prece, orando inclusive por seus inimigos. Ele ouviu uma voz que considerou divina e todo o mal que desejava fazer aos Dunn transformou-se em vontade de aproximar-se deles e fazer parte daquela cena.

André o recebeu com benevolência e os dois desenvolveram então uma rica amizade, Diogo transformou-se em um novo homem e suas famílias criaram um laço em torno da leitura da Bíblia, o que pode representar na narrativa o nascimento de uma igreja. André tornou-se o indivíduo que mais prosperava na comunidade em que

habitava e seu espírito de bondade e caridade para com os demais se sobressaía e mudava diversas vidas como a de Diogo. Tal prosperidade não diz respeito apenas ao bem-estar material de sua família, este está sempre em segundo plano, afinal, o que mais se exalta na obra é a transformação sofrida pelo personagem principal por meio da leitura do Evangelho.

Ao final do romance, temos dois eventos que acentuam a diferença do destino de Diogo Nowlan e padre Domingos: a narrativa da morte de ambos. Diogo Nowlan convertido, feliz e um homem avesso ao que o seu passado de violência e injustiça representava, teve uma morte calma, quase que sublime, amparada pelo seu grande amigo André. Padre Domingos, ao contrário, teve uma morte sofrida e angustiante, recheada de medos, mas que ainda assim contou com o exemplo e a presença de André para consolá-lo.

3.2 ASPECTOS DA AUTORIA E OBRA

Embora o *Imprensa* não mencione o ano de publicação e autoria da obra, a trama acima relatada trata-se da história atribuída a Thomas Kelly, um escritor de hinos e pregador irlandês: *Andrew Dunn: An Irish Story* ou, conforme também encontramos, *The History of Andréw Dunn, an Irish Catholic: In Which Some Pretensions of the Church of Rome Are Examined by the Light of Holy Scripture*.

Thomas Kelly nasceu em um lugar próximo a Dublin, na Irlanda, no dia 13 de julho de 1769 e faleceu no ano de 1855. O autor é mais conhecido por seus hinários, o que dificulta ainda mais saber a data exata da publicação da obra supramencionada, de modo que se sabe somente que ela foi escrita entre fins do século XVIII e início do século XIX, período de vida de seu autor.

Como neste momento da composição de *A História de André Dunn* o romance ainda não era um gênero literário bem aceito pela maioria da sociedade, há uma variedade de obras da época que a fim de serem aceitas pelo público que questionava conteúdos ficcionais, buscaram atribuir um tom de veracidade a seu conteúdo por meio de títulos como “A História de...”, “As memórias de...”, “As aventuras de...” ou “A vida de...” (ABREU et al., 2005, n.p.).

Entretanto, se o gênero foi acusado de atentar contra a moral e os bons costumes por seus detratores, aqueles que o defenderam foram capazes de promover uma espécie de inversão dessa acusação e afirmavam que se o romance tivesse esse

poder de corromper a sociedade também poderia ser utilizado para a sua correção, afinal, ele possuía a “vantagem de ensinar sem que o leitor sequer se apercebesse, já que os sentimentos e as emoções oriundos da identificação com o destino das personagens seriam os agentes transformadores” (ABREU et al., 2005, n.p.).

A aceitação do romance foi gradativa, mas o século XIX já testemunhou uma proliferação de romances laicos e religiosos, sendo estes últimos criados pela explícita intenção de reformar a sociedade. Os romances espalharam-se rapidamente pela Europa nos formatos de livros, panfletos e folhetins, e não demoraram a chegar ao Brasil. No país, circularam clandestinamente desde os finais do século XVIII, tornando-se populares entre os brasileiros a partir da segunda década do século XIX.

O nascimento dos primeiros gabinetes de leitura e bibliotecas de inspiração francesa e inglesa são elementos indicadores da popularidade desse tipo de publicação. A título de exemplo, na capital do Império do Brasil foram criadas instituições de cunho associativo como o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (1837), a Biblioteca Fluminense (1847), o Retiro Literário Portuguez (1859) e o Liceu Literário Português (1868) (ABREU et al., 2005, n.p.).

Os jornais brasileiros também cumpriram papel essencial na difusão dessas obras, inclusive os religiosos. Embora estes estejam ausentes dos principais manuais de História da Imprensa brasileira, veicularam muitos romances evangélicos (CRUZ, 2014, p.171-172). Consoante Karla Janaína Costa e Cruz (2014) e Micheline Reinaux de Vasconcelos (2010), os jornais religiosos criados pelos missionários protestantes norte-americanos foram os principais responsáveis pela presença e circulação desse tipo de publicação no Brasil.

Dito isso, *A História de André Dunn* aparece no jornal *Imprensa Evangelica* já traduzida para o português, sem indicação de autoria ou data de publicação original, as sociedades de tratados que ofereciam esse tipo de material tampouco indicavam-nos. Embora Simonton tenha traduzido vários sermões e artigos que estiveram presentes no jornal (CRUZ, 2014, p.197), acreditamos que a tradução do romance com o qual trabalhamos não tenha sido necessariamente feita por ele ou por algum dos outros editores do jornal neste momento, pois as sociedades de tratados também realizavam um trabalho de tradução para que os impressos circulassem em diversos países e, como veremos adiante, o arquivo da SAT conta com traduções para diversas línguas do romance sobre André Dunn.

3.2.1 Um retrato da Irlanda de Thomas Kelly: *A História de André Dunn* e sua circulação (1792-1841).

Reconhecido como um país de maioria católica, a Irlanda de meados do século XVIII e início do XIX foi um território dividido entre católicos, anglicanos e presbiterianos (CAREY; BARR, 2015, n.p.). Foi nesse contexto que Thomas Kelly viveu e, portanto, que *A História de André Dunn* foi composta. Kelly foi membro da Igreja da Irlanda⁷⁸ que, embora gozasse do status de igreja oficial, era composta pela minoria da população - representada basicamente por membros da elite governante e classe média irlandesa (CARTER, 2015, p.59).

Durante esse período disputas e perseguições religiosas foram muito presentes no território irlandês, vale lembrar que, ao menos desde a metade do século XVIII, os católicos viviam às margens da vida pública irlandesa. Segundo o reverendo Comerford (2015), por volta de 1793 aos católicos eram impostas consideráveis restrições como a proibição de que ocupassem altos cargos no Parlamento, no governo ou no judiciário, que exigiam um juramento que incluía um repúdio à doutrina católica no momento de posse. Essa ausência de igualdade de direitos políticos entre grupos religiosos na Irlanda durou até 1869, quando a Igreja da Irlanda foi oficialmente separada do Estado.

Porém, desde 1801 católicos mobilizavam-se pela obtenção de direitos políticos, o que resultou no processo conhecido como Emancipação Católica (1821-1829) (CAREY; BARR, 2015, n.p.) e as conquistas decorrentes desse processo concederam alguns direitos políticos à população católica. Nesse período intensificaram-se as rivalidades religiosas, pois se a vitoriosa campanha católica da Emancipação conseguiu fortalecer o catolicismo no país, os esforços de conversão dos católicos representados pelo trabalho das instituições missionárias protestantes independentes e denominacionais foram cada vez maiores (WHELAN, 2012, n.p. COMERFORD, 2015, n.p.).

A investida missionária protestante na Irlanda intensificou-se no período sobredito, mas já ocorria desde fins do século XVIII, quando esse projeto de conversão do país teve início por meio da obra de John Wesley (1703-1791). Ele consistiu inicialmente na utilização de pregações que os metodistas faziam ao ar livre na língua

⁷⁸ Em 1801 houve a união formal entre Grã-Bretanha e Irlanda, ao passo que o mesmo aconteceu com suas igrejas oficiais.

nativa, isto é, no gaélico irlandês (WHELAN, 2012, n.p.) e envolveu também a participação de batistas e congregacionais que, assim como os metodistas,⁷⁹ investiram na distribuição de tratados, Bíblias e na implementação de escolas itinerantes e dominicais, instituições estas voltadas a espalhar através de suas publicações “uma mistura de doutrina, memórias, ficção, periódicos e hinos, tudo calculado para santificar o mundo conectando redes institucionais e domésticas de crescimento religioso” (BROWN, 2004 p.105, tradução nossa).⁸⁰

Inicialmente a Igreja da Irlanda apoiou a atividade dessas organizações protestantes independentes e denominacionais, no entanto, com o aumento do número de adeptos a essas instituições, membros da igreja oficial passaram a questionar se o sucesso dessas organizações poderia ameaçar sua autoridade. Deste modo, já em 1818 ela entrou oficialmente nessa disputa e fundou uma companhia para educar a população pobre, que era majoritariamente católica, denominada Sociedade Irlandesa para Promover a Educação do Nativo da Irlanda através do Meio de sua Própria Língua⁸¹ (WHELAN, 2012, n.p.).

Esta instituição teve como principal característica ampliar a proposta de educação dos católicos irlandeses mediante a publicação da Bíblia em sua língua vernácula, estratégia já utilizada por sociedades independentes como a Sociedade das Escolas Dominicais (1785)⁸² e a Sociedade para a Educação dos Pobres na Irlanda (1811)⁸³ (WHELAN, 2012, n.p.).

Como a Igreja da Irlanda era uma organização religiosa composta pelos polos reformado e católico, não poderia ter como proposta educacional explícita o proselitismo protestante, assim, a Sociedade Irlandesa para Promover a Educação do Nativo da Irlanda através do Meio de sua Própria Língua contava também com membros católicos. Contudo, segundo Grayson Carter (2015), as igrejas anglicanas historicamente desenvolveram uma tendência de implementar suas formas de atuação e organização de maneira oposta à religião de maior influência local.

⁷⁹ Segundo Irene Whelan (2012) os presbiterianos em geral, por representarem um dos núcleos religiosos da Irlanda junto aos católicos e anglicanos, foram imunes ao evangelicalismo conversionista na Irlanda até as décadas de 1830 e 1840.

⁸⁰ Do original: “a mix of doctrine, memoirs, fiction, periodicals, and hymns, all calculated to sanctify the world by connecting institutional and domestic sites of religious growth.”

⁸¹ Do original: *Irish Society for Promoting the Education of the Irish Native through the Medium of Their Own Language*.

⁸² Do original: *Sunday School Society*.

⁸³ Do original: *Kildare Place Society - The Society for the Education of the Poor in Ireland*.

Assim, na Irlanda de maioria católica, a Igreja da Irlanda historicamente desenvolveu um caminho mais próximo ao das igrejas reformadas (CARTER, 2015, p.63), de modo que houve certa instrumentalização por parte dessa igreja a favor da protestantização da sociedade irlandesa:

A fundação da Sociedade Irlandesa anunciava, se não o compromisso total da Igreja da Irlanda com a causa da reforma entre a população católica, então certamente a incapacidade de seus bispos impedirem que a ala evangélica tivesse seu próprio caminho. [...] Nenhuma das sociedades evangélicas penetrou nos altos escalões da Igreja da Irlanda tão completamente quanto a Sociedade Irlandesa (WHELAN, 2012, n.p., tradução nossa).⁸⁴

Thomas Kelly fez parte desse esforço de conversão do país para o protestantismo. Tornando-se ministro da Igreja da Irlanda em 1792, após abandonar a carreira de advogado, Kelly foi influenciado pela forma de pregação altamente emocional do metodismo de John Wesley, desagradando o arcebispo de Dublin Robert Fowler (1724-1801), que ocupou o cargo de 1779 a 1801. Fowler impediu Thomas Kelly de pregar à sua maneira (STUNT, 2000, p.156), o que o motivou a renunciar ao cargo de ministro em 1803 e a fundar quatro capelas para atuar como pregador itinerante independente, atividade que realizou por cerca de sessenta e três anos de sua vida (RAMSBOTTOM, 2010, p.6).

Dado que na última década do século XVIII muitos membros da Igreja da Irlanda foram influenciados pelo evangelismo protestante, Carter (2015) afirma que embora a onda evangelizadora tenha atuado como uma espécie de consolo na contenção do domínio e insurgência do catolicismo no país, também causou sintomas contraditórios, pois ainda que tenha sido foi capaz de promover a conversão de alguns irlandeses católicos numa espécie de movimento pan-evangélico contra a Igreja de Roma - período este conhecido como *A Cruzada Protestante*⁸⁵ -, também causou cisões e produziu extremismos teológicos no seu interior.

Thomas Kelly, por exemplo, assim que abandonou a igreja nacional fundou sua própria base teológica e doutrinal conhecida como *The Kellyites*, cujo declínio, “pode

⁸⁴ Do original: “The founding of the Irish Society heralded, if not the full commitment of the Church of Ireland to the cause of reformation among the Catholic population, then certainly the inability of its bishops to prevent the evangelical wing from having its own way. [...] None of the evangelical societies penetrated the upper echelons of the Church of Ireland quite as thoroughly as the Irish Society.”

⁸⁵ Do original: *Protestant Crusade*. Um conceito lançado pelo historiador Desmond Bowen no final da década de 1970. Segundo ele, esse período na Irlanda durou de 1800 a 1870. Para mais informações: BOWEN, Desmond. **The Protestant crusade in Ireland, 1800-70: a study of Protestant-Catholic relations between the Act of Union and disestablishment**. McGill-Queen's Press-MQUP, 1978.

ter sido causado devido a sua estrutura organizacional bastante caótica, que rejeitou qualquer sugestão de ministério formal” (CARTER, 2015, p.76, tradução nossa).⁸⁶

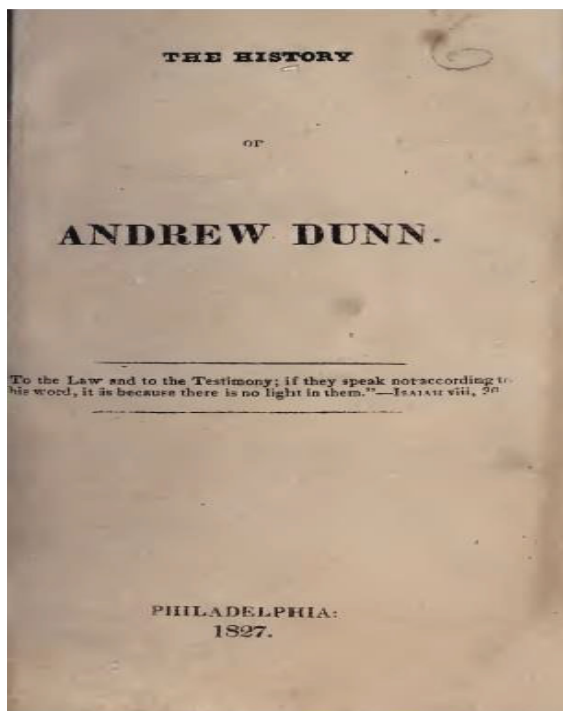
Deste modo, em função do acirramento dos conflitos políticos e religiosos e da sistemática busca pela instrução e conversão dos irlandeses mais pobres, ou seja, da maioria católica do país, consoante Irene Whelan (2012), de 1792 a 1841 medidas como a distribuição de Bíblias na língua vernácula e o auxílio de escolas para alfabetização foram acompanhadas pela utilização da leitura de materiais como histórias e narrativas heroicas contadas ao ar livre.

Isso nos leva a crer que *A História de André Dunn* foi uma dessas narrativas utilizadas como ferramenta de instrução e conversão da população católica local ao protestantismo. Dito isto, mesmo sem poder atestar como foi a sua circulação no território irlandês, de acordo com Peter D. O'Neil (2017) é possível afirmar que no final da década de 1820 a publicação já era utilizada para a conversão de católicos nos Estados Unidos.

Um exemplar da obra publicado na Filadélfia no ano de 1827 também reforça essa afirmação. Nele, logo abaixo do título, deparamo-nos com o seguinte versículo bíblico: “Pela Lei e Testemunho; se eles não falam de acordo com essa palavra, é porque não existe luz neles” (ISAÍAS, 8, 20, tradução nossa *apud* THE HISTORY OF ANDREW DUNN, 1827). Entendemos que a presença desse versículo reforça uma das maiores mensagens da obra: a valorização da leitura da Bíblia, de modo que também nos dá indícios da busca pela conversão da população de imigrantes católicos nos EUA.

⁸⁶ Do original: “may have been due to its rather chaotic organizational structure, which rejected any hint of formal ministry.”

FIGURA 8 - CAPA DO LIVRO A HISTÓRIA DE ANDRÉ DUNN DE 1827 VEICULADA NOS EUA



FONTE: THE HISTORY OF ANDREW DUNN, 1827.⁸⁷

As primeiras publicações da obra nos Estados Unidos datam da década de 1820, contudo, ela seguiu sendo utilizada neste país e também por missionários norte-americanos em territórios de missão.

Um dos elementos que constituem a narrativa de *A História de André Dunn* é o anticatolicismo, um sentimento que também existiu nos Estados Unidos. Já nas primeiras décadas do século XIX, a pobreza causada pela depressão econômica e os conflitos religiosos na Irlanda refletiram na chegada de irlandeses ao país e, considerando a composição religiosa irlandesa, boa parte desses imigrantes eram católicos.

Mas foi durante a segunda metade do século XIX que a imigração irlandesa para os Estados Unidos atingiu níveis significativos, a Grande Fome que assolou a Irlanda de 1841 a 1845 foi um fator determinante para esse acontecimento, quando, conforme Abrantes (2018), aproximadamente um milhão e meio de pessoas morreram e cerca de um milhão emigrou.

Atingida pela proliferação de um fungo na batata a Irlanda, um país essencialmente agrário, sofreu danos irreversíveis na produção de alimentos, o que

⁸⁷ Disponível no Archive.org: <<https://bit.ly/2LcHbJ1>>.

resultou na maior das diásporas irlandesas, deixando um vazio demográfico que se reflete até os dias de hoje.⁸⁸ D.H Akenson, Carey e Colin Barr (2015) afirmam que o número de nascidos na Irlanda vivendo fora do país saltou de dez por cento da população em 1841 para quarenta por cento em 1891.

Esse grande fluxo de imigrantes irlandeses colaborou, portanto, para a consolidação do anticatolicismo norte americano. Esse sentimento contemporâneo ao Segundo Grande Despertar, se explica, conforme Sydney E. Ahlstrom (1975), porque enquanto nas primeiras décadas do século XIX a Igreja Católica representava uma pequena quantidade de fiéis, na segunda metade deste século ela tornou-se uma significativa força política e religiosa na sociedade americana.

Segundo a maioria dos protestantes isso ameaçava o sistema republicano do país, para Thomas Jefferson (1743-1826), terceiro presidente dos Estados Unidos, a “Igreja Católica Romana era simplesmente a mais poderosa - e, portanto, a mais perigosa institucionalização da superstição medieval, da estreiteza sectária e do despotismo monárquico na religião” (AHLSTROM, 1975, p.667).⁸⁹ Entretanto, tensões de outras naturezas estiveram relacionadas às questões das diferenças religiosas.

Segundo Ahlstrom (1975, p. 669), fatores econômicos também foram determinantes para explicar esse conturbado momento e citando como exemplo a tensão que envolveu a recepção aos irlandeses por norte-americanos durante a presidência de Andrew Jackson, entre 1829 e 1837, o autor afirma que os imigrantes foram vítimas de agressões e escárnio pela população local e, ademais, por não terem emprego, acabavam demandando uma grande porção dos fundos de caridade.

Peter D. O'Neil (2017) trata dos desdobramentos que envolveram a chegada desse grupo de católicos irlandeses fugidos da fome que assolou o país e destaca a estratégia nascida com os católicos irlandeses de transformar novelas anticatólicas em narrativas a favoráveis à igreja de Roma. Segundo o pesquisador, quem iniciou esse tipo de publicação foi o padre católico John Hughes (1797-1864).

Nascido na Irlanda, Hughes chegou aos Estados Unidos em 1817 e foi ordenado padre em 1825. Mais tarde, o religioso chegou a ser nomeado arcebispo da Arquidiocese de Nova York e fez parte de uma geração de escritores irlandeses que

⁸⁸ Segundo o censo nacional de 2012 desde a crise econômica de 2008 um milhão de irlandeses, 15.6 por cento da população, ainda vive fora do país (CAREY; BARR, 2015, n.p.).

⁸⁹ Do original: “The Roman Catholic church was simply the most powerful-and therefore the most dangerous- institutionalization of medieval superstition, sectarian narrowness, and monarchical despotism in religion.”

o historiador Charles Fanning denominou de “A geração da fome de escritores católicos irlandeses americanos” (O’ NEILL, 2017, n.p.).⁹⁰

Segundo O’Neill, a primeira das obras modificadas por Hughes foi justamente *A História de André Dunn*, cujo título na versão católica ficou como *The Conversion and Edifying Death of Andrew Dunn: or, a Guide to Truth and Peace*:

O que motivou Hughes a tentar sua sorte na ficção foi um conto protestante inglês que cruzou o seu caminho pelas ruas de paralelepípedos da Filadélfia em 1827. O herói daquele conto, chamado André Dunn [...] Em Hughes, André Dunn é um jovem protestante que cresce na Irlanda rural. Tudo está bem até que ele atinge a idade de trinta anos, quando começa a duvidar de sua fé religiosa. Essas dúvidas - cinco dilemas teológicos ao todo - são explicadas em grande detalhe. Como na história original, Andrew Dunn, de Hughes, pergunta ao teólogo, mas obtém pouca satisfação de suas respostas. Dunn confidencia a um vizinho, John Smith, "um bom fígado" e católico, que lhe dá a história "real" da Igreja Católica (O’NEILL, 2017, n. p., tradução nossa).⁹¹

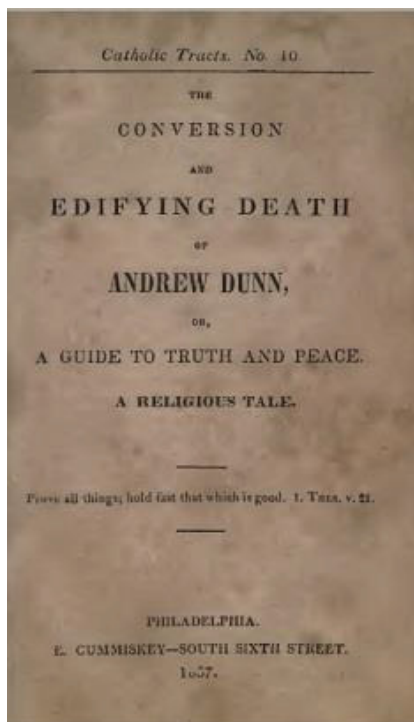
Assim, de modo análogo aos protestantes, os católicos também fizeram uso da literatura ficcional, visavam à construção de uma identidade católica americana que tinha como objetivo incentivar a obediência à hierarquia que formava parte das estruturas da Igreja e do Estado, além de fomentar uma rigorosa ética do trabalho que poderia contribuir para sua consolidação nos Estados Unidos com sua economia capitalista (O’NEILL, 2017, n.p.).

A apropriação de histórias ficcionais visando converter os adeptos da outra religião evidencia que, apesar dos infelizes episódios que envolveram a prática de violências físicas e patrimoniais como o incêndio de algumas igrejas, a disputa religiosa entre católicos e protestantes nos Estados Unidos foi protagonizada no espaço da formação cultural. Como exemplo dessa disputa, observa-se que no topo da capa da apropriação feita por Hughes a narrativa é apresentada ao público como uma história católica, sem qualquer menção à obra original. O título reforça ainda a principal preocupação dos grupos religiosos da época: a conversão à “verdadeira religião” defendida no seu interior.

⁹⁰ Do original: *The Famine generation of Irish American Catholic writers*.

⁹¹ Do original: “Provoking Hughes to try his hand at fiction was an English Protestant tale making its way round the cobbled streets of Philadelphia in 1827. The hero of that tale, named Andrew Dunn [...] In Hughes telling, Andrew Dunn is a young Protestant boy who grows up in rural Ireland. all is well until he reaches the age of thirty, when he begins doubting his religious faith. These doubts - five theological quandaries in all - are set forth in great detail. As in the original story Hughes's Andrew Dunn queries theologian but gains little satisfaction from their answers. Dunn confides in a neighbor, John Smith, "a good liver" and a Catholic, who gives him the "real" history of the Catholic Church.”

FIGURA 9 - CAPA DA VERSÃO CATÓLICA DE ANDRÉ DUNN DE 1837 ESCRITA PELO PADRE IRLANDÊS JOHN HUGHES



FONTE: THE CONVERSION AND EDIFYING DEATH OF ANDREW DUNN, 1837.⁹²

Desta maneira, ao tratarmos da atuação missionária norte-americana no *Imprensa Evangelica*, não podemos ignorar o fato de que a prática de apropriação e veiculação dessas obras já era algo bastante consolidado nos Estados Unidos e que certamente missionários como Simonton já estavam familiarizados com esse tipo de ação.

Durante nossas pesquisas nos arquivos digitais dos Estados Unidos encontramos no 45º relatório anual da SAT de 1870 o balanço referente ao volume de impressos distribuídos e vendidos pela organização ao longo dos vários países contemplados pela instituição. É possível observar no documento que a obra escrita por Kelly também foi traduzida e distribuída pela organização em português, alemão e espanhol.⁹³ Até aquela data, a organização havia imprimido mil exemplares do livro em português (AMERICAN TRACT SOCIETY, 11/5/1870, p.18).

Ademais, dentre as publicações expostas, no interior do catálogo informando o número de páginas que cada obra possui no formato de livro, notamos a presença do

⁹² Disponível em: <<https://bit.ly/2ZGze2X>>.

⁹³ Conforme consta no 45º relatório anual da *Sociedade Americana de tratados* (1870, p. 295), o título da obra traduzido para o alemão ficou "*Undreas Dunn*". No espaço destinado aos livros espanhóis o romance fora traduzido como "*Conversión del Irlandes, A. Dunn*".

romance *O relojoeiro e a sua família* também publicado no formato de folhetim durante a primeira gestão do *Imprensa Evangelica*. No *Imprensa*, a publicação antecedeu *A História de André Dunn* sendo publicada nos exemplares de número 3 ao 6.

FIGURA 10 - CATÁLOGO PARCIAL DAS PUBLICAÇÕES EM PORTUGUÊS DA SOCIEDADE AMERICANA DE TRATADOS

PORTUGUESE VOLUMES, 18MO.	
Our Earthly House and its Builder.....	173
Mark Steadman.....	160
Andrew Dunn.....	80
Home Pictures.....	61
16. The Railroad.....	32
17. Watchmaker and His Family.....	32
18. Theophilus and Sophia.....	48

FONTE: AMERICAN TRACT SOCIETY, 11/5/1870.⁹⁴

De acordo com as informações, a maioria das impressões foi feita língua espanhola, possivelmente em função do grande número de países latino-americanos católicos e a própria Espanha que naquele momento ainda eram reconhecidos como territórios de missão. Deste último país, ao retratar o andamento de seus trabalhos em algumas regiões do mundo, a SAT informa através do depoimento de um missionário a trabalho na cidade de Barcelona que o panfleto da obra André Dunn: “Fez mais bem do que qualquer outra publicação em língua Espanhola” (AMERICAN TRACT SOCIETY, 1871, p.15, tradução nossa).⁹⁵

3.2.2 André Dunn no *Imprensa Evangelica*.

No jornal *Imprensa Evangelica* a história sobre André Dunn se inicia no exemplar de número quatorze e finda no de número vinte e quatro, o corpo editorial do jornal reservou o espaço de dois números para cada capítulo, o que resultou na divisão da obra em dez números. Na imprensa laica e na religiosa, a publicação de romances-folhetim esteve atrelada à estratégia de “conteúdos chamariz”, conforme vimos em Martins (2015).

A geração de assinaturas geradas por conteúdos chamariz foram importantes para gerar receita, além de financiamento, que serviam para a manutenção dos

⁹⁴ Disponível em: <<https://bit.ly/2URJ2V9>>.

⁹⁵ Do original: “has done more good than any other publication in the Spanish tongue”.

periódicos protestantes. Até os primeiros anos do século XX foram utilizados recursos nacionais e internacionais para a evangelização protestante via imprensa no Brasil, mas após o crescimento das denominações, o financiamento da atividade missionária começou a ser cada vez mais de origem nacional, um capital angariado principalmente por iniciativas como a assinatura de periódicos e venda de títulos evangélicos (VASCONCELOS, 2010, p.16).

Embora os critérios acima apresentados sejam válidos para justificar a presença de narrativas como essa no *Imprensa*, acreditamos que o principal argumento que justifique a utilização da literatura no formato de livros, folhetos e tratados foi a sua funcionalidade, isto é, tomavam a leitura como elemento “favorecedor da iluminação e conversão das almas” (CRUZ, 2015, p.171). Deste modo, sua utilização entre os periódicos religiosos não obedeceu apenas ao critério de estimular e criar expectativa em relação à continuação da obra, mas principalmente pelo potencial de seu conteúdo.

A narrativa que inaugurou a presença desse tipo de publicação no jornal foi “*Lúcia ou a leitura da Bíblia*”, romance epistolar escrito na metade do século XIX pelo pastor protestante Adolphe Monod (1802-1856) denominado *Lucila*. Desenvolvendo uma análise do *Imprensa Evangelica* a partir desse romance, André Carreiro Nogueira (2013) através de referenciais da História da Leitura, visou identificar a formação do leitor protestante no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

O autor afirma que ao ser veiculada pelo jornal presbiteriano entre 1864 e 1867 a obra representou um indício para a identificação de um leitor do período e foi utilizada como uma forma de convencer o leitor a continuar “a seguir o periódico por fidelidade à informação religiosa confiável – mesmo que editada” (NOGUEIRA, 2013, p.98).

Nogueira ressaltou ainda que essa foi uma obra elaborada para impressionar e emocionar os leitores e foi veiculada pelo *Imprensa* mais pelo seu viés instrutivo do que polêmico (NOGUEIRA, 2013, p.96) de modo que também observamos alguns desses elementos em *A História de André Dunn* que nos ajudam a explicar a sua presença nas páginas do *Imprensa*.

Pensando nisso, evocamos o fato de que a atuação missionária através da imprensa dirigiu-se ao público mediante elementos marcados para atender seu principal objetivo: a conversão de pessoas, o que implicou no uso do jornal como meio

de comunicação pela sua capacidade de atingir esse fim, seja por sugestão ou influência (MORGAN, 2014, p. 251).

Portanto, analisamos o conteúdo da narrativa, afinal, interessa-nos investigar aquilo que ela poderia ter sido capaz de despertar e significar àqueles que em um determinado momento histórico a receberam. Logo, baseando-nos em referências da História Cultural, pensamos o jornal como um dos principais veículos de criação e reprodução das representações visuais e textuais do momento.

Isto posto, optamos pela utilização do conceito de representação segundo o historiador francês Roger Chartier (2002), acreditamos que por meio deste conceito podemos entender como os grupos ou os indivíduos buscam dar sentido a uma determinada realidade social. Assim, uma vez que o conceito abrange uma espécie de produção de imagem de si ou do outro, a construção dos sentidos encontra-se dentro de uma relação simbólica de forças contraditórias como o mesmo historiador afirma:

Essa história define a construção do mundo social como êxito (ou fracasso) do trabalho que os grupos efetuam sobre si mesmos – e sobre os outros – para mostrar as propriedades objetivas que são comuns a seus membros em uma pertença percebida, mostrada, reconhecida ou negada (CHARTIER, 2002, p. 11)

Retirado do *Dictionnaire universel de Furetière* o conceito de representação denota duas concepções aparentemente contraditórias, segundo Chartier (2002, p.74): “a representação manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.” Desse modo, a História de André Dunn, como obra literária, manifesta-se como uma forma de apresentar e veicular imagens que compõem determinados sujeitos e práticas do mundo social.

Ainda com a ajuda do historiador e suas reflexões acerca da História da Leitura, o exercício do periódico de traduzir e fracionar determinado texto vai também ao encontro do conceito de apropriação, o qual, conforme ressalta o historiador: “Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 2002, p.71). Desde esta perspectiva, a apropriação de um texto abre espaço para a possibilidade de lidar com novas interpretações e com a construção de novos sentidos.

Essas representações também encontram-se no discurso,⁹⁶ e buscamos historicizar a leitura do romance escrito por Kelly quando apropriado pelo jornal evangélico brasileiro, elencando os tipos de sujeitos que estão sendo representados, de que modo suas representações estão dispostas e com que objetivos podem ter sido colocadas para o público.

3.3 ANDRÉ E A CONVERSÃO INDIVIDUAL COMO EXEMPLO

Tendo a conversão como seu principal objetivo, o missionarismo protestante do século XIX acreditou que com o uso dos impressos nas suas mais variadas formas e gêneros ampliaria as chances de alcançá-lo. Deste modo, a presença de *A História de André Dunn* em um jornal como o *Imprensa Evangelica* se explica principalmente pelo cunho evangelizador da narrativa, afinal, ela apresenta o retrato de uma conversão ideal e, portanto, contempla aquilo que foi considerado elemento central e grande mobilizador das missões protestantes no Brasil e no mundo: a salvação do gênero humano pela adesão à verdadeira religião.

Embora missiólogos e historiadores tenham identificado outras justificativas e motivações no interior do empreendimento missionário oitocentista, no Brasil a salvação também foi o núcleo da fé cristã, os brasileiros já estavam familiarizados com esta expressão, que também era utilizada por católicos, no entanto, a mensagem protestante era de que a salvação não estava atrelada à obediência a uma hierarquia religiosa mas ao sacrifício de Jesus e seu conhecimento por meio da leitura da Bíblia (SANTOS, 2004, p. 260).

Dito isto, contribuem para nossa análise outras duas produções de grande influência no protestantismo brasileiro: *O Peregrino*, de John Bunyan (1628-1688), a primeira narrativa literária introduzida por missionários protestantes no Brasil; e o quadro *Dois Caminhos*, de autoria da diaconisa luterana Charlotte Reihlen (1824-1912). A obra de Bunyan foi veiculada inicialmente em terras brasileiras no interior do jornal carioca *Correio Mercantil*, que circulou de 1848 a 1868, entre outubro e dezembro do ano de 1856 (FERREIRA, 2010, p.56). Sobre o quadro de Reihlen, acredita-se que sua primeira aparição em terras brasileiras date dos primeiros anos

⁹⁶ Aqui, entendemos o discurso como: “qualquer abordagem em que o significado, representação e cultura são considerados constitutivos.” (HALL, 1997, p.6, tradução nossa).

do século XX e aluda a questões diretamente ligadas à história de *O Peregrino* (SANTOS, 2004, p. 278).

Segundo João Leonel Ferreira (2004), a narrativa de Bunyan foi apresentada ao público brasileiro pelo missionário e médico escocês Robert Kalley, depois que ele traduziu e publicou pequenas partes do livro no supracitado jornal carioca. O *Peregrino* revela sua importância primeiramente por ter sido uma das primeiras narrativas protestantes que incorporou características do gênero literário romance, como a maioria das obras de seu autor possui “linguagem simples, descrições realistas de pessoas e locais e uma apresentação séria dos problemas morais de indivíduos comuns” (WATT, 1990, p.72).

No percurso do personagem chamado Cristão em busca da salvação de sua alma, o protagonista enfrenta diversos desafios com o objetivo de demonstrar ao leitor que o caminho até a salvação é árduo e de que não existem atalhos fáceis para alcançar tamanha realização. Prova disso são os constantes desvios oferecidos durante o percurso que, quando tomados pelo personagem, levam-no a correr inúmeros perigos e passar por diversos sofrimentos.

No caso do quadro *Dois Caminhos*, também percebemos a presença da noção de que o caminho mais fácil não leva ao reino dos céus, mas à perdição da alma. Segundo Lyndon de Araújo Santos (2004), Reihlen teria se inspirado na história de John Bunyan para pintar o quadro:

O quadro retrata dois caminhos opostos e se estrutura na perspectiva da oposição entre duas possibilidades inconciliáveis, embora intercambiáveis, de vida. À direita se projeta o caminho estreito com sua entrada dificultada pela porta pequena na altura e na largura. Além de indicar o custo da opção pela porta da salvação, o caminho estreito se contrapõe ao largo com todas as suas facilidades [...] (SANTOS, 2004, p.277).

Assim, ambas as produções apresentam aspectos muito importantes da cultura protestante e que também estão presentes em *A História de André Dunn*. Como o primeiro deles podemos citar o dualismo que pontua a relação entre as coisas terrenas e espirituais, afinal, notamos a noção de superioridade do transcendente sobre as coisas do mundo principalmente no que se refere à temática da salvação.

Consideramos que as leituras e interpretações dessas obras nunca foram lineares e uniformes, ainda que essas mensagens pretendam dirigir a leitura para um dado sentido de prática de vida religiosa (SANTOS, 2004, p.271) e é neste sentido que buscamos analisar a obra de *André Dunn* no *Imprensa Evangelica*.

Sabemos que sua produção se deu no contexto de conversão da população católica ao protestantismo na Irlanda e que foi escrita por um autor dissidente da igreja oficial irlandesa influenciado pela onda dos reavivamentos evangélicos de John Wesley. *A História de André Dunn, O Peregrino* e o quadro *Dois Caminhos* possuem influências pietistas como as de Wesley.

O pietismo foi um movimento originado no seio da comunidade protestante da Europa Central dos séculos XVI e XVII e uma das grandes referências que ajudaram a dar origem ao movimento missionário dos finais do século XVIII e XIX, e “afirma que a vida cristã não é fruto da ortodoxia doutrinária, mas de um ‘coração aquecido’ pela graça de Deus” (VELASQUES FILHO, 1990, p.210). Para Irene Whelan (2012), o pietismo auxiliou na criação e adaptação das crenças religiosas fora da centralização proporcionada pela união entre Igreja e Estado, lançou características como as pregações ao ar livre, os chamados *camp meetings*, além de um forte apelo missionário conversionista.

Uma característica que pode ser observada nessas obras com as quais trabalhamos é o estabelecimento da subjetividade e um forte apelo emocional como critérios para uma experiência com o sagrado, experiência essa que mantinha a Bíblia como sua referência (SANTOS, 2004, p.261). Observamos o forte apelo emocional na *História de André Dunn*, onde o sofrimento e as emoções geradas pelas dificuldades enfrentadas pelo personagem para tentar alcançar a salvação, deixam claro que o caminho até esta não é nada fácil como em *O Peregrino* e no quadro *Dois Caminhos*.

Logo no início da história, André tem uma breve discussão com padre Domingos depois de expor algumas dúvidas com relação à vida religiosa e demonstrar interesse pela leitura do Novo Testamento. Com isso, a história retrata uma tensão muito comum nos territórios católicos de missão que foi a reprovação do livre comércio e circulação da Bíblia por parte da Igreja Católica, que combatia a vulgarização do acesso e se opunha à interpretação pelos leigos (NOBREGA, 2004, n.p.).

Assim, o acesso à leitura da Bíblia nesses locais, via de regra, foi intermediado por algum elemento externo como a atuação dos missionários colportores, que distribuíram e venderam Bíblias na língua local entre as populações católicas do Brasil, da Irlanda e dos Estados Unidos. No Brasil, desde a década de 1830, missionários financiados pelas Sociedades Bíblicas já distribuíam o Evangelho em língua portuguesa, o que se deu em grande parte no interior das províncias brasileiras

antes mesmo da chegada das juntas oficiais das denominações (VELASQUES FILHO, 1990, p. 106).

Na narrativa de *A História de André Dunn*, é uma senhora, esposa do fidalgo que emprega o protagonista, que o presenteia com um exemplar do Novo Testamento:

Depois de alguma conversação, perguntou-lhe se tinha em seu poder algum Novo Testamento. Respondeu-lhe que não, porém, que muito desejava ter um, e não só possuí-lo, como poder lê-lo e enterdê-lo. – Como! Replicou-lhe a senhora, Vmc. não sabe lêr ? – Sim, senhora, sei lêr, porém só em inglez, porque não conheço outra língua. – Pois bem, lhe disse ella, este livro é em inglez. Pareceu-lhe pular seu coração de gozo. Isto, disse, é exactamente o que eu desejava (IMPrensa EVANGELICA, 4/7/1866, p. 115)

Aqui, é importante atentarmos para o caso dela presentear André com um exemplar do livro em inglês, isso porque as Bíblias católicas, na maioria das vezes, contavam apenas com a versão em latim. O jornal especifica no primeiro capítulo que “André Dunn era natural de Irlanda” (IMPrensa EVANGELICA, 21/7/1866, p. 110), mas em nenhum momento há uma nota de esclarecimento dizendo que o inglês era um dos idiomas falados naquele país. Isso nos leva a pensar, em primeiro lugar, que a ausência desse esclarecimento seja um reflexo do público ao qual o jornal se dirigia: pessoas alfabetizadas, ou seja, de estratos sociais mais privilegiados que teriam acesso a conhecimentos gerais.

Assim, mantendo a narrativa com a nacionalidade de André e especificando que o Novo Testamento que lhe é entregue está escrito em inglês, o jornal propicia ao leitor um elemento para a compreensão de que a Bíblia tinha sido publicada em um idioma que André compreenderia mais facilmente. Acreditamos que não havia, portanto, uma preocupação do *Imprensa* com o local onde a história ocorre, mas sim com as semelhanças que o leitor brasileiro poderia identificar entre este e o Brasil, onde a publicação de Bíblias em português não era comum.

Segundo Luiz Antonio Giralaldi (2008), a primeira Bíblia impressa no Brasil em português data somente do ano de 1864, uma tradução católica feita pelo padre português Antonio Pereira Figueiredo (1725-1797) que a começou em 1772 e terminou em 1790, contudo, distribuí-la entre a população não foi uma preocupação.

É possível problematizar o fato de Thomas Kelly ter colocado o inglês como língua nativa do personagem, afinal, a língua nativa da população pobre católica da Irlanda era o gaélico irlandês, mas como o processo de conversão e educação dessa parte da população possuía um viés civilizador, houve resistência por parte dos

financiadores da causa para que a educação desse público se desse nesse idioma, pois o consideravam uma língua bárbara (WHELAN, 2005, n.p.).

Entretanto, Whelan (2005) destaca que na contramão dos interesses das autoridades da Igreja Oficial e aristocracia rural irlandesa, as sociedades missionárias a serviço na Irlanda também traduziram o Evangelho e outros conteúdos para o gaélico, visando a instrução daquela população não só através do uso do inglês.

De qualquer forma, após receber seu exemplar, André pode ler o Novo Testamento recluso em seu quarto, reforçando uma das bases teológicas do protestantismo: o reconhecimento da Bíblia como maior autoridade religiosa (NOLL, 2004, p.27). A partir de então, o personagem aos poucos vai desenvolvendo uma compreensão e levantando questionamentos sobre a atuação de padre Domingos: “E porque não quiz Padre Domingos que eu o possuísse? Seja como fôr, estou resolvido a lê-lo, querendo Deos” (IMPrensa EVANGELICA, 4/7/1866, p. 115).

Tal compreensão aos poucos vai se transformando em uma revelação durante sua leitura, percebe que a hierarquia institucional da Igreja Católica e sua doutrina não são apresentadas de maneira objetiva na narrativa bíblica, mas que são frutos de uma construção interpretativa católica, o que faz com que o personagem entenda que é mesmo necessário o rompimento com o catolicismo representado pela figura de padre Domingos.

Dessa forma, a narrativa inicia a apresentação de uma vida religiosa de André que passa a ser pautada exclusivamente pela leitura da Bíblia, ilustrando assim a mensagem que o protestantismo missionário buscou proporcionar: “[...] o cristão não está debaixo de nenhuma mediação e se refere diretamente a Deus pela fé, instrumento de sua salvação” (MENDONÇA, 2005, p. 51).

Para o protestantismo missionário da época, diferente do calvinismo em que a salvação cabia apenas aos eleitos, conversão e salvação foram fatores intrinsecamente ligados e dependentes da vontade do indivíduo. Considerado uma herança arminiana, o voluntarismo foi um dos principais pontos de divergência do reformador Jakobus Arminius (1560-1609) com o calvinismo ortodoxo. Essa característica foi recebida pelo metodismo de Wesley e é considerada por pesquisadores como Prócoro Velasques Filho (1990) um dos motivos pelos quais se pode chamar o período missionário protestante como a “era metodista”.

De acordo com Irene Whelen (2012), o arminianismo defendia que Jesus morreu para salvar toda a humanidade, assim, a salvação do indivíduo dependeria de

sua aceitação desse fato, aceitação essa que representaria sua fé que deveria ser fortalecida com o desenvolvimento de um compromisso com a perfeição moral, que era pregada por John Wesley como o objetivo de todo cristão.

Sendo a conversão admitida como momento de ruptura com o pecado e de perdão às faltas anteriores, em tese, isso exigia a adequação do converso a um modo de vida exemplar (NOBREGA, 2004, n.p.). Segundo Velasques Filho, como herdeiro dos reavivamentos norte-americanos, o protestantismo missionário no Brasil dividiu a conversão em dois passos: o primeiro entendido como regeneração e o segundo como santificação, para o autor, estes são momentos distintos mas ao mesmo tempo complementares.

A regeneração pode ser dividida entre traumática ou não-traumática, sendo esta última mais comum entre os filhos dos crentes e a outra relacionada aos demais membros da sociedade. Velasques Filho (1990, p. 215-219) afirma que a regeneração traumática recebe esse nome porque ocorreria a partir de uma violenta ruptura com um dado modelo cultural e isto significava a necessidade de o converso abandonar não só os seus vícios mas também elementos da cultura e vida religiosa pregressa.

É possível observar esse processo ocorrendo com André, principalmente no que se relaciona à desconstrução de sua identidade religiosa católica:

Lêo aquella noite alguns capítulos que lhe agradarão muito e continuou a ler o livro todas as noites até acaba-lo. O que sobremaneira attrahio a attenção durante a leitura, foi não encontrar nem uma palavra de Papa, missa, confessionário, penitencias, absolvição canônica, méritos de santos, dias de festa, comer peixe, rezar rosário, nem de várias outras cousas que Padre Drmingos havia prégado com tanta frequência. Como! exclamou, tenho ouvido falar dessas cousas desde menino e tem-se me feito crer que toda a religião consistia nelas, e que minha salvação e a de todos os homens que vivem têm vivido, depende dellas; sem embargo disso não encontro nem uma palavra sequer sobre ellas em todo o Novo Testamento. Não o sabia o Padre? (IMPrensa EVANGELICA, 4/8/ 1866, p.115).

Com a veiculação do romance religioso voltado neste momento para o entretenimento instrutivo daqueles que o leriam, como vimos em Brown (2004) e Cruz (2014), notamos a preocupação do jornal em fornecer ao público leitor uma narrativa onde houvesse pontos com os quais esse pudesse identificar-se, de modo que o processo de assimilação e apropriação dessa representação por parte do leitor pudesse surtir alguns dos efeitos esperados pelos missionários como a conversão. Lembremos que *A História de André Dunn* foi inicialmente pensada para veiculação

na Irlanda, onde o catolicismo também era a religião da maioria da população, o que a aproximava da realidade do público brasileiro.

Seguindo o mesmo direcionamento das obras de John Bunyan e Charlotte Reihlen, a história sobre André Dunn expressa as dificuldades iniciais decorrentes do abandono de sua religião antiga pelo protagonista e projeta alguns desafios que o converso poderia enfrentar. Fica evidente o mal-estar de André frente à reação inicial de sua família: “Todos da casa, menos sua filha menor, por algum tempo considerarão-no como fora de si” (IMPrensa EVANGELICA, 18/8/1866, p.126).

A história também vai ao encontro de outro propósito do jornal neste momento, que era incitar a participação dos pais na educação religiosa de seus filhos, de modo que a história também reforçaria esse papel aos seus leitores:

Desde então começou André a falar a sua família com maior franqueza, manifestando-lhe como Jesus Christo amou os pecadores que estavam a ponto de perder-se, entregando-se á morte para remi-los. Também os exhortava a não despresarem tão grande salvação; e com olhos arrasados de lágrimas insistia sobre o quanto era de necessidade que se arrependessem, renovassem-se em seus corações e mudassem de vida (IMPrensa EVANGELICA, 18/8/1866, p.126).

Dada a conversão de André com a ruptura dos valores e práticas culturais anteriores via processo de regeneração traumática, é preciso atentar para o processo de sua santificação, afinal, a vida do fiel agora pertence a Deus e “implica conhecimento crescente da verdade doutrinária ministrada pela nova Igreja, o aprendizado daquilo que é certo e permitido ou errado e proibido pelos padrões da comunidade” (VELASQUES FILHO, 1990, p. 220-221). Tal processo normalmente é acompanhado de problemas com a família, pois, assim como se deu na narrativa, quando nem todos que cercam o recém converso aceitam essa mudança para uma nova religião, ele precisa lidar com a incompreensão dessas pessoas (VELASQUES FILHO, 1990, p.220).

Em *O Peregrino* acontece algo semelhante com o personagem Cristão, depois de iniciar a leitura do livro que seria a Bíblia, ele anuncia à sua família que a cidade onde moram seria queimada pelo fogo do céu. Inicialmente tomado pela angústia causada pela revelação exposta no livro, o personagem também sofre com a incompreensão de seus familiares:

A revelação deixou mulher e os filhos surpresos e aflitos, não porque acreditassem que o que lhes dizia era verdade, mas porque achavam que

alguma insensatez desvairada lhe confundia o pensamento [...] voltou a falar-lhes, mas eles começaram a mostrar-se endurecidos. Então cogitaram curar-lhe a insensatez por meio de um comportamento rude: às vezes zombavam dele; às vezes o repreendiam; e às vezes simplesmente o ignoravam. Por isso ele passou a isolar-se em seu quarto para orar e lamentar por eles, e também para condoer-se da própria angústia [...] (BUNYAN, 2013, n.p.).

A solução para Cristão só aparece quando ele encontra uma espécie de guia chamado Evangelista, que o indica para o caminho que leva à “porta estreita”, e, sozinho, Cristão inicia o caminho que leva à salvação. No caso de André, o impasse relacionado à sua família acaba se desenrolando de forma um pouco diferente, afinal, ainda que de início os personagens tenham sofrido de forma semelhante, o exemplo do protagonista faz com que sua mulher e seus filhos resolvam seguir o mesmo processo.

Em *O Peregrino*, Bunyan não trata da conversão da família de Cristão, o autor só o faz em outro livro publicado seis anos depois da primeira obra, em 1684, onde narra a fuga da mulher e dos filhos deste personagem da cidade da destruição: *A Peregrina*, que foi publicada como *A Viagem de Christiana* pelo *Imprensa Evangelica* no ano de 1878.

Para Max Weber (2004), *O peregrino* representa bem a relação entre o fiel e Deus no calvinismo ortodoxo, o crente “só se ocupa consigo mesmo e só pensa na própria salvação [...] É só quando já está salvo que lhe ocorre a ideia de ter a família junto a si [...]” (WEBER, 2004, p.98). Mas no protestantismo de bases metodistas do contexto no qual Thomas Kelly escreve *A História de André Dunn* e das missões do século XIX, ao contrário do que ocorreria nesse calvinismo ortodoxo, o converso preocupa-se imediatamente com seus entes queridos, pois entende que ele não é um indivíduo predestinado a ser salvo, mas que o será pela conversão, que era uma possibilidade para todos (RIVERA, 2001, p.162).

André preocupa-se em passar a mensagem à sua família desde as primeiras revelações, mas o apoio de seus familiares só acontece depois de um bom tempo, pois depois de dedicar-se a conhecer bem o Novo e Antigo Testamento, ele recebe o padre Domingos em sua casa, onde os dois iniciam uma discussão acerca da legitimidade dos sacramentos impostos pela Igreja Católica. Impressionado com os argumentos de André durante o diálogo, o clérigo derrotado irrita-se e questiona os membros da família Dunn que presenciavam a cena: “E Vmcs. querem seguir este velhaco em sua apostasia?” (IMPRESA EVANGELICA, 6/10/1866, p. 147).

Por terem presenciado uma demonstração de total desconhecimento da Bíblia por parte do padre, a família manifesta apoio ao seu patriarca pela primeira vez quando responde “[...] que se tinham duvidas até alli, o que acabavam de presenciar os havia convencido que André tinha razão e sua reverencia não” (IMPrensa EVANGELICA, 6/10/1866, p. 147).

Deste modo, a história uma vez mais possui ligação com o que as representações missionárias diziam a respeito do catolicismo no Brasil: que os padres não detinham o conhecimento da Bíblia e apresentavam comportamentos pecaminosos, transformando-os em exemplos ruins de vida religiosa, essas figuras eram colocadas pelos missionários como um exemplo da manifestação da decadência moral e espiritual do catolicismo (SILVA, 2014, p. 219-220).

Estabelecer a leitura da Bíblia como base de sua vida religiosa levou André a admitir outras questões basilares da religião protestante como a da Justificação pela Fé. Após o supramencionado encontro com padre Domingos, ele não se sente mais acuado diante da posição hierárquica do padre e passa a confrontá-lo, utilizando-se de passagens bíblicas como argumentos. Desta forma, ao ser acusado pelo padre de querer saber mais do que a Igreja, defende-se: “Não conheço guia superior á palavra de Deus” (IMPrensa EVANGELICA, 6/11/1866, p.146). E refutando a mediação dos sacramentos diz:

Ensina igualmente que só pela fé se póde ter parte nesta salvação. Eu poderia citar muitíssimas passagens, porém bastam as seguintes: “Concluimos pois que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei.” Rom III: 28; Justificados pois pela fé, tenhamos paz com Deus por meio de Nosso Senhor Jesus Christo.” Rom. V:1. Pela Graça é que sois salvos mediante a fé. Efésios II: 8. Logo encontro neste santo livro que todos têm esta preciosa fé, estão unidos por ella com Christo assim como o ramo está unido com a arvore [...] (IMPrensa EVANGELICA, 6/10/1866, p.146, grifo nosso).

O personagem principal segue com o seu processo de conversão, tornando-se um bom exemplo de cristão para sua família, um dia em sua casa ele decidiu cumprir aquilo que para *O Imprensa* foi sua principal proposta: “A propagação do Evangelho pela vivificação da devoção doméstica” (IMPrensa EVANGELICA, 5/11/1864, p.1):

Havia tempo que André julgava ser sua obrigação, como pae de uma familia Christã, introduzir em sua casa o costume de orar em comum. Via claramente que ser-lhe-ia imperdoável omitir o comprimento de tão sagrado dever [...] Poude enfim um dia vencer sua repugnância, e dirigiu-se a sua familia nestes termos “Amada mulher e filhos, pela misericórdia divina a maior parte de nós

temos vindo no conhecimento da verdade, porém não basta que cada um de per si dê glória a Deus. Devemos glorifica-lo reunidos em família. Pois o signal que mais distingue as famílias tementes a Deus das que não são, é o de *invocar seu santo nome*. [...] Principiemos nesta mesma noite (IMPrensa EVANGELICA, 20/10/1866, p.155).

O destaque em itálico feito pelo jornal legitimaria ainda mais a devoção doméstica, pois ao ressaltar que a família reunida poderia invocar o nome de Deus, reitera que não haveria a necessidade da presença de um sacerdote como um intermediário na relação com o sagrado. Esse fato sinaliza a tentativa do jornal de dirigir a leitura da obra.

De acordo com o pesquisador Paulo Barrera Rivera (2001), o protestantismo latino-americano derivado das missões norte-americanas foi uma religião transmitida essencialmente pela pregação e pelo culto no meio familiar, o que ele explica como algo decorrente da existência de dois polos na religião protestante: o emocional, destacado pela já mencionada influência pietista no protestantismo latino-americano, e o racional.

De maneira geral, o polo racional é representado pela ruptura institucional da Reforma que deu ênfase à centralidade da Bíblia como a sua maior autoridade. Através da *Sola Scriptura*, ela individualizou a experiência religiosa e promoveu aquilo que Weber (2004) chamou de desencantamento do mundo, uma forma de rejeição da magia sacramental como meio de salvação, algo ainda mais presente entre as Igrejas Reformadas, isto é, de cunho calvinista.

Na narrativa sobre André Dunn este traço racional se apresenta no momento em que o personagem se dá conta de que o padre, representando a Igreja Católica, não tem poder algum de absolver pecados e nem de administrar sacramentos, indicando que só pela fé é que se consegue a salvação.

Como converso ideal, André não foi somente um exemplo para os membros de sua família, mas um modelo para toda a comunidade. Um dos indícios disso é que, depois da conversão, há um destaque à nova conduta do personagem, que passa a dar sinais de que alcançaria a salvação por sua nova linguagem e comportamento que seguiam as normas presentes na Bíblia (RIVERA, 2001, p.172).

Uma prova de sua influência sobre os demais que aponta a narrativa, diz respeito à conversão de Diogo Nowlan, que vai à casa de André para lhe fazer mal, mas ao deparar-se com a benevolência e a devoção doméstica da família Dunn acaba desistindo de fazê-lo e neste momento tem início seu processo de conversão:

Parou um instante á porta para certificar-se do que estivessem dizendo ou fazendo dentro [...]. ficou suspenso ao ver a devoção do homem e sua família, e o modo por que orava, tão differente doque até então tinha ouvido. [...] o que mais o tocou foi, que orasse André por seus inimigos [...] assombrando-se cada vez mais Diogo Nowlan, até que ao concluir a oração, tivera querido dar um abraço no mesmo a quem veio maltractar. Pelo que havia dito padre Domingos, cuidou que estava André inteiramente entregue a toda toda casta de maldades, e que havia apostatado da fé christã; mas viu que era tudo pelo contrario. [...] Oxalá que todos quantos se dizem christãos, inclusive o mesmo Cura, fossem como André! De outro modo andaria o mundo, se assim fôra (IMPrensa EVANGÉLICA, 3/11/1866, p. 163).

Nowlan é apresentado na narrativa como alguém muito violento e representa a intolerância religiosa. Ao introduzir o personagem ainda há intervenção através de uma nota de rodapé que inclui:

Isto nos faz reflectir sobre as perseguições, e as affrontas que se têm dado e ainda hoje se dão contra os Christãos a quem chamam protestantes; combinem-se estes factos diários com o verso 2º do capítulo XVI do Evangelho de S. João, onde diz Jesus- Christo: E está a chegar o tempo em que todo o que vos matar, julgará que nisso faz serviço a Deus. > Assim se cumpre maravilhosamente a profecia! (IMPrensa EVANGELICA, 3/11/1866, p.163).

Na versão deste romance de 1827, observamos uma série intervenções como essa, inclusive uma feita neste mesmo momento de apresentação de Diogo Nowlan, que nesta versão em inglês é chamado James Nowlan:

Nós descobrimos em James Nowlan o verdadeiro intolerante. Ele tem grande zelo pela Igreja, mas quebra a lei de Deus sem escrúpulos. Se eu tivesse inserido toda a linguagem profana usada por este piedoso defensor da Igreja, nesta ocasião, eu deveria ter apresentado meus leitores (meus leitores religiosos em menos) com o monólogo que quase teria feito o seu cabelo ficar em pé. Amaldiçoar e xingar são tão comuns entre as pessoas, que nenhuma impressão de horror é sentida, quando a linguagem mais blasfema é empregada na comunicação de homem para homem (THE HISTORY OF ANDREW DUNN, 1827, p.35, tradução nossa).⁹⁷

Não sabemos se a nota publicada na edição do romance no *Imprensa* foi feita por um possível tradutor de alguma sociedade de tratados ou pelos editores do jornal, o fato é que este comentário poderia aproximar ainda mais a história dos leitores

⁹⁷ Do original: "We discover in James Nowlan the true bigot. He has great zeal for the Church but breaks the law of God without scruple. Were I to have inserted all profane language made use of by this pious champion of the Church, on this occasion, I should have presented my readers (my religious readers at least) with soliloquy which would have almost made thier hair stand on end. Cursing and swearing are so comon among the people, that no impression of horror is felt, when the most blaphemous language is employed in the common intercourse of man with man."

naquele momento, pois episódios de intolerância religiosa envolvendo protestantes e católicos ocorriam no Brasil. Além disso, a nota reforça a propaganda anticatólica que marcava a participação protestante nos embates proselitistas com os católicos.

A conversão da família Dunn e a posterior conversão de Diogo geram mudanças significativas em seus comportamentos, de maneira que o restante das pessoas da comunidade: “Admiravam-se também da bôa ordem que reinava em suas famílias, a perfeita amizade em que viviam tão diferente do ódio com que de primeiro se olhavam, demais reparavam em quão melhorado era seu estado” (IMPrensa EVANGELICA, 1/12/ 1866, p.179).

Evidenciamos uma mudança positiva causada pela conversão na vida dos personagens, o que acaba influenciando as pessoas de sua família e de sua comunidade, que começam a suspeitar de padre Domingos à medida que as ameaças que ele tinha feito a André não se cumprem:

Tinham esperado em consequencia da ameaça do padre Domingos, que Deus manifestaria sua ira contra a heresia de André com algum assignalado castigo, ou destruindo-lhe a casa, ou fazendo-lhe perder sua colheita. Mas em lugar disto, André prosperava mais que nenhum de seus visinhos (IMPrensa EVANGELICA, 1/12/1866, p. 179, grifo nosso).

Embora não exista uma defesa explícita de denominação na história e nem haja nenhuma intervenção do jornal presbiteriano neste sentido, sabemos que o fator da prosperidade está ideologicamente ligado ao código moral calvinista, um referencial importante entre os presbiterianos, segundo o qual uma nação com sua população convertida também prosperaria (CAVALCANTI, 2001, p.74).

Neste momento, precisamos lembrar que para o protestantismo de matriz calvinista-puritana o progresso material, colocado como prosperidade na narrativa, é obtido através do trabalho e visto como sinal da graça de Deus (WEBER, 2004, p. 157).⁹⁸ Deste modo, indo ao encontro dessa ética do trabalho como prova de regeneração, *A História de André Dunn* demonstra que a conversão do protagonista representada pela adoção dos preceitos verdadeiramente cristãos dá origem a benefícios tanto no plano econômico como espiritual:

E não é de se estranhar que assim fosse; pois a verdadeira religião lhe aproveitou tanto no tempo real como espiritual, porque sua mulher e filhos

⁹⁸ Diferente do entendimento de Lutero, para quem a salvação estaria ligada apenas à fé (*Sola Fide*), no calvinismo puritano a justificação e a eleição, o estado de graça, encontram no trabalho profissional como meio “mais saliente para se conseguir essa autoconfiança” (WEBER, 2004, p.102).

que dantes eram ociosos, dedicaram-se ao trabalho, e o tempo que costumavam desperdiçar na ociosidade ou nos divertimentos, era agora por elles utilmente occupado. Compraram rodas de fiar com que fiavam linho, e disto tiravam um lucro regular; de modo que na cabana de André começavam a ser vistos signaes de comodidade e conforto que elle antes não gozara (IMPrensa EVANGELICA, 1/12/ 1866, p.179).

Essa temática da prosperidade pelo trabalho contribuía com o debate de modernização do Brasil oitocentista. Segundo Cavalcanti (2001), isto se desenvolveu justamente porque uma das marcas do *Imprensa* e dos demais jornais das denominações norte-americanas era exaltar o sucesso do capitalismo norte-americano, conseguindo atrair principalmente membros da elite urbana e rural brasileira, como políticos, escritores, militares, industriais e médicos.⁹⁹

Antes de fundar o *Imprensa Evangelica*, Simonton havia realizado viagens de reconhecimento e evangelização do território brasileiro, o que o levou a conhecer melhor a situação política, econômica e religiosa do país, assim como o conteúdo dos principais jornais do Brasil Império, onde pode observar muitas publicações a respeito de temas religiosos, principalmente contra a Igreja Católica (SANTOS, 2009, p. 62).

De maneira geral, as publicações contra a Igreja eram fruto do descontentamento dos liberais com o posicionamento desta e do Império diante das liberdades individuais. Estas muitas vezes esbarravam nos interesses do clero católico, principalmente diante da aproximação com os ideais secularistas e republicanos.

Conforme Rodrigo da Nóbrega Pereira (2007, p. 65), o liberalismo brasileiro do século XIX privilegiava um debate sobre o que consideravam o principal problema do país à época: a escravidão, entretanto, os temas da tolerância religiosa e da liberdade de crenças também eram considerados. Este assunto foi pauta importante no Brasil desde a constituinte de 1823, em que grupos liberais buscaram promover a aprovação de normas a favor da liberdade religiosa que, além de estar de acordo com os princípios do liberalismo em outras partes do mundo, contribuiriam com a questão da povoação do país por imigrantes de países europeus e dos Estados Unidos, que eram pessoas inclinadas ao trabalho e contribuiriam para o progresso da nação.

Consta que os textos preliminares ao de 1824 previam que:

⁹⁹ De acordo com Cavalcanti, a Igreja Presbiteriana foi a mais bem sucedida em angariar membros da nobreza e alta sociedade brasileira. Dentre as famílias nobres que se reformaram podemos citar as famílias do Marquês do Paraná e Barão de Antonina. Da burguesia urbana: Miguel Vieira Ferreira, o escritor Júlio César Ribeiro Vaughan e o médico Vital Brasil (CAVALCANTI, 2001, p.75).

1) os protestantes teriam os mesmos direitos políticos e civis que os católicos; 2) não haveria nenhuma restrição constitucional quanto ao culto público, à construção de templos ou à circulação de literatura protestante; 3) nada na Constituição sugeriria a proibição da conversão de brasileiros ao protestantismo. Tal como determinava o projeto constitucional, os únicos privilégios que a Igreja Católica deteria em relação às igrejas protestantes seriam o status oficial e a manutenção estatal. O projeto era tão benevolente em relação aos outros credos cristãos que o catolicismo foi denominado “religião do Estado *por excelência*” (PEREIRA, 2007, p.73).

No entanto, em vista das tentativas de atribuir direitos civis igualitários a essas populações compostas basicamente de protestantes não terem surtido o efeito desejado institucionalmente antes da Proclamação da República em 1889, espalharam-se cada vez mais publicações críticas à relação entre Estado e Igreja. É certo que esse ambiente conflituoso entre setores liberais e conservadores seguiu intenso até a década de 1880, quando avanços legislativos consideráveis começam a notar-se em direção à secularização do Estado brasileiro (PEREIRA, 2007, p.109).

O incentivo à imigração de protestantes para o país sob a justificativa de serem de uma “raça industriosa”, continuou sendo malvisto entre setores da Igreja Católica como os ultramontanos.

O *Imprensa* chegou a manifestar-se a respeito da imigração, referindo-se particularmente à defesa da vinda de imigrantes norte-americanos no contexto de reconstrução dos Estados Unidos em função da guerra civil. No ano de 1865, o editorial do jornal criticou os lentos progressos na legislação brasileira quanto às liberdades religiosas chegando a dizer que as leis brasileiras “comparadas com as leis dos Estados Unidos são iliberaes. Basta uma prova disto. É preciso jurar manter a religião oficial para ser deputado” (IMPrensa EVANGELICA, 18/11/1865, p.8).

Essa atmosfera de descontentamento de parte da sociedade brasileira com o catolicismo influenciou diretamente na atuação missionária através do jornal, pois além do *Imprensa* promover críticas à Igreja Católica, estabelecia o protestantismo como solução para “promover e assegurar a felicidade individual e social de qualquer povo” (IMPrensa EVANGELICA, 21/10/1865, p.2).

3.3.1 Padre Domingos como representação do catolicismo brasileiro

A conversão de André é o evento principal da narrativa, entre seus desdobramentos está a excomunhão pública da família Dunn por padre Domingos que, ao perceber o seu poder de sacerdote ameaçado, incita a comunidade a atacar

a família do protagonista quando declara publicamente na missa que não considera o assassinato de um herege um pecado mortal:

No dia em que o cura excomungou André e sua família, falou muito de *heresia*, e não teve escrúpulos de insinuar que o matar a um herege não era peccado mortal; mas antes, se não mente a voz pública como acto meritório. Sucedeu pois, que havia entre os ouvintes um certo Diogo Nowlan, que estava ressentido contra André [...] O dicto Nowlan, ao ouvir que André era declarado herege, e formalmente amaldiçoado pelo sacerdote, disse entre si: Agora é tempo de vingar-me deste tratante (IMPrensa EVANGELICA, 3/11/1886, p. 163).

Isso coloca o padre como um agente do mal, ignorante em matéria de religião e promotor de intolerância religiosa. Assim, define também a principal mensagem que a narrativa e o jornal pretendem passar: padre Domingos como representante do atraso social e religioso católico e André enquanto exemplo de bondade, prosperidade e cristão ideal reformado.

Em conformidade com o que vimos na Irlanda de Thomas Kelly, buscava-se com a obra o mesmo que no Brasil: a conversão da população católica ao protestantismo sob a justificativa de que a Igreja de Roma representava o atraso econômico e moral dos países onde o catolicismo era a religião da maioria da população. A maior parte dos missionários norte-americanos acreditava que o progresso material e o desenvolvimento social estavam ideologicamente relacionados ao estabelecimento do Reino de Deus na Terra (MENDONÇA, 2008, p.261). E para isso, os missionários acreditavam ser necessária conversão da população brasileira ao protestantismo através de dois grandes meios: conversão e educação.

Segundo Mendonça (2008), frequentemente conversão e educação foram “os dois lados de uma mesma moeda” e Simonton não via separação entre uma coisa e outra. Em texto lido diante do presbítero do Rio de Janeiro no dia 16/7/1867¹⁰⁰ declarou que:

Outro meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil é o estabelecimento de escolas para os filhos de seus membros. Em outros países é reconhecida a superioridade intelectual e moral da população que procura igrejas evangélicas. O evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva a fazer maiores esforços para avantajá-lo na senda do progresso. Se assim não suceder entre nós a culpa será nossa. Se a nova geração não for superior à atual não teremos preenchido nosso dever (SIMONTON, 2002, p.184).

¹⁰⁰ Esse discurso ficou conhecido pelo título de: *Os meios necessários e próprios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil*.

Ainda nesta oportunidade, o editor principal do *Imprensa Evangelica* da primeira gestão versou a respeito dos meios necessários para que todos os habitantes do Brasil fossem convertidos ao protestantismo. Na ocasião, Simonton defendeu o uso da imprensa taxando-a como arma poderosa para o bem ou para o mal e frisou: “Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia” (SIMONTON, 2002, p.181).

De todo modo, a preocupação central no discurso do missionário estava associada à necessidade de uma reflexão mais profunda acerca da propagação do Evangelho. Simonton exaltou especialmente o papel do exemplo de vida do pregador e do crente na sua difusão, para ele “a boa e santa vida de todo crente é uma pregação do Evangelho; esta é a mais eficaz” (SIMONTON, 2002, p.180).

Em *A História de André Dunn*, André é o exemplo de converso ideal. Tanto que, devido a sua trajetória, convertem-se ao protestantismo sua família, a família de Diogo e vários outros membros da comunidade, o que resulta na formação de um culto protestante ao redor da casa do personagem:

A casa de André se enchia de gente todos os Domingos de manhã e de tarde, e ainda que o culto nella tributado a Deus faltava uma cerimonia imponente, lhe era sem duvida agradável, porque reunidos o adoravam do modo que elle ordenara, isto é, em espírito e em verdade (IMPrensa EVANGELICA, 1/12/1866, p.180).

Como se não bastasse a família Dunn ter contagiado os demais habitantes das redondezas pelo exemplo do que acontecera com eles, André ainda acolhe um pobre estrangeiro que adoece naquelas terras e não tem mais onde ficar porque a família que o hospedava decide expulsá-lo quando cai doente. No mesmo momento que sabem do ocorrido, André e seu filho levam-no para casa:

[...] onde com o consentimento de sua familia, não só o acomodaram, como trataram-no do melhor modo possível. [...] Passado o rigor de sua enfermidade, [o hóspede] punha-se a reflectir sobre seu estado e não sabia explicar o cuidado extraordinário que dele tinham tido [...]. “Certamente, dizia elle, se ha christãos verdadeiros no mundo, são os desta família” (IMPrensa EVANGELICA, 15/12/ 1866, p. 186)

Como desdobramento do sucedido, há também a conversão deste estrangeiro que fica maravilhado com o tratamento bondoso que recebe da família Dunn. Valendo-se da oportunidade André lhe apresenta a “sancta religião” que havia lhe

proporcionado tantas graças e faz com que ele aja de maneira tão benevolente e o homem “[...] tendo voltado a sua casa, desenvolveu o mesmo zelo para fazel-a conhecer a seus visinhos, e quasi com tão bom exito como André entre os seus” (IMPrensa EVANGELICA, 15/12/1866, p. 186).

Neste sentido, a obra vai ao encontro da crença de Simonton de que o exemplo era uma forma eficaz de propagar o Evangelho, afinal, para o missionário

Outro meio de pregar o Evangelho ao alcance de todo crente é conversando com seus amigos, conhecidos e vizinhos e trazendo-os ao culto público [...] Cada crente deve comunicar ao vizinho ou próximo aquilo que recebe até que toda a sociedade seja transformada (SIMONTON, 2002, p. 181-182).

Deste modo, a concepção exposta por Simonton reforça o entendimento da presença de uma narrativa como *A História de André Dunn no Imprensa Evangelica*. Por meio de seu enredo, a narrativa encontra-se muito próxima também da postura da atuação missionária protestante nos países católicos que foi de “marcar sua diferença através de uma atitude negativa quanto à religião, cultura e moralidade católicas” (SANTOS, 2004, p.260).

Isto se vê com as atitudes e principalmente no desfecho tomado pelo representante do catolicismo na narrativa. Em seu leito de morte, padre Domingos demonstra-se arrependido e teme o que poderia acontecer com sua alma. Ao receber visita de André poucas horas antes de morrer, aflito, vocifera:

- Amigo André! Vou morrer, e o que é ainda pior, temo que minha alma esteja condenada às penas do inferno. [...] Ai de mim! Exclamou o padre: se eu tivesse feito caso de sua repreensão no dia em que fallamos em sua casa, teria podido salvar-me. Então Vm. Me disse que a cura de almas é um cargo de tremenda responsabilidade. Agora vejo que assim é, e tenho de dar contas ante o tribunal de Deus das muitas que se têm perdido por causa de minha negligencia, ou de minha ignorância (IMPrensa EVANGELICA, 15/12/1866, p.186)

Emocionado pelo grave estado de saúde do padre, e, após ouvir seus lamentos, André diz: “– Não diga Vm. Isso, respondeu-lhe André muito comovido, pois Deus disse que – o sangue de Jesus Christo nos purifica de todo o peccado. – I João I: 7” (IMPrensa EVANGELICA, 15/12/1866, p.186).

Impossibilitado de fazer algo a mais por Domingos diante daquela situação, o personagem principal retira-se do leito de morte de seu antagonista e dirige-se para casa a fim de chorar e refletir sobre o caso daqueles que, assim como o padre, deixam a salvação para a última hora:

André retirou-se apressadamente, não podendo já ser-lhe útil, e sendo-lhe o espectáculo demasiadamente doloroso. De volta a casa chorou amargamente, reflectindo sobre o erro fatal dos que deixam para a hora da morte o preparar-se para o céu. Concluo esta narração com uma breve notícia da morte feliz de Diogo Nowlan, a qual teve logar cêrca de dous annos depois (IMPrensa EVANGELICA, 15/12/1866, p.186).

A morte de padre Domingos serve mais uma vez para passar a mensagem de conversão ao protestantismo, o que fica ainda mais evidente quando no final da história é relatada a morte de Diogo Nowlan. O contraste entre a morte do padre e a de Diogo é grande, mesmo diante de seu passado negativo, Nowlan tem passagem tranquila e certa de que sua alma estava salva:

[...] a serenidade que se manifestava em seu semblante indicava aos que o viam o estado de seu interior; e o modo tão expressivo com que levantava as mãos e os olhos ao céu, quando já não podia articular, era prova de que estava em si, e que seu triumpho da morte era completo. Dentro de poucas horas sua ditosa alma se trasladou ao paraíso de Deus. Diga pois o que ler esta narração: - A minha alma morra da morte dos justos, e o fim da minha vida se assemelhe ao destes homens. Num. XXIII: 10. FIM (IMPrensa EVANGELICA, 15/12/1866, p.187, grifo nosso.).

O fato é que conforme Velasques Filho ressalta, para os missionários norte-americanos vindos ao Brasil aderir à nova religião significava um abandono dos valores culturais e morais católicos, que não eram reconhecidos pelos protestantes como cristãos, quer dizer, converte-se a essa nova religião era também adotar valores culturais e morais anglo-saxões (VELASQUES FILHO, 1990, p. 215-219).

Assim, o arrependimento de padre Domingos na hora da morte não é suficiente para garantir sua salvação, o clérigo entende que deverá ser exposto ainda ao julgamento divino, no entanto, Diogo, que mudou seus costumes por conta de sua conversão ao protestantismo, teria passado diretamente ao paraíso.

Não é possível afirmar que os brasileiros da época tiveram a mesma leitura que *A História de André Dunn* e o *Imprensa* sugerem, afinal, é preciso considerar o “substrato cultural brasileiro na sua complexidade” (SANTOS, 2004, p.284). Como defende Roger Chartier (2001, p. 214) a prática da leitura não é um ato passivo, nela se criam novos significados e interpretações novas e, muitas vezes, independentes das intenções dos autores e dos produtores de livros. Contudo, o conteúdo do romance correspondia às principais propostas e interesses do *Imprensa Evangelica*, que fez com que essa narrativa dialogasse com seus demais conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho buscamos entender o tema das missões protestantes oitocentistas a partir das contribuições de pesquisadores missiólogos, sociólogos e historiadores para compreendê-las em seu contexto e com suas referências fundadoras: os reavivamentos evangélicos ocorridos no mundo anglo-saxão dos finais do século XVIII e início do XIX.

Entendemos que para investigar a atividade missionária através de um periódico presbiteriano surgido no Brasil da segunda metade do século XIX é necessário partir da premissa de que sua atuação não pode ser entendida como um fato isolado e notamos que o auge das missões protestantes norte-americanas no Brasil esteve intrinsecamente ligado à cultura impressa de massa nos Estados Unidos.

Dentre os efeitos gerados por essa questão cultural no interior do missionarismo norte-americano trabalhamos principalmente com o considerável nível de organização e promoção das missões através de livros, manuais, boletins e revistas missionárias. Buscamos demonstrar o quanto das representações e estratégias partilhadas nesses documentos também estiveram presentes no jornal *Imprensa Evangelica*.

Consideramos que esse foi um importante elemento para os demais capítulos porque demonstrou o quanto dessa cultura impressa de massa norte-americana esteve em constante diálogo com os demais assuntos investigados. Afinal, outras formas de atuação vistas no jornal, incluindo a apropriação de gêneros literários para a propagação do protestantismo, também estiveram ligadas a esse momento.

A utilização de romances religiosos foi importante para a atuação protestante no campo das disputas religiosas norte-americanas, uma prática que os missionários editores do *Imprensa* trouxeram para o Brasil, conseguimos perceber que a presença dos romances-folhetim na primeira gestão do jornal voltou-se a atender os seus principais interesses.

Entendemos que os romances-folhetim estavam em consonância com os demais conteúdos do jornal e visavam influenciar e instruir o público leitor de acordo com o principal propósito missionário: a conversão, que contava com estratégias para sua realização como a defesa da importância do culto doméstico, presente em *A História de André Dunn*. Esta era a única forma aceita de culto pelo Império de religiões que não eram a oficial, mas também era herança cultural dos protestantes

que defendiam que não havia a necessidade de mediação de um sacerdote na relação com o sagrado. O culto doméstico também era uma forma de reforçar o papel dos pais na educação religiosa dos filhos.

No romance analisado a conversão do personagem e a forma como ele passa a comportar-se depois dela influenciam sua família, mas também toda a comunidade e para o principal editor do *Imprensa* na primeira gestão, Ashbel Green Simonton, o exemplo do converso era uma das formas mais eficazes de espalhar o Evangelho e a religião protestante.

Além disso, apesar da resistência inicial dos protestantes ao gênero romance, foi possível perceber que após ser aceito pelo setor ele foi muito utilizado nos campos de missão e pode ser considerado um importante condutor dos elementos do movimento missionário oitocentista. Assim, a apropriação e veiculação desse gênero literário pelo jornal deixou importantes indícios dos traços constitutivos do missionarismo protestante como as supracitadas estratégias para a conversão e fatores como: o emocionalismo pietista, o voluntarismo arminiano conversionista e o anticatolicismo.

Ademais, percebemos que a utilização desse tipo de conteúdo respeitou aspectos próprios do setor religioso protestante através do exemplo dos personagens das histórias. Em oposição às narrativas fantásticas de alguns romances laicos, parece-nos que a principal estratégia adotada pelos protestantes foi a produção de personagens exemplares em situações que, além de aproximarem-se da realidade do território de missão, buscavam servir aos principais objetivos missionários.

Assim, por meio da análise de *A História de André Dunn*, entendemos que a publicação do romance-folhetim associada aos demais conteúdos do jornal e às intervenções feitas pelos editores em sua narrativa visava a um controle ainda maior sobre a interpretação da obra.

Como nos últimos anos têm-se dado atenção às práticas leitoras e editoriais relacionadas ao protestantismo no Brasil, um objetivo perseguido pelos pesquisadores alinhados com a História da Leitura tem sido a busca pelo entendimento da recepção dessas obras. No entanto, percebemos que a ausência de fontes documentais contendo as vozes daqueles que um dia entraram em contato com essas narrativas têm sido um obstáculo para uma noção mais aproximada acerca de suas interpretações e leituras.

Em grande medida a recepção fez parte das primeiras intenções da presente pesquisa, mas no decorrer do trabalho vimos que sua realização não seria possível com o material que conseguimos reunir. Contudo, acreditamos que com este trabalho podemos abrir espaço para próximas investigações que busquem relacionar a presença dos romances-folhetim nas diferentes fases do jornal *Imprensa Evangelica*.

Por fim, ao trabalhar algumas influências da cultura impressa de massa na primeira fase do *Imprensa*, acreditamos que é possível desenvolver outras investigações que busquem explorar a presença dos artigos e das imagens advindos dessa cultura e veiculados pelo jornal. Acreditamos também que seria interessante uma análise dos principais sentimentos que esses conteúdos buscavam suscitar no público leitor nas diferentes fases editoriais do jornal e a recepção desses materiais pelo público no caso de haver fontes que possibilitem investigá-la.

FONTES

A CONFISSÃO DE FÉ. Rio de Janeiro: Livraria Evangelica, 1876. Disponível em: < <https://bit.ly/32bAEon> >. Acesso em: 3 jun. 2019.

AMERICAN AND FOREIGN CHRISTIAN UNION. Foreign Field. Brazil. vol. IX, n. 4. April, 1858. Disponível em: < <https://bit.ly/2KTlnlz> >. Acesso em: jan. 2019.

AMERICAN AND FOREIGN CHRISTIAN UNION. Romanism in the United States. The Society and its Work Indispensable. Vol. IX, s/n. February, 1858. Disponível em: < <https://bit.ly/2Lz9P7v> >. Acesso em: 3 jun. 2019.

AMERICAN AND FOREIGN CHRISTIAN UNION. Foreign Field. Brazil. vol. IX, n. 7. July, 1858. Disponível em: < <https://bit.ly/2XpB0sG> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

AMERICAN AND FOREIGN CHRISTIAN UNION. Our continent South of the United States. Vol. IX, n. 10. October, 1858. Disponível em: < <https://bit.ly/2JqYB2p> >. Acesso em: 3 jun. 2019.

AMERICAN TRACT SOCIETY. **Forty-fifth Annual Report of the American Tract Society**. New York, 1870. Disponível em: < <https://bit.ly/2Yz6rx6> >. Acesso em: 3 fev.2018.

AMERICAN TRACT SOCIETY. Portuguese volumes, 18MO. In: **Forty-fifth Annual Report of the American Tract Society**. New York, 1870. Disponível em: < <https://bit.ly/2Yz6rx6> >. Acesso em: 3 fev.2018.

AMERICAN TRACT SOCIETY. **The Stewardship of the American Tract Society**. Its charitable receipts, and what it did with them. 1871. Disponível em: < <https://bit.ly/2URJ2V9> >. Acesso em: 24 fev. 2018.

AMERICAN TRACT SOCIETY. Foreign and pagan lands. In: **The Stewardship of the American Tract Society**. Its charitable receipts, and what it did with them. 1871. p.13 -15. Disponível em: < <https://bit.ly/2URJ2V9> >. Acesso em: 24 fev. 2018.

ANDREWS, C. W. **Religious novels**: An argument against their use. 2ª ed. New York: Anson D.F. Randolph, 1856. Disponível em: < <https://bit.ly/2NweCZV> >. Acesso em: 3 jul.2019.

BUNNYAN, John. O Peregrino. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2013. e.PUB.

BRAZILIAN MISSIONS. Liberty of Worship. Vol. I, n. 11. November, 1888. Disponível em: < <https://bit.ly/2XLjcYb> >. Acesso em: 5 mar. 2019.

DOANE, George Washington D. D. Discourse II. The missionary character of the church. In: **A Voice From the Sanctuary on the Missionary Enterprise**: Being a Series of Discourse Delivered in America, Before the Protestant Episcopal Board of Foreign Missions, The American Board of Foreign Missions, &c., &c. By The Most

Eminent Divines of that Country, Belonging to Various Denominations. London. 1845. Disponível em: < <https://bit.ly/2RUuzYz> >. Acesso em: 3 mar. 2019.

DOBBINS, Frank S. **A Foreign Missionary Manual**. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1881. Disponível em: < <https://bit.ly/2XkcGbs> >. Acesso em: 20 jun. 2018.

DOBBINS, Frank S. **Story of the world's worship**. Chicago: The Dominion Company, 1901. Disponível em: < <https://bit.ly/2JnFITd> >. Acesso em: 20 jun. 2018.

EFÉSIOS, In: NOVO TESTAMENTO. João Ferreira de Almeida. Salvador, Bahia: Nostrum Editora, 2014. Cap. 3, vers. 8.

ÊXODO. In: ANTIGO TESTAMENTO. João Ferreira de Almeida. Salvador, Bahia: Nostrum Editora, 2014. Cap. 20, vers. 4-5.

GREEN, Ashbel. **Presbyterian Missions**. New York: Anson D. F. Randolph & Company, 1838. Disponível em: < <https://bit.ly/2Jsxcge> >. Acesso em: 2 mar. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. Prospecto. n. 1. Rio de Janeiro. 5 de novembro de 1864. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. Imprensa Evangelica. n. 24. Rio de Janeiro. 21 de outubro de 1865. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. Noticiário. n. 26. Rio de Janeiro. 18 de novembro de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A exposição universal de 1867. Vol. III. n. 19. Rio de Janeiro. 5 de outubro de 1867. Disponível em: < <https://bit.ly/2JsToXA> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. O Evangelho em Pekim, capital do Imperio da China. Vol. III. n. 15. Rio de Janeiro. 3 de agosto de 1867. Disponível em: < <https://bit.ly/2XJq6xi> >. Acesso em: 4 jun. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. A Torre de Ningpo. Vol. II. n. 6. Rio de Janeiro. 17 de março de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O evangelho na Itália. Vol. III. n. 17. Rio de Janeiro. 7 de setembro de 1867. Disponível em: < <https://bit.ly/2Yz0nou> >. Acesso em: 2 jul. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. Consideração sobre a religião. n. 1. Rio de Janeiro. 5 de novembro de 1864. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. Testemunho de homens distintos sobre a excellencia da Biblia. n. 1. Rio de Janeiro. 5 de novembro de 1864. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A Insania da idolatria. n. 1. Rio de Janeiro. 6 de janeiro de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O culto de imagem e a sensualidade. Vol. II. n. 4. Rio de Janeiro. 17 de fevereiro de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O Apostolo contra a "Imprensa Evangelica." Vol. II. Rio de Janeiro. 19 de março de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O culto de imagem e a sensualidade. (Continuação do n. 4.). Vol. II. n. 5. Rio de Janeiro. 3 de março de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. Advertencia aos pais de familia. Vol. I. n. 3. Rio de Janeiro. 3 de dezembro de 1864. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O governo e o ensino religioso. n. 13. Rio de Janeiro. 6 de maio de 1864. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A mãe indiana. Vol. II. n. 2. Rio de Janeiro. 20 de janeiro de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. Advertencia aos nossos leitores. Vol. II. n.1 . Rio de Janeiro. 6 de janeiro de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O relojoeiro e a sua familia. Vol. II. n. 6. Rio de Janeiro 17 de março de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O relojoeiro e a sua familia. Vol. II. n.3. Rio de Janeiro. 3 de fevereiro de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O relojoeiro e a sua familia. Vol. II. n. 5. Rio de Janeiro. 3 de março de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. O relojoeiro e a sua familia. Vol. II. n. 7. Rio de Janeiro. 7 de abril de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 14. Rio de Janeiro. 21 de julho de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n.15. Rio de Janeiro. 4 de agosto de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 16. Rio de Janeiro. 18 de agosto de 1866. Disponível em: Arquivo Histórico Presbiteriano.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 19. Rio de Janeiro. 6 de outubro de 1866. Disponível em: < <https://bit.ly/2XnaMH2> >. Acesso em: 3 jul. 1866.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 20. Rio de Janeiro. 20 de outubro de 1866. Disponível em: < <https://bit.ly/2JawVjl> >. Acesso em: 2 jul. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 21. Rio de Janeiro. 3 de novembro de 1866. Disponível em: < <https://bit.ly/2RSIRc5> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 23. Rio de Janeiro. 1 de dezembro de 1866. Disponível em: < <https://bit.ly/2Lz7Vnq> >. Acesso em: 1 jul. 2019.

IMPrensa EVANGELICA. A História de André Dunn. Vol.II. n. 24. Rio de Janeiro. 16 de dezembro de 1866. Disponível em: < <https://bit.ly/329th0D> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James Cooley. **O Brasil e os brasileiros**: esboço histórico e descritivo. Brasileira, 1941.

LOWRIE, John C. **A manual of Missions or Sketches of the Foreign Missions of the Presbyterian Church**: with maps showing the stations, statistics of protestant missions among unevangelized nations. New York. 1854. Disponível em: < <https://bit.ly/2KVV0R6> >. Acesso em: 28 jun. 2018.

MATEUS. In: NOVO TESTAMENTO. João Ferreira de Almeida. Salvador, Bahia: Nostrum Editora, 2014. Cap. 28. vers. 18-20.

MONTGOMERY, James. Introduction. In: **A Voice From the Sanctuary on the Missionary Enterprise**: Being a Series of Discourse Delivered in America, Before the Protestant Episcopal Board of Foreign Missions, The American Board of Foreign Missions, &c., &c. By The Most Eminent Divines of that Country, Belonging to Various Denominations. London. 1845. Disponível em: < <https://bit.ly/2RUuzYz> >. Acesso em: 3 mar. 2019.

O APOSTOLO. A Imprensa Evangelica (Gazeta Protestante). Ano. 1. n. 11. Rio de Janeiro. 18 de março de 1866. Disponível em: < <https://bit.ly/2RXuXWk> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton 1852-1866**. São Paulo: Cultura Cristã. 2002.

SIMONTON, Ashbel Green. Os meios necessários e próprios para plantar o reino de Jesus Cristo no Brasil. In: **O Diário de Simonton 1852-1866**. São Paulo: Cultura Cristã. 2002.

THE CONVERSION AND EDIFYING DEATH OF ANDREW DUNN. Philadelphia. E. Cumiskey- South sixth street. 1837. Disponível em: < <https://bit.ly/2XmRzQQ> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

THE HISTORY OF ANDREW DUNN. Philadelphia. 1827. Disponível em: < <https://bit.ly/2LznDPf> >. Acesso em: 3 jul. 2019.

WELLS, Amos R. **The Missionary Manual**: missionary methods for young people's religious societies. Boston: P.H. Gilson Company Printers And Bookbinders, 1899. Disponível em: < <https://bit.ly/2LlkJln> >. Acesso em: 18 jun. 2018.

REFERÊNCIAS

ABRÊU, Eide Sandra Azevêdo. **“Um pensar a vapor”**: Tavares Bastos, divergências na Liga Progressista e negócios ianques. IN: MARSON, Isabel Andrade e OLIVEIRA, Cecília Helena L. de Salles. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2013.

ABREU, Márcia et al. Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX. **Caminhos do romance**. Universidade Estadual de Campinas, 2005. Disponível em: < <https://bit.ly/2XqfW5h> >. Acesso em: 12 abr.2019.

ABREU, Márcia. Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas. **Convergência Lusíada**, v. 21, p. 199 - 222, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2Xq7NxN> >. Acesso em: 21 mar. 2019.

ABREU, Márcia. A liberdade e o erro: a ação da censura luso-brasileira (1769-1834). **Fênix Revista de História e Estudos Culturais**, v. 6, n. 3, 2009. Disponível em: < <https://bit.ly/2xq4hnJ> >. Acesso em: 23 mar. 2019.

ABREU, Márcia. Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro. v. 21, p. 199-222, 2005. Disponível em: < <https://bit.ly/2LAIKps> >. Acesso em: 29 mar/ 2019.

AHLSTROM, Sydney E. **A Religious History of the American People**, vol. 1. New York: Doubleday, v. 1, p. 532, 1975.

APPLEBY, R. Scott. **The ambivalence of the sacred: religion, violence, and reconciliation**. New York: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2000.

BARR, Colin; CAREY, Hilary M. **Religion and greater Ireland**: Christianity and Irish global networks, 1750-1950. McGill-Queen's University Press. 2015. Epub.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

BREPOHL, Marion. Presença protestante na África; ressonâncias da Segunda Reforma. **Estudos de Religião**, v. 30, n.2, p.-171-194, mai-ago. 2016. Disponível em: < <https://bit.ly/2xr2Fdc> >. Acesso: 05 de maio de 2018.

BROWN, Candy Gunther. **The word in the world**. The University of North Carolina Press, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro das sombras**: a política imperial. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CARTER, Grayson. **Anglican evangelicals: Protestant secessions from the via media, c. 1800-1850**. Wipf and Stock Publishers, 2015.

CAVALCANTE, Ronaldo. **As relações entre protestantismo e modernidade: história e memória**. São Paulo: Paulinas, 2017.

CAVALCANTI, H.B. O Projeto Missionário Protestante no Brasil do século 19: Comparando a experiência presbiteriana e Batista. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p.61-93, 2001. Disponível em: < <https://bit.ly/2XISo1o>> . Acesso: 20 de set. de 2018.

CAVALCANTI, H. B. Human agency in mission work: Missionary styles and their political consequences. **Sociology of religion**, v. 66, n. 4, p. 381-398, 2005. Disponível em:< <https://bit.ly/2RRzObn> >. Acesso em: 2 mar. 2019.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In. HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COMERFORD, R.V. Deference, Accommodation, and conflict in Irish Confessional Relations. In: BARR, Colin; CAREY, Hilary M. **Religion and greater Ireland: Christianity and Irish global networks, 1750-1950**. McGill-Queen's University Press. 2015. Epub.

CORRIGAN, John. Protestantism in the United States of America to the Present Day. In: MCGRATH, Daren C. Marks. **The Blackwell Companion to Protestantism**, 2004.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7 ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CRUZ, André Silvério da. Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – **O Pensamento Católico à Procura de Lugar na Primeira República Brasileira**. Assis, ABHR: 2008. Disponível em: < <https://bit.ly/309Thao>>. Acesso: abril/2019.

CRUZ, Karla Janaina Costa. **Cultura impressa e prática leitora protestante no Oitocentos**. 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: < <https://bit.ly/2J8SY9O> >. Acesso em: 25 mar. 2019.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Graal, 1986.

DA SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: < <https://bit.ly/2NKAukH> >. Acesso: 26 mai. 2018.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

FARIAS, Juliana Barreto. Na lei e na marra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n. 108, p. 40, 41, 42, 2014.

FRESTON, Paul. Proselitismo e Globalização: Dimensões internacionais dos Direitos Humanos Religiosos. In: BREPOHL, Marion, CAPRANO, André Mendes, GARRAFFONI, Renata. **Sentimentos na História**: linguagens, práticas, emoções. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

GASBARRO, Nicola. A Modernidade Ocidental e a Generalização de “Religião” e “Civilização”: o agir comunicativo das missões. In: Almeida, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da. **Missão e Pregação**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 189-210.

GIORDANO, FILIPPO. **Visser't Hooft between Ecumenism and Federalism**: The Idea of European Unity. Brussels: P.I.E. PETER LANG, 2014. Disponível em: < <https://bit.ly/307L9ao> >. Acesso em: 2 mar. 2019.

GIRALDI, Luiz Antonio. **História da Bíblia no Brasil**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. Epub.

GONÇALVES, Antonio Baptista. Da intolerância religiosa aos Direitos Humanos. **Último Andar**, [S.l.], n. 21, p. 89-121, mar. 2013. ISSN 1980-8305. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/view/13986/10292>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Unum Corpus Sumus in Cristo? Iniciativas de fraternidade e cooperação protestante no Brasil (1888-1940)**. 2015. 292 f. Tese de Doutorado – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: < <https://bit.ly/2Jl5x0H> >. Acesso: 24 dez. 2017

GRAHAM, Richard. Os fundamentos da ruptura de relações diplomáticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha em 1863: "A questão Christie". **Revista de História**, v. 24, n. 49, p. 117-138, 1962. Disponível em: < <https://bit.ly/2FQaUnH> >. Acesso em: 03 abr. 2019.

GUIMARÃES, H. Pai Tomás no romantismo brasileiro. **Teresa**, n. 12-13, p. 421-429, 23 dez. 2013. Disponível em: < <https://bit.ly/2XKJtpF> >. Acesso em: 03 abr. 2019.

HALL, Stuart (Ed.). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. Sage, 1997.

KARNAL. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOSCHORKE, Klaus et al. (Ed.). **A history of Christianity in Asia, Africa, and Latin America, 1450-1990**: A documentary sourcebook. Wm. B. Eerdmans Publishing, 2007.

FERREIRA, João Leonel. **História da leitura e protestantismo brasileiro**. Mackenzie, 2010.

LESSA, Themudo. **Anais da primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LOPES, Nicanor. **Social Responsibility, Preaching and Education**: missiological tensions in the Missionary Project of the Methodist Church on Brazilian soil. 2012. 263 f. Tese (Doutorado em 1. Ciências Sociais e Religião 2. Literatura e Religião no Mundo Bíblico 3. Práxis Religiosa e Socie) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012. Disponível em: < <https://bit.ly/2FOsCle> >. Acesso em: 23 mar. 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, Religião e Sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2017, Epub.

MARTINS, Ana Luíza. Imprensa em tempos de Império. In. MARTINS, Ana Luíza e LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTINS, Fausto Sanches. As imagens das nossas igrejas. 2002. Disponível em: Acesso em: <<https://bit.ly/2J6okht>>. Acesso em: 3 mai. 2019.

MARTINS, Karla Denise. “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”: relações entre a Igreja e o Estado no Pará oitocentista. **Revista de História Regional** 13(2): 70-103, Inverno, 2008. Disponível em: < <https://bit.ly/2KYfg0n> >. Acesso em: 22 mar. 2019.

MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2005.

MARTY, Martin E. The American Revolution and religion, 1765–1815. In: BROWN, Stewart J.; TACKETT, Timothy. **The Cambridge History of Christianity**: Enlightenment, Reawakening and Revolution 1660–1815. Vol. 3, New York, Cambridge University Press, 2006.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: A Inserção do Protestantismo no Brasil. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n 67, p. 48- 67, 2005. Disponível em: < <https://bit.ly/2XIEkA7> >. Acesso em: abril/2019.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Legislação emancipacionista, 1871 e 1885. In. SCHWARCZ, Lília Moritz e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luíza e LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MORGAN, David. **Protestants and pictures**. New York: Oxford University Press, 1999.

MORGAN, David. Mídia, Milênio, Nacionalidade: Cultura Impressa Evangélica nos Primórdios da Nação Norte-Americana. In: Almeida, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da. **Missão e Pregação**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 233-258.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **To Educate, To Cure, To Save: an island of civilization in the Tropical Brazil**. 2005. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: < <https://bit.ly/2Yv362b> >. Acesso em: 24 mar. 2019.

NIEBUHR, Richard H. **As origens das denominações cristãs**. Ciências da Religião. 1992.

NIELSEN, Hilde; OKKENHAUG, Inger Marie; HESTAD-SKEIE, Karina. Introduction. In: NIELSEN, Hilde; OKKENHAUG, Inger Marie; HESTAD-SKEIE, Karina (Ed.). **Protestant missions and local encounters in the nineteenth and twentieth centuries: Unto the ends of the world**. Brill, 2011.

NOBREGA, Rodrigo. Mito da Regeneração Nacional: Missionários protestantes, políticos liberais e a salvação do Brasil (século XIX). **Intellèctus**, v. 4, n. 2, 2004. Disponível em: < <https://bit.ly/2FPnvYp> >. Acesso em: 7 mar. 2019.

NOGUEIRA, André Carreiro. **Uma leitura do jornal Imprensa Evangélica a partir do romance Lucila**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em: < <https://bit.ly/2JpyrNe> >. Acesso em: 12 mar. 2019.

NOLL, Mark A. **Protestants in America**. New York: Oxford University Press, 2000.

OLIVEIRA, Débora Villela de. **A "sólida e estável" monarquia nos trópicos: imagens sobre o Brasil e os brasileiros no livro Brazil and The Brazilians - Portrayed in Historical and Descriptive Sketches, de Kidder e Fletcher, 1857**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: < <https://bit.ly/2XIhYUa> > Acesso em: 2 mar. 2019.

OLIVEIRA, Luciano Conrado; MARTINS, Karla Denise. O ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, MG, n. 2, dez. 2018. ISSN 2236-5176. Disponível em: < <https://bit.ly/2Lz2Dbp> >. Acesso em: 03 abr. 2019.

OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. **"Candida": missões e relações de gênero em um romance protestante no alvorecer do século XX**. 2018. 1 recurso online (238 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de

Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: < <https://bit.ly/2FOc0Ag> >. Acesso em: 3 set. 2018.

O'NEILL, Peter D. **Famine Irish and the American Racial State**. Routledge, 2017. Epub.

PAULA, João Antônio de. O Processo Econômico. In. CARVALHO, José Murilo de. **A Construção Nacional (1830-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 179-223.

PEREIRA, Marco Aurélio M. Territorialidades religiosas no Brasil oitocentista: A Imprensa Evangélica e a implantação do presbiterianismo no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões. Setembro de**, 2007. Disponível em: < <https://bit.ly/2J9d7Nm> >. Acesso: 22 de julho de 2018.

PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina**: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960). São Leopoldo: Sinodal, 2006.

PORTER, Andrew. **The Oxford History of the British Empire**. New York: Oxford University Press, 1999.

RAMSBOTTOM, B. A. Introdução. In. KELLY, Thomas. **Hymns on Various Passages of Scripture**. Standard Trust Publications, 2010.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**. Sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Editora Companhia das Letras, 2007. E.pub.

SANTOS Edwiges Rosa dos. **O jornal Imprensa Evangélica**: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira**. 2004. 339 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004. Disponível em: < <https://bit.ly/2RVgOJg> >. Acesso em: 1 fev. 2019.

SANTOS, Silas Daniel dos. **O jornal Imprensa Evangelica e as origens do protestantismo brasileiro no século XIX**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://bit.ly/2J99FC3> >. Acesso em: 2 mar. 2018.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHENK, Wilbert R. Henry Venn. **Missionary Statesman**: Wipf and Stock Publishers, 2006.

SILVA, Eliane Moura da. Apresentação. In: org: SILVA, Eliane Moura, CAMPOS, RENDERS, Helmut, Leonildo Silveira. **O Estudo das Religiões**: entre a cultura e a comunicação. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, p.7-17, 2014.

SILVA, Eliane Moura da. Missões e narrativas protestantes norte-americanas no Brasil (1870-1920). In. Almeida, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da. **Missão e Pregação**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 211-231.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Mauad Editora, 1999.

SOUZA, José Roberto. Mapeamento histórico do(s) protestantismo(s) em terra Brasilis: O protestantismo de missão e a contribuição de Ashbel Green Simonton. **PARALELUS**, Recife, Ano 2, n. 4, p. 137- 155, 2011. Disponível em: < <https://bit.ly/2XIWYpl> > Acesso em: 25 mar 2016.

STUNT, Timothy. **From awakening to secession: radical evangelicals in Switzerland and Britain, 1815-35**. Bloomsbury Publishing, 2000.

USTORF, Werner. Global Topographies: The Spiritual, the Social and the Geographical in the Missionary Movement from the West. **Social Policy & Administration**, Maldem, MA, Vol. 32, No.5, p.591-604, December 1998. Disponível em: < <https://bit.ly/2XMDiBw> >. Acesso em: 28 fev. 2019.

VARG, Paul A. Motives in protestant missions, 1890-1917. **Church History**, Cambridge University Press, Vol. 23, No. 1, p. 68-82, 1954. Disponível em: <https://bit.ly/2LxGpH2>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As boas novas pela palavra impressa**: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930). 2010. 208 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:< <https://bit.ly/2LANzKC> >. Acesso em: 3 mar. 2019.

VELASQUES FILHO, Prócoro. Sim a Deus e não à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio Gouveia; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, p. 205-232, 1990.

VERKUYL, Johannes. The kingdom of God as the goal of the missio Dei. **International Review of Mission**, v. 68, n. 270, p. 168-176, 1979. Disponível em: < <https://bit.ly/30esJ7V> >. Acesso em: 13 de abril de 2018.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e A Questão Religiosa no Brasil**. 2ª edição. Brasília: UnB, 1980.

VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. **Estudos Teológicos**, v. 27, n. 3, p. 195-217, 1987. Disponível em: < <https://bit.ly/2Xq9Dyo> >. Acesso em: 03 abr. 2019.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **História da Questão Religiosa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

WARNECK, Gustav. **Out line of a history of Protestant missions from the Reformation to the present time**. 3 ed. New York: Fleming H. Revell Company, 1906.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

WHELAN, Irene. **The Bible war in Ireland**: The ‘Second Reformation’ And the polarization of Protestant- Catholic Relations, 1800-1840. Dublin: The Lilliput Press. 2012. Epub.